O LIVRE MERCADO E SEUS INIMIGOS

Pseudociência, Socialismo e Inflação

Ludwig von Mises

May 28, 2016

Este livro foi originalmente entregue como uma série de palestras de Mises, em 1951, no FEE, e foi transcrito por Bettina Bien Greaves. Ele permaneceu inédito até 2004.

Contents

Prefácio

Agradecimentos

Estas palestras, proferidas por Ludwig von Mises na Foundation for Economic Education, no verão de 1951, não existiriam se não fosse por Bettina Bien Greaves, que as transcreveu palavra por palavra em taquigrafia, e que gentilmente tornou-as disponíveis para a FEE. Sra. Greaves serviu como um membro da equipe sênior da Fundação por quase 50 anos, até sua aposentadoria em 1999. Ela e seu falecido marido, Percy L. Greaves, Jr., estavam entre os amigos mais próximos de Mises. Sua apreciação e compreensão das obras de Mises têm ajudado a manter seu legado vivo para uma nova geração de amigos da liberdade.

A publicação dessas palestras tem sido possível graças ao tipo de generosidade do Sr. Sheldon Rose de Farmington Hills, Michigan, e Richard E. Fox da Fundação de Pittsburgh, Pensilvânia, e especialmente ao apoio incondicional do executivo sênior da Fundação Fox, o Sr. Michael Pivarnik.

Sra. Beth Hoffman, editora-chefe das publicações mensais da FEE, *The Freeman*, supervisionou a preparação do manuscrito do início ao fim com o cuidado profissional habitual.

Introdução, por Richard M. Ebeling

DURANTE UM PERÍODO DE DOZE DIAS, a partir de 25 de junho até 6 de julho, de 1951, o internacionalmente renomado economista austríaco Ludwig von Mises fez uma série de palestras na Foundation for Economic Education (FEE), em sua sede na Irvington-on-Hudson, Nova York. Bettina Bien Greaves, um membro da equipe FEE, nesse momento, transcreveu as palestras de Mises em taquigrafia, palavra por palavra, e depois as transcreveu em um manuscrito completo. Ele permaneceu inédito até agora.

FEE tem o orgulho de finalmente tornar essas palestras disponíveis para uma nova geração. Mises tinha quase 70 anos de idade, quando ele falou as palavras que estão neste texto, mas revelam uma vitalidade de espírito que é jovem em sua clareza e visão do mercado livre e sua análise crítica dos inimigos da liberdade.

Ludwig von Mises: Sua Vida e Contribuições

Durante as décadas antes de Mises ter dado estas palestras na FEE, ele havia estabelecido-se como uma das principais vozes da liberdade no mundo ocidental[1]

Ludwig von Mises nasceu em 29 de setembro de 1881, em Lemberg, a capital da província de Galiza, no antigo Império Austro-Húngaro (agora conhecido como Lvov, na Ucrânia ocidental). Ele se formou na Universidade de Viena, em 1906, com o grau de doutor em jurisprudência, e uma especialização em economia. Depois de trabalhar brevemente como um caixeiro de lei, ele foi contratado pela Câmara de Comércio, Artesanato e Indústria, em 1909, e dentro de alguns anos, foi promovido ao cargo de um dos analistas econômicos seniores da Câmara.

Mises foi logo reconhecido como uma das mentes mais perspicazes e penetrantes na Áustria. Em 1912, ele publicou *A Teoria da Moeda e do Crédito*, um livro que foi rapidamente aclamado como um grande trabalho sobre teoria e política monetária, no qual ele apresentou pela primeira vez o que se tornou conhecida como a *Teoria Austríaca do Ciclo de Negócios*. A inflação e depressões não eram inerentes dentro de uma economia de livre mercado, Mises argumentou, mas eram causadas por má gestão do governo dos sistemas monetários e bancários[2]. Seu trabalho acadêmico foi interrompido em 1914, no entanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial. Para os próximos quatro anos, Mises serviu como oficial no exército austríaco, a maior parte desse tempo na frente oriental contra o Exército russo. Ele foi três vezes condecorado por bravura sob o fogo. Depois de Lenin e os bolcheviques assinarem uma paz em separado com a Alemanha Imperial e Áustria-Hungria em Março de 1918, que retirou a Rússia da guerra, Mises foi nomeado o oficial encarregado do controle da moeda, naquela parte da Ucrânia ocupada pelo Exército austríaco, nos termos do tratado de paz, com sua sede na cidade portuária de Odessa, no Mar Negro. Durante os últimos meses de guerra, antes do armistício de 11 de Novembro de 1918,

[1]Sobre a vida e as contribuições de Mises para a economia e a filosofia da liberdade, ver Richard M. Ebeling, *Austrian Economics and the Political Economy of Freedom* (Northampton, Mass.: Edward Elgar, 2003), cap. 3, *"A Rational Economist in an Irrational Age: Ludwig von Mises"*, pp. 61-99; e Richard M. Ebeling, *"Planning for Freedom: Ludwig von Mises as Political Economist and Policy Analyst"* in Richard M. Ebeling, ed., *Competition or Compulsion: The Market Economy versus the New Social Engineering* (Hillsdale, Mich.: Hillsdale College Press, 2001), pp. 1-85; veja também Murray Rothbard, *"Ludwig von Mises: Scholar, Creator, Hero"* (Auburn, Ala.: Ludwig von Mises Institute, 1988), e Israel M. Kirzner, *"Ludwig von Mises"* (Wilmington, Del.: ISI Books, 2001).

[2]Ludwig von Mises, *"The Theory of Money and Credit"* (Indianapolis: Liberty Classics [1912; revised eds., 1924, 1953] 1980); e também por Mises, *"Monetary Stabilization and Cyclical Policy"* [1928] reimpresso por Israel M. Kirzner, ed., *Austrian Economics: A Sampling in the History of a Tradition, Vol. 3: The Age of Mises and Hayek* (London: William Pickering, 1994), pp. 33-111.

Mises estava estacionado em Viena servindo como analista econômico para o alto comando austríaco.

Após passar em revista fora do exército no final de 1918, ele retornou às suas funções na Câmara do Comércio de Viena, com a responsabilidade adicional, até 1920, de estar no comando de um ramo da Liga da Comissão de Reparações das Nações supervisionando a liquidação de obrigações de dívida pré-guerra.

Nos anos imediatamente a seguir à guerra, a Áustria estava em um estado de caos. O antigo Império Austro-Húngaro terminou, deixando uma nova, muito menor, República da Áustria. Hiperinflação e barreiras comerciais agressivas de países vizinhos logo reduziram grande parte da população austríaca às condições de quase-inanição. Além disso, houve várias tentativas de estabelecer violentamente um regime socialista revolucionário na Áustria, bem como guerras de fronteira com a Tchecoslováquia, Hungria e Iugoslávia. De sua posição na Câmara de Comércio de Viena, Mises lutou dia e noite para afastar a destruição coletivista de sua terra natal. Ele foi influente em parar a nacionalização total da indústria austríaca pelo governo em 1918-1919. Ele também desempenhou um papel de liderança em trazer a hiperinflação na Áustria a um impasse em 1922, e em seguida foi uma voz guia na reorganização do Banco Nacional da Áustria sob um padrão-ouro restabelecido sob a supervisão da Liga das Nações. Ele também vigorosamente fez o caso para diminuir drasticamente os impostos sobre o rendimento e de negócios que foram estrangulando todas as atividades do setor privado, e ajudou a trazer ao fim controles cambiais do governo que foram arruinando o comércio da Áustria com o resto do mundo[3].

Ao longo dos anos 1920 e início dos anos 1930, enquanto em sua Áustria natal, Mises foi um defensor intransigente dos ideais de liberdade individual, o governo limitado, e o livre mercado. Além de seu trabalho na Câmara de Comércio de Viena, ele ministrou um seminário de cada semestre na Universidade de Viena sobre vários aspectos da teoria econômica e política, que atraiu não só muitos dos mais brilhantes estudantes austríacos, mas participantes do resto da Europa e dos Estados Unidos também. Ele, do mesmo modo, levou um "seminário particular" que se reuniu duas vezes por mês de Outubro a Junho em seus escritórios na Câmara, de 1920 até 1934, com muitas das melhores mentes vienenses em economia, ciência política, história, filosofia e sociologia participando regularmente. Mises também fundou o Instituto Austríaco de Pesquisa do Ciclo de Negócios, em 1926. Ele serviu como vice-presidente ativo, com o jovem Friedrich A. Hayek nomeado como primeiro diretor do Instituto.

Sua estatura internacional como um campeão do liberalismo clássico con-

[3]Sobre a obra de Mises como analista de política econômica e defensor do livre mercado na Áustria nos anos entre as duas guerras mundiais, ver Richard M. Ebeling, *"The Economist as the Historian of Decline: Ludwig von Mises and Austria Between the Two World Wars"* em Richard M. Ebeling, ed.

tinuou a crescer durante este período, bem como, através de uma série de livros que desafiou a crescente onda de socialismo e o estado do bem-estar intervencionista. Em 1919, Mises publicou *"Nação, Estado and Economia"*, no qual ele traçou as causas da Primeira Guerra Mundial nos ideais nacionalista, imperialista e socialista das décadas anteriores[4]. Mas foi em um artigo de 1920 sobre *"Cálculo Econômico na Comunidade Socialista"*[5] e seu livro, em 1922, sobre *"Socialismo: Uma Análise Econômica e Sociológica"* que sua reputação como principal oponente do coletivismo no século XX foi firmemente estabelecida[6]. Mises demonstrou que, com a nacionalização dos meios de produção, bem como a supressão resultante de dinheiro, concorrência de mercado, e o sistema de preços, o socialismo levaria ao caos econômico e não para a prosperidade social. Assim, além da tirania que o socialismo iria criar devido à dominação do governo sobre todos os aspectos da vida humana, ele também era inerentemente inviável como um sistema econômico.

Isto foi seguido em 1927 com sua defesa de todas as facetas da liberdade individual em seu livro sobre *"Liberalismo"*, o que significava o liberalismo clássico e a economia de mercado. Ele apresentou um caso claro e convincente para a liberdade individual, propriedade privada, livre mercado e governo limitado[7]. Finalmente, em 1929, Mises publicou uma coletânia de ensaios que oferecem uma crítica do intervencionismo, no qual ele mostrou que os regulamentos do governo fragmentados sobre os preços e a produção inevitavelmente conduzem a distorções e desequilíbrios que ameaçam o bom funcionamento de uma sociedae livre e competitiva de mercado[8]. Além disso, ele escreveu uma série de ensaios sobre a filosofia da ciência e da natureza do homem e da ordem social que surgiu em 1933 sob o título *"Problemas Epistemológicos da Economia"*[9].

Mises havia claramente entendido durante este tempo que o nacional-socialismo de Hitler levaria a Alemanha no caminho para a destruição. De fato, em meados de 1920, ele já havia advertido que muitos alemães estavam esperando a vinda do tirano que reinaria sobre e planejaria suas vidas[10].

[4]Ludwig von Mises, *Nation, State and Economy: Contributions to the Politics and History of Our Time* (New York: New York University Press [1919] 1983).

[5]Ludwig von Mises, *"Economic Calculation in the Socialist Commonwealth"* [1920] reimpresso em Israel M. Kirzner, ed., *Austrian Economics: A Sampling in the History of a Tradition, Vol. 3: The Age of Mises and Hayek*, pp. 3–35.

[6]Ludwig von Mises, *"Socialism: An Economic and Sociological Analysis"* (Indianapolis: Liberty Classics [1922; revised eds., 1932, 1951] 1981).

[7]Ludwig von Mises, *"Liberalism: The Classical Tradition"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education [1927] 1995).

[8]Ludwig von Mises, *"Critique of Interventionism"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education [1929] 1996).

[9]Ludwig von Mises, *"Epistemological Problems of Economics"* (New York: New York University Press [1933] 1981).

[10]Em seu ensaio, de 1926, *"Liberalismo Social"*, reimpresso em *"Critique of Interventionism"*, p. 67, Mises advertiu que durante o tempo de confusão ideológica e instabilidade

Quando os nazistas chegaram ao poder na Alemanha, em 1933, Mises compreendeu que o futuro da sua Áustria natal estava agora ameaçada. Como um liberal clássico e um judeu, Mises também sabia que a ocupação nazista provavelmente significaria sua prisão e morte. Assim, em 1934, ele aceitou o cargo de professor de relações econômicas internacionais do Instituto de Estudos Internacionais em Genebra, Suíça, uma posição que ocupou até que ele veio para os Estados Unidos no verão de 1940[11].

Foi durante esses seis anos na Suíça que Mises escreveu sua maior obra, a edição em língua alemã do que foi publicado em Genebra, em 1940[12], e que, então, apareceu em 1949 em uma versão em língua inglesa revisada como *"Human Action: A Treatise on Economics"*. Em um volume de quase 900 páginas, Mises resumiu as ideias e reflexões de uma vida sobre as questões do homem, da sociedade e do governo; sobre a natureza e o funcionamento do processo de mercado competitivo e as impossibilidades do planejamento central socialista e do Estado intervencionista; e sobre o papel central e a importância de um sistema monetário sólido para todas as atividades de mercado, e os efeitos prejudiciais de manipulação do governo de dinheiro e crédito.

No verão de 1940, quando o Exército alemão estava ultrapassando a França, Mises e sua esposa, Margit, deixaram a neutra Suiça e fizeram seu caminho através do sul da França e em toda a Espanha para Lisboa, Portugal, de onde, em seguida, partiram para os Estados Unidos. Vivendo em Nova York, ele recebeu bolsas de investigação da Fundação Rockefeller, no início dos anos 1940, que lhe permitiu fazer uma série de estudos sobre a reconstrução econômica e política do pós-guerra, bem como escrever vários livros[13]. Em 1945, ele foi nomeado para um cargo de professor visitante na Universidade de Nova York, uma posição que ocupou até sua aposentadoria em 1969, aos 87 anos de idade.

Durante seus anos na América, Mises continuou sua carreira de escritor prolífico, publicando *Bureaucracy* (1944)[14], *Omnipotent Government*

política na Alemanha dos anos 1920, "Alguns estão se refugiando no misticismo, outros estão ajustando suas esperanças na vinda do "homem forte" —o tirano que vai pensar por eles e cuidar deles"

[11]Sobre o Instituto de Estudos Internacionais e seu fundador, William E. Rappard, ver Richard M. Ebeling, *"William E. Rappard: An International Man in an Age of Nationalism"*, Ideas on Liberty (Jan. 2000), pp. 33-41.

[12]Ludwig von Mises, *Nationalökonomie: Theorie des Handelns und Wirtschaftens* (Munich: Philosophia Verlag [1940] 1980).

[13]Uma série de ensaios de Mises deste período de 1940-1944, estao incluídos no Richard M. Ebeling, ed., *"Selected Writings of Ludwig von Mises, Vol. 3: The Political Economy of International Reform and Reconstruction"* (Indianapolis: Liberty Fund, 2000).

[14]Ludwig von Mises, *"Bureaucracy"* (New Haven: Yale University Press, 1944).

(1944)[15], *Planned Chaos* (1947)[16], *Planning for Freedom* (1952)[17], *The Anti-Capitalistic Mentality* (1956)[18], *Theory and History* (1957)[19], *The Ultimate Foundation of Economic Science* (1962)[20], e *The Historical Setting of the Austrian School of Economics* (1969)[21]. Também apareceram, postumamente, suas memórias, *Notes and Recollections* (1978)[22], e *Interventionism: An Economic Analysis* (1998)[23], ambos originalmente escritos em 1940. E muitos de seus outros artigos e ensaios foram coletados em duas antologias[24].

Mises também atraiu ao seu redor uma nova geração de jovens norte-americanos dedicados ao ideal de liberdade e liberdade econômica, e que foram incentivados e ajudados por Mises em suas atividades intelectuais. Ele faleceu em 10 de outubro de 1973, com a idade de 92.

Ludwig von Mises e FEE

Houve uma longa relação entre Ludwig von Mises e a Foundation for Economic Education. O falecido Leonard E. Read, o fundador e presidente da FEE, reuniu-se com Mises no início dos anos 1940. Read contou a história de seu encontro em um ensaio que escreveu em homenagem ao aniversário de 90 anos de Mises:

Professor Ludwig von Mises chegou nos Estados Unidos durante 1940. Meu conhecimento com começou um ou dois anos mais tarde, quando ele se dirigiu a uma reunião-almoço na Câmara de Comércio de Los Angeles da qual eu era gerente geral. Naquela noite jantou em minha casa com

[15] Ludwig von Mises, *"Omnipotent Government:The Rise of the Total State and Total War"* (New Haven: Yale University Press, 1944).

[16] Ludwig von Mises, *"Planned Chaos"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1947).

[17] Ludwig von Mises, *"Planning for Freedom"* (Grove City, Pa.: Libertarian Press [1952; revised ed., 1962, 1980] 1996).

[18] Ludwig von Mises, *"The Anti-Capitalistic Mentality"* (Princeton: D.Van Nostrand, 1956).

[19] Ludwig von Mises, *"Theory and History: An Interpretation of Social and Economic Evolution"* (Auburn, Ala.: Ludwig von Mises Institute [1957] 1985).

[20] Ludwig von Mises, *"The Ultimate Foundation of Economic Science: An Essay on Method"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education [1962] 2002).

[21] Ludwig von Mises, *"The Historical Setting of the Austrian School of Economics"* [1969] reimpresso em Bettina Bien Greaves, ed., *Austrian Economics: An Anthology* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1996), pp. 53–76.

[22] Ludwig von Mises, *"Notes and Recollections"* (South Holland, Ill.: Libertarian Press [1940] 1978).

[23] Ludwig von Mises, *"Interventionism: An Economic Analysis"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education [1940] 1998).

[24] Ver Richard M. Ebeling, ed., *"Money, Method and the Market Process: Essays by Ludwig von Mises"* (Norwell, Mass.: Kluwer Academic Press, 1990), e Bettina Bien Greaves, ed., *"Economic Freedom and Interventionism: An Anthology of Articles and Essays by Ludwig von Mises"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1990).

renomados economistas Dr. Benjamin M. Anderson e Professor Thomas Nixon Carver, e vários empresários, tais como E. C. Mullendore, todos os pensadores de primeira linha em economia política. O que eu daria para uma gravação daquela discussão memorável!

A última pergunta foi colocada à meia-noite: "Professor Mises, eu concordo com você que estamos caminhando para tempos angustiosos. Agora, vamos supor que você era o ditador destes Estados Unidos. O que você faria?"

Rápido como um raio, veio a resposta: "Eu iria abdicar!" Aqui nós temos o lado da renúncia de sabedoria: homem sabendo que ele não deve dominar sobre seus companheiros e rejeitando até mesmo o pensamento.

Poucos entre nós são sábios o suficiente para saber o quão pouco sabemos.

> ... Um indivíduo raro pesa seu conhecimento finito na escala da verdade infinita, e sua consciência de sua limitação diz a ele para nunca mais assenhorar-se dos outros. Essa pessoa iria renunciar a qualquer posição de liderança autoritária que lhe poderia ser oferecida ou, se encontrando-se acidentalmente em tal posição, abdicaria-se —imediatamente! ... Professor Mises sabe que ele não faz ou não se pode descartar, assim, ele abdicou até mesmo a ideia de governo. Saber qual fase da vida a renunciar é um lado da sabedoria[25].

Desde a fundação da FEE, em 1946, Ludwig von Mises serviu como um conselheiro sênior, conferencista, escritor e membro do pessoal a tempo parcial para a Fundação. Foi através da influência de Mises e aquela do economista de livre mercado e jornalista Henry Hazlitt (um dos depositários originais da FEE) que a Fundação sempre teve uma orientação "Escola Austríaca" especial a sua análise econômica dos mercados livros e coletivismo[26].

Foi também através da assistência de Leonard Read e alguns outros, entre amigos de Mises, que o financiamento foi arranjado para subscrever o seu cargo de professor na Universidade de Nova York, até sua aposentadoria em 1969. E seguindo sua saída da NYU, Leonard Read trouxe Mises na equipe da FEE para o resto de sua vida.

A esposa de Mises, Margit, descreveu a sua apreciação da FEE e a oportunidade de palestrar na Fundação:

> "Em outubro de 1946, Lu foi feito um membro regular da equipe FEE, e em anos posteriores, ele prometeu dar uma série de

[25] Leonard E. Read, *"To Abdicate or Not"* in F. A. Harper, ed., *Toward Liberty: Essays in Honor of Ludwig von Mises on the Occasion of His 90th Birthday*, September 29, 1971,Vol. 2 (Menlo Park, Calif.: Institute for Humane Studies, 1971), pp. 299–301.

[26] Mary Sennholz, *"Leonard E. Read: Philosopher of Freedom"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1993), p. 140.

> palestras em Irvington a cada ano. A atmosfera espiritual e intelectual era completamente ao seu gosto".

Uma das tarefas regulares da Fundação foi a de organizar seminários para professores, jornalistas e estudantes. Lu gostava de falar lá. Ele sabia que os participantes foram cuidadosamente questionados sobre a sua educação e interesses e estavam ansiosos para ouvi-lo. Foi interessante notar como muitas mulheres participaram nestes seminários.

Antes das aulas começarem, Lu regularmente fazia suas voltas. Primeiro, ele tinha uma pequena conversa com Read; em seguida, ele ia ver Edmund Opitz, por quem ele tinha um apreço especial; depois, ele visitava Marshall Curtiss e Paul Poirot. Paul normalmente tinha para discutir um artigo que ele estava prestes a publicar no *The Freeman*, a revista mensal da FEE. Finalmente, Lu ia ao escritório de Bettina Bien. Como regra geral, Bettina tinha uma pilha de seus livros prontos para ele autografar ou cartas para assinar que foram digitadas por ele em seu escritório. Em seu caminho até o salão de palestra —todos esses escritórios, com exceção do Dr. Opitz, estavam no segundo andar —ele tinha uma palavra amiga para cada um dos funcionários.

Suas palestras eram calculadas para uma audiência especial em Irvington. Ele era capaz de avaliar seus ouvintes imediatamente, perguntando uma ou outra questão ... Embora o conteúdo de suas palestras em Irvington fosse mais leve, o seu modo de entrega era o mesmo que na Universidade de Nova York. O interesse era grande e tamanha foi a demanda por livros de Lu, que Leonard Read sempre mantinha em formato impresso e pronto para distribuição[27].

A última palestra pública de Mises foi entregue na FEE em 26 de março de 1971. Como Margit von Mises explicou: "Ele sempre amou palestrar em Irvington, e ele continuou fazendo isso, enquanto ele se sentia capaz"[28].

Quando Mises faleceu, Leonard Read fez um breve elogio ao serviço memorial para ele em 16 de outubro de 1973. Ele disse que, em parte:

> O mais orgulhoso tributo que a humanidade pode pagar para alguém, seria honra maior, chamá-la de Professor. O homem que libera uma ideia que ajuda os homens a compreender a si mesmo e o universo coloca a humanidade para sempre em sua dívida ... Ludwig von Mises é verdadeiramente —e eu uso-o no tempo presente —um Professor. Mais de duas gerações estudaram com ele e outras milhares de pessoas aprenderam com seus livros. Livros e estudantes são os monumentos duradouros de um professor e estes monumentos são dele ... Nós aprendemos mais a partir de

[27]Margit von Mises, *"My Years with Ludwig von Mises"* (Cedar Falls, Iowa: Center for Futures Education [1976] 2nd enlarged ed., 1984), pp. 94–95.

[28]Ibid., pp. 177–178.

> Ludwig Mises do que economia. Temos vindo a conhecer um exemplo de sabedoria, um verdadeiro gigante de erudição, firmeza e dedicação. Verdadeiramente um dos grandes mestres de todos os tempos! E assim, todos nós o saudamos, Ludwig Mises, como você parte desta vida moral e se junta aos imortais"[29].

As Palestras na FEE de 1951

Para aqueles leitores que já estão familiarizados com algumas das obras de Mises, suas palestras na FEE, em 1951, irão oferecer-lhes um estilo um pouco diferente à sua análise. Aqui está Mises o professor. A forma de exposição que Bettina Bien Greaves capturou em sua forma abreviada detalhada de suas palestras é mais coloquial e cheia de muitos exemplos históricos e referências. O leitor é capaz de sentir, pelo menos um pouco, o que Mises era, ao vivo na sala de aula, e não simplesmente o teórico olímpico em seus grandes tomos.

Um dos alunos de Mises que estudaram com ele na Universidade de Nova York disse uma vez que "Cada palestra foi uma experiência de alongamento da mente". Outro estudante declarou que "Eu nunca conheci um homem tão erudito como foi o Dr. Mises. Ele extraordinariamente aprendeu em todos os campos do conhecimento. Ao discutir a economia, ele trazia exemplos da história para ilustrar os pontos que estava fazendo"[30]. Suas palestras na FEE, a partir de 1951, dão um gosto deste lado de Mises como um estudioso-professor.

Para os leitores que são relativamente familiarizados com os escritos de Mises, estas palestras oferecem um excelente ponto de partida. De fato, em muitos aspectos, as palestras apresentam uma versão encapsulada de a maioria dos temas que Mises dedicou sua vida à formulação, um resumo de muitos dos temas centrais a ser encontrado em *Ação Humana*. Ele explica a natureza do homem como um ator intencional que dá sentido às suas ações no contexto de fins escolhidos e meios escolhidos para alcançar seus objetivos. É a intencionalidade do homem que faz com que as ciências humanas inerentemente diferentes do objeto das ciências naturais. Isso também permite Mises para demonstrar por que a teoria do materialismo dialético e determinismo histórico de Karl Marx é fundamentalmente mito e fantasia.

Em vez disso, ele mostra o funcionamento real do processo de mercado através do qual a liberdade econômica fornece os incentivos e a liberdade pessoal para os indivíduos a trabalhar, poupar e investir. Ele explica como é a demanda voltada ao consumidor de bens e serviços que fornece as oportunidades de estímulo e de lucro para os empresários para organizar e orientar

[29]Leonard Read, *"Castles in the Air"* (Irvington-on-Hudson, N.Y.: Foundation for Economic Education, 1975), pp. 150–151.

[30]Ibid., p. 132.

a produção de forma a servir as necessidades e desejos do público de compra de forma criativa.

Ele também demonstra que o processo é dependente do mercado e seria impossível sem o aparecimento de uma forma de troca —dinheiro —através do qual toda a miríade de produtos e os recursos podem ser reduzidos a um denominador comum na forma de preços em dinheiro. O cálculo econômico sob a forma de preços de mercado fornece o método através do qual os empresários são capazes de estimar lucros potenciais e eventuais perdas de linhas e métodos de produção alternativos. Através deste processo, o disperdício e mau uso de recursos escassos são mantidos a um mínimo, de modo a que o maior número de produtos e serviços desejados pelos consumidores mais valorizados podem ser trazidos para o mercado.

Isso também leva Mises para explicar por que o planejamento central socialista significa o fim de toda a racionalidade econômica. Com a abolição dos mercados e preços, sob o socialismo, os planejadores centrais são ignorantes sobre como aplicar de forma eficiente os recursos, capital e trabalho sob o seu controle. Assim, o socialismo na prática significa o caos planejado.

Ao mesmo tempo, Mises mostra por que a má gestão do governo do sistema monetário e bancário traz inflações e depressões. Distorcendo os sinais de preços do mercado —incluindo as taxas de juros —inflações geradas pelo governo levam a uma má orientação dos recursos e mão de obra, e de um mau investimento de capital, que finalmente deve levar a uma depressão.

Através dessas palestras, o leitor verá por que Ludwig von Mises foi um dos defensores mais eficazes da liberdade e da livre iniciativa no século XX. E por suas contribuições permanecerá como um dos grandes legados da causa da liberdade em muitas décadas.

Estrutura do livro

O texto foi encontrado no site da Foundation for Economic Education (FEE)[31], e traduzido para o português espontneamente, a mérito de estudo pelo tradutor Edpo Macedo[32]. Não visa fins lucrativos, foi posto à disposição gratuitamente na internet e nenhuma revisão ou correção ortográfia e de língua portuguesa foi feita.

---

[31] MISES, Ludwig von. *The Free Market and its Enemies: Pseudo-Science, Socialism, and Inflation.* Unpublished Mises Lectures from 1951. Disponível em <https://fee.org/resources/the-free-market-and-its-enemies-pseudo-science-socialism-and-inflation/>. Acessado em: 28 mai. 2016.

[32] edpomacedo@gmail.com

1

Economia e Seus Oponentes

ENTRE OS GRANDES LIVROS DA HUMANIDADE estão os escritos imortais pelo filósofo grego Platão. *A República* e *As Leis*, escritos há 2300 e 2400 anos, trataram não somente com a filosofia, a teoria do conhecimento, a epistemologia, mas também com as condições sociais. O tratamento destes problemas era típico da abordagem que os problemas filosóficos e sociológicos, discussões de estado, governo, e assim por diante, continuaram a receber por mais de 2000 anos.

Embora esta abordagem seja familiar para nós, um novo ponto de vista para a filosofia social, as ciências, economia e praxeologia, desenvolveu-se durante os últimos cem anos. Platão havia dito que um líder é chamado pela "Providência" ou por sua própria eminência, para reorganizar e construir o mundo da mesma forma que um construtor constrói um edifício, sem se preocupar com os desejos de seus semelhantes. A filosofia de Platão era que a maioria dos homens são "ferramentas" e "pedras" a serem trabalhados para a construção de uma nova entidade social pelos "super-homens" no controle. A cooperação dos "súditos" não é importante para o sucesso do plano. A única exigência é que o ditador tenha o poder necessário para forçar as pessoas. Platão atribuiu a si a tarefa específica de ser conselheiro do ditador, o especialista, o "engenheiro social" reconstruindo o mundo de acordo com seu plano. Uma situação comparável hoje pode ser vista na posição do professor universitário que vai para Washington.

O padrão platônico manteve-se o mesmo por quase 2000 anos. Todos os livros daquela época foram escritos a partir deste ponto de vista. Cada autor estava convencido de que os homens eram apenas peões nas mãos dos príncipes, a polícia, e assim por diante. Nada poderia ser feito, desde que o governo fosse forte o suficiente. Força foi considerada o maior triunfo do governo.

Uma indicação do sucesso deste pensamento pode ser realizada em ler as aventuras de *Télémaque*, pelo Bispo Fénelon [François de Salignac de la Mothe Fénelon, 1651-1715]. Bispo Fénelon, um contemporâneo de Luís XIV,

foi um eminente e grande filósofo, um crítico do governo, e tutor do Duque de Burgoyne, herdeiro do trono francês. *Télémaque*, escrito para a educação do jovem duque, foi usado nas escolas francesas até recentemente. O livro conta a história de viagens pelo mundo. Em cada país visitado, tudo o que é bom é creditado à polícia; tudo de valor é atribuído ao governo. Isto é conhecido como a "ciência da polícia" —ou, em alemão, *Polizeiwissenschaft*.

O século XVIII viu uma nova descoberta —a descoberta de uma abordagem diferente para os problemas sociais. A ideia desenvolvida que havia uma regularidade na sequência de problemas sociais semelhantes à regularidade na sequência de fenômenos naturais. Soube-se que os decretos legais e sua sanção por si só não removeriam um problema. A sequência regular ou concatenação de fenômenos sociais deve ser estudada para descobrir o que pode ser feito e o que deve ser feito. Embora a regularidade tivesse sido reconhecida no campo das ciências naturais, a existência de ordem e de sequências regulares também no campo dos problemas sociais não haviam sido reconhecidas antes.

As condições Utópicas do estado natural, como descritas por Jean Jacques Rousseau [1712-1778], são transformadas, realizaram-se, por homens "maus" e por suas instituições sociais más para produzir a indigência e a miséria que existe. Acreditava-se que o homem mais feliz —aquele vivendo sob as condições mais satisfatórias —foi o índio da América do Norte. Índios norte-americanos foram idealizados na literatura europeia daquela época; eles foram considerados felizes porque eles não estavam familiarizados com a civilização moderna.

Então veio Thomas Robert Malthus [1766-1834], com a descoberta de que a natureza não proporciona os meios de existência para todos. Malthus apontou que prevalece para todos os seres humanos a escassez dos recursos de subsistência. Todos os homens estão em competição pelos meios de sobrevivência e e por uma parte da riqueza do mundo. O objetivo do homem era remover a escassez e torná-la possível para que um maior número de pessoas possa sobreviver.

Concorrência leva à divisão do trabalho e para o desenvolvimento da cooperação. A descoberta de que a divisão do trabalho é mais produtiva do que o trabalho isolado foi o feliz acidente que tornou a cooperação social, instituições sociais, e a civilização possíveis.

Se toda a produção é consumida imediatamente, qualquer melhoria das condições seria impossível. Melhoria só é possível porque alguma produção é guardada para o uso posterior na produção —isto é, apenas se o capital é acumulado. Economias são importantes!

Aos olhos de todos os reformadores, como Platão, o "corpo político" não iria funcionar sem interferência a partir do topo. Intervenção pelo "rei", por parte do governo e pela polícia eram necessários para obter a ação e resultados. Lembre-se que esta foi também a teoria de Fénelon; ele descreveu as ruas, as fábricas, e todo o progresso como sendo devido à polícia.

No século XVIII, descobriu-se que, mesmo na ausência da polícia —mesmo se ninguém dá ordens —as pessoas naturalmente agem de tal forma que os frutos da produção finalmente aparecem. Adam Smith [1723-1790] citou o sapateiro. O sapateiro não faz sapatos por um motivo altruísta; o sapateiro faz-nos sapatos por causa de seu próprio interesse egoísta. Sapateiros produzem sapatos porque eles querem os produtos dos outros, que eles podem obter em troca de sapatos. Cada homem, em servir a si mesmo, da necessidade serve os interesses dos outros. O "rei" não tem de emitir ordens. Ação é provocada, por conseguinte, pela ações autônomas de pessoas no mercado.

As descobertas do século XVIII, no que diz respeito aos problemas sociais, estavam intimamente ligados com, e inseparáveis, as mudanças políticas trazidas durante esse período —a substituição do representante de um governo autocrático, o livre comércio para a proteção, a tendência para a paz internacionais, em vez de agressividade, a abolição da servidão e escravidão, e assim por diante. A nova filosofia política também levou à substituição de liberdade por monarquismo e absolutismo. E isso trouxe mudanças na vida industrial e na vida social, que alteraram o fato do mundo em um tempo muito curto. Esta transformação é costumeiramente chamada de Revolução Industrial. E esta "revolução" resultou em mudanças em toda a estrutura do mundo, as populações se multiplicaram, a duração média da expectativa de vida aumentou, e os padrões de vida se elevaram.

Com referência específica à população, é quatro vezes maior hoje [1951] do que era mais de 250 anos atrás. Se a Ásia e África são eliminados, o crescimento é ainda mais surpreendente. Grã-Bretanha, Alemanha e Itália, três países que foram completamente resolvidos e onde cada pedacinho de terra já estava em uso em 1800, encontrou espaço para apoiar mais de 107 milhões de pessoas em 1925. (Isso parece ainda mais notável quando comparado com os Estados Unidos —muitas vezes a área destes três países —que aumentou sua população em apenas 109 milhões, no mesmo período.) Ao mesmo tempo, o nível de vida foi elevado em toda parte como resultado da Revolução Industrial, pela introdução da produção em massa.

Claro, ainda há condições insatisfatórias; ainda há situações que podem ser melhoradas. Para isso, a nova filosofia responde: Há apenas uma maneira de melhorar o padrão de vida da população —aumentar o acúmulo de capital em relação ao aumento da população. Aumentar a quantidade de capital investido per capita.

Embora esta nova doutrina da teoria econômica fosse verdadeira, era impopular por muitos motivos com determinados grupos —monarcas, déspotas e nobres —, porque colocava em perigo seus interesses escusos. Nos séculos XIX e XX, esses adversários desta filosofia do século XVIII, desenvolveram uma série de objeções, oposições epistemológicas, que atacaram o fundamento básico da nova filosofia e criou problemas muito graves e importantes. O ataque foi mais ou menos um ataque filosófico, dirigido aos fundamentos epistemológicos da nova ciência. Quase toda a sua crítica foi motivada por

preconceito político; não foi levada adiante pelos buscadores da verdade. No entanto, isso não altera o fato de que devemos estudar seriamente as objeções às várias verdades do século XVIII —certamente filosofia e economia —sem referência dos motivos daqueles que lhes trarão. Algumas foram bem fundadas.

Durante os últimos cem anos, a oposição à economia havia surgido. Este é um assunto muito sério. As objeções levantadas foram usadas como argumentos contra toda a civilização burguesa. Estas acusações não podem ser simplesmente chamadas de "ridículas" e negá-las provimento. Elas devem ser estudadas e analisadas criticamente. Quanto ao problema político em causa, algumas pessoas que apoiavam a economia sólida, o fizeram para justificar, ou defender, a civilização burguesa. Mas estes defensores não sabiam toda a história. Eles limitaram a sua luta a um território muito pequeno, similar à situação hoje na Coréia, onde um exército é proibido de atacar as fortalezas do outro exército[1]. Na luta intelectual, existe a mesma situação; os defensores estão lutando sem atacar a base real de seus adversários. Não devemos nos contentar em lidar com a parafernália externa de uma doutrina; temos de atacar o problema filosófico básico.

A distinção entre "esquerda" e "direita" na política é absolutamente inútil. Esta distinção tem sido insuficiente desde o início e trouxe um monte de mal-entendidos. Mesmo as objeções à filosofia de base são classificadas a partir deste ponto de vista.

Auguste Comte [1798-1857] foi um dos filósofos mais influentes do século XIX, e, provavelmente, um dos homens mais influentes dos últimos cem anos. Na minha própria opinião, ele era um louco também. Embora as ideias que ele expôs não eram até mesmo suas próprias, temos de lidar com seus escritos porque ele foi influente e, especialmente, porque ele era hostil à Igreja cristã. Ele inventou sua própria igreja, com os seus próprios feriados. Ele defendeu a "liberdade real", mais liberdade, ele disse, que foi oferecida pela burguesia. De acordo com seus livros, ele não tinha nenhuma utilidade para a metafísica, para a liberdade da ciência, para a liberdade de imprensa, ou pela liberdade de pensamento. Todos estes foram muito importantes no passado, porque lhe deram a oportunidade de escrever seus livros, mas, no futuro, não haveria necessidade de tal liberdade, porque seus livros já tinham sido escritos. Assim, a polícia tem que reprimir essas liberdades.

Esta oposição à liberdade, a atitude marxista, é típica dos que estão na "esquerda" ou lado "progressista". As pessoas ficam surpresas ao saber

[1] Após a captura da fortaleza norte-coreana, Pyongyang, tornou-se evidente que os exércitos da China comunista foram se concentrando para o ataque ao norte do rio Yalu, a fronteira entre a Coreia do Norte e a Manchúria comunista controlada. No entanto, os pedidos do General Douglas MacArthur a fazer qualquer coisa para impedir um ataque foram negados; seus aviões não foram autorizados a bombardear as pontes sobre o Yalu; e as forças vermelhas chinesas foram ainda concedidas e cinco milhas ao sul do santuário do Yalu, onde eles poderiam organizar-se. -Ed.

que os chamados “liberais” não são a favor da liberdade. Georg Wilhelm Friedrich Hegel [1770-1831], o famoso filósofo alemão, deu origem a duas escolas —os hegelianos de “esquerda” e os hegelianos de “direita”. Karl Marx [1818-1883] era o mais importante dos hegelianos de “esquerda”. Os nazistas vieram da “direita” hegeliana.

O problema consiste em estudar filosofia básica. Uma boa pergunta é por que os marxistas foram até certo ponto familiarizados com a grande luta filosófica, enquanto os defensores da liberdade não eram? O fracasso dos defensores da liberdade de reconhecer a questão filosófica básica explica por que eles não foram bem sucedidos. Devemos primeiro compreender a base para o desacordo; se o fizermos, então, as respostas virão. Vamos agora proceder às acusações que foram levantadas com a filosofia da liberdade do século XVIII.

2

Pseudociência e Entendimento Histórico

EM INGLÊS, a palavra "ciência" é geralmente aplicada apenas às ciências naturais. Não há dúvida de que existem diferenças fundamentais entre as ciências naturais e as ciências da ação humana, às vezes chamadas de ciências sociais ou história. Entre essas diferenças fundamentais está a maneira pela qual o conhecimento é adquirido.

Nas ciências naturais, o conhecimento vem da experiência; um fato é algo estabelecido experimentalmente. Cientistas naturais, em contraste com os estudantes da ação humana, estão em uma posição de serem capazes de controlar alterações. Podem isolar os vários fatores envolvidos, como numa experiência de laboratório, e observar as alterações quando um fator é alterado. A teoria de uma ciência natural deve estar em conformidade com estas experiências —elas não devem nunca contradizer tal fato estabelecido. Caso elas contradizem tal fato, uma nova explicação deve ser procurada. No campo da ação humana, nunca estamos em uma posição de sermos capazes de controlar os experimentos. Nós nunca podemos falar de fatos no campo das ciências sociais no mesmo sentido em que se referem a fatos das ciências naturais. Experiência no campo da ação humana é complicada, produzida pela cooperação de vários fatores, e mudança toda efetiva.

No domínio da natureza não temos conhecimento das causas finais. Não sabemos as extremidades pelas quais algum "poder" esteja se esforçando. Algumas pessoas tentaram explicar o universo como se tivesse sido destinado para o uso do homem. Mas questões podem ser levantadas: O que é o valor para o homem das moscas, por exemplo, ou dos germes? Nas ciências naturais, não sabemos nada, senão a experiência. Estamos familiarizados com certos fenômenos e, com base em experiências, uma ciência mecânica foi desenvolvida. Mas nós não sabemos o que é eletricidade. Nós não sabemos por que as coisas acontecem da maneira que fazem; nós não pedimos. E se nós pedimos, nós não recebemos uma resposta. Dizer que nós sabemos a re-

sposta implica que temos ideias de “Deus”. Afirmar que podemos encontrar a razão implica que temos certas características “divinas”.

Há sempre um ponto além do qual a mente humana pode ir —um reino em que a investigação não traz mais informações. Através dos anos, essa fronteira foi empurrada cada vez mais para trás. As forças naturais têm sido rastreadas para além do que era anteriormente considerado o conhecimento humano “final”. Mas o conhecimento humano deve sempre parar em algum “dado irredutível”. O fisiologista francês Claude Bernard [1813-1878], disse em seu livro sobre a ciência experimental que a própria vida é algo, em última análise, “dado irredutível”; a biologia só pode estabelecer o fato de que há um fenômeno tal como a vida, mas não pode dizer mais nada sobre ele.

A situação é diferente no campo da história ou da ação humana. Não podemos traçar nosso conhecimento de volta para algo por trás da ação; podemos relacioná-los com o motivo. As ações humanas implicam que os homens estão visando objetivos definidos. O “dado irredutível” no campo da ação humana é o ponto em que um indivíduo ou um grupo de indivíduos, inspirado por julgamentos definitivos de valor e por ideias concretas quanto aos procedimentos a aplicar para atingir um fim escolhido, agiu. Este “dado irredutível” é a individualidade.

Sendo humanos nós sabemos algo sobre as avaliações humanas, doutrinas, e teorias sobre os métodos utilizados para atingir esses fins. Sabemos que existe um propósito por trás dos vários movimentos de indivíduos. Sabemos que há ação consciente por parte de cada pessoa. Sabemos que existe um sentido, uma razão. Podemos estabelecer a existência de decisões definitivas de valor, determinados fins visados, e meios definidos aplicados na tentativa de atingir esses fins. Por exemplo, um estranho, caiu de repente em uma tribo primitiva, embora ignorante do idioma, pode, no entanto, interpretar as ações das pessoas sobre ele em certa medida, os fins para os quais eles estão trabalhando, e os meios utilizados para atingir os fins. Por meio da lógica ele interpreta a corrida deles em torno da construção de fogueiras, e colocando objetos em chaleiras, como a preparar a comida para o jantar.

Lidar com juízos de valor e de métodos não é peculiar à ciência da ação humana. A lógica do cientista, o trabalho do cérebro, não é diferente da lógica praticada por todos em sua vida cotidiana. As ferramentas são as mesmas. O objetivo não é peculiar aos cientistas sociais. Mesmo uma criança chorando e gritando tem um motivo e está agindo para conseguir algo que quer. Empresários também agem para fazer as coisas que eles querem. Eles entendem a ciência da ação humana e, no trato com seus semelhantes, agem nessa compreensão todos os dias, especialmente no planejamento para o futuro.

Esta interpretação epistemológica da experiência de compreensão não é a invenção de um novo método. É somente a descoberta de conhecimentos que todo mundo tem vindo a utilizar desde o começo dos tempos. O economista

Philip H. Wicksteed [1844-1927], que publicou *"O Senso Comum da Política Econômica"*, escolheu para seu lema uma citação de Goethe: *Ein jeder lebt's, nicht vielen ist's bekannt*[1].

De acordo com o filósofo francês, Henri Bergson [1859-1941], compreensão, *l'intelligence sympathique*, é a base das ciências históricas. O historiador recolhe seus materiais para auxiliar sua interpretação, assim como um policial visa os fatos que lhe permita chegar a uma decisão no tribunal. O historiador, o juiz, o empresário, todos começam a trabalhar quando tiverem recolhido o máximo de informações possível.

Auguste Comte, que contribuiu em nada para o desenvolvimento das ciências naturais, descreveu o que ele acreditava ser a tarefa de todas as ciências: ele disse que, para ser capaz de prever e agir era necessário saber. As ciências naturais nos dá métodos definitivos para realizar isso. Com a ajuda de vários ramos da física, química, e assim por diante, os mecânicos são capazes de projetar edifícios e máquinas, e para prever os resultados de suas operações. Se uma ponte entra em colapso, será reconhecido que um erro foi cometido. Em ação humana, não existe tal erro definitivo que possa ser reconhecido, e isto Comte considerou uma falha.

Auguste Comte considerou a histórica como sendo não-científica e, consequentemente, sem valor. Em sua mente, havia uma certa hierarquia das várias ciências. Segundo ele, o estudo científico começou com a ciência mais simples e progrediu para o mais complicado; a ciência mais complicada ainda estava para ser desenvolvida. Comte disse que a história era a matéria-prima a partir da qual este estudo foi complicado para se desenvolver. Este novo estudo era para ser uma ciência das leis, equivalentes às leis da mecânica desenvolvidas por cientistas. Ele chamou essa nova ciência de "sociologia". Sua nova palavra "sociologia", tem tido enorme sucesso; pessoas em todas as partes do mundo agora estudam e escrevem sobre sociologia.

Comte sabia muito bem que uma ciência geral da ação humana tinha sido desenvolvida durante os cem anos anteriores —a ciência da economia, política econômica. Mas Comte não gostava de suas conclusões; ele não estava em posição de refutá-las, nem para refutar as leis básicas das quais foram derivadas. Então, ele as ignorou. Essa hostilidade, ou ignorância, também foi exibida pelos sociólogos que seguiram Comte.

Comte tinha em mente o desenvolvimento das leis científicas. Ele culpou a história por lidar apenas com casos individuais, com eventos que aconteceram em um período definido da história, e em um ambiente geográfico específico. História não lida com coisas feitas por homens em geral, Comte disse, mas com coisas feitas por indivíduos. Mas sociólogos não tem feito o que Comte disse que deveriam; eles não desenvolveram conhecimentos gerais. O que eles têm feito é apenas o que Comte considerou sem valor, eles lidaram com os eventos individuais e não com generalidades. Por exemplo,

[1] "Estamos todos fazendo isso; muito poucos de nós entendemos o que estamos fazendo".

um relatório sociológico foi publicado no *"Leisure in Westchester"*. Sociólogos também estudaram a delinquência juvenil, métodos de punição, formas de propriedade, e assim por diante. Eles escreveram uma enorme quantidade de material sobre os costumes dos povos primitivos. É verdade, essa literatura não lida com reis ou guerras; ela lida principalmente com o "homem comum". Mas ainda não lida com leis científicas; trata-se de fatos históricos, com investigações históricas do que aconteceu em um ponto em um determinado momento. Tais estudos sociológicos são valiosos, porém, precisamente porque eles lidam com investigações históricas, as investigações de vários aspectos da vida humana cotidiana muitas vezes negligenciados por outros historiadores.

O programa de Comte é contraditório porque não há leis gerais que podem ser determinadas a partir do estudo da história. Observações da história são sempre fenômenos complexos interligados, de tal maneira que é impossível atribuir a causas específicas, com precisão inquestionável, numa certa parte do resultado final. Portanto, o método do historiador não tem nada em comum com os métodos do cientista natural.

O programa de Auguste Comte para desenvolver leis científicas a partir da história nunca foi realizado. A chamada "sociologia" é história ou psicologia. Por psicologia não me refiro as ciências naturais de percepção. Quero dizer a psicologia literária descrita pelo filósofo George Santayana [1863-1952] como a ciência da compreensão de fatos históricos, avaliações humanas que lidam com esforços humanos.

Max Weber [1864-1920] chamou a si mesmo um sociólogo, mas ele foi um grande historiador. Seu livro *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (Sociologia das Grandes Religiões) lida na primeira parte, *"A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo"*, com a origem do capitalismo. Ele atribuiu o desenvolvimento do capitalismo ao calvinismo e ele escreveu muito interessantemente sobre isso. Mas se a sua teoria pode ser suportada logicamente, é outra questão.

Um ensaio sobre "a cidade" —que não foi traduzido em Inglês[2] —que visa tratar a cidade ou vila como tal, na tentativa de dar ideias sobre a cidade em geral. Ele foi muito explícito em um aspecto, no entanto, nomeadamente na manutenção de que esta abordagem era mais valiosa do que lidar com a história de uma cidade em um momento específico. Por uma questão de fato, a situação pode ser exatamente o oposto; pode ser que a informação histórica seja mais geral, quanto menos valor material ela contenha.

Com relação ao futuro, temos de formar certas opiniões sobre o entendimento de eventos futuros. O estadista, o empresário, e, até certo ponto, todos estão na mesma posição. Cada um de nós deve lidar com condições futuras incertas que não podem ser antecipadas. O estadista, o político,

[2] A primeira edição em inglês, *The City*, foi traduzida e editada por Don Martindale e Gertrud Neuwirth (Glencoe, Illinois, Free Press, 1958).—Ed.

o empresário, e assim por diante, são, por assim dizer, "historiadores do futuro".

Existem na natureza relações quantitativas constantes —pesos específicos, e assim por diante, o que pode ser estabelecido no laboratório. Assim, estamos em uma posição para medir e atribuir quantidades de magnitudes de vários objetos físicos. Com o avanço das ciências naturais, seu estudo tornou-se mais e mais quantitativo —isto é, o desenvolvimento da química quantitativa para qualitativa. Como Comte disse: "A ciência é medição".

No campo da ação humana, no entanto, especialmente no campo da economia, não existem tais relações constantes entre magnitudes. Opiniões em contrário foram mantidas, no entanto, e até hoje muitas pessoas não conseguem ver que as explicações quantitativas precisas no campo da economia são impossíveis. No campo da ação humana, podemos fazer explicações apenas com referência específica a casos individuais.

Tome a Revolução Francesa, por exemplo. Historiadores procuram por explicações dos fatores que a realizaram. Muitos fatores colaboraram. Eles atribuem valores a cada um —a situação financeira, a rainha, sua influência sobre o rei fraco, e assim por diante. Tudo pode ser sugerido como contribuição. Através da utilização de ferramentas mentais, os historiadores tentam entender os diversos fatores e atribuir a cada um uma relevância definitiva. Mas o quanto cada um dos vários fatores influenciaram o resultado não pode ser respondido com precisão.

Nas ciências naturais, o estabelecimento de fatos experimentais não dependem do julgamento de indivíduos. Nem sobre as idiossincrasias, ou individualidade, do cientista específico. Uma decisão no campo da ação humana é colorida pela personalidade do homem que faz a compreensão e oferece a explicação. Eu não falo de pessoas preconceituosas, nem daqueles que são politicamente parciais, nem de pessoas que tentam falsificar fatos. Refiro-me apenas para aqueles que são pessoalmente sinceros. Não me refiro às diferenças devido à evolução de outras ciências que afetam fatos históricos. Não me refiro às mudanças no conhecimento que afetam interpretações históricas. Também não estou preocupado com diferenças que influenciam os homens, devido a pontos de vista científicos, filosóficos ou teológicos. Estou lidando apenas com a forma como dois historiadores, que concordam em todos os outros aspectos, podem, todavia, ter opiniões diferentes, por exemplo, quanto à relevância dos fatores que levaram à Revolução Francesa. A mesma unanimidade não será atingida no campo da ação humana uma vez que haverá, por exemplo, no que diz respeito ao peso atômico de um certo metal. E no que diz respeito ao entendimento das operações futuras de um empresário ou um político, apenas os eventos posteriores vão provar se determinados prognósticos, com base em suas avaliações, foram ou não foram corretos.

Existem duas funções envolvidas na compreensão: estabelecer os valores, os acórdãos do povo, seus objetivos, suas metas; e estabelecer os métodos

que eles usam para atingir seus fins. A relevância dos diversos fatores e a maneira em que eles influenciam os resultados só podem ser questões de juízo de valor. Em uma discussão sobre as Cruzadas, por exemplo, afigura-se que as causas principais eram religiosas. Mas haviam outras causas. Por exemplo, Veneza lucrou através do estabelecimento de sua supremacia comercial. É a tarefa do historiador decidir a relevância dos diversos fatores envolvidos em um curso dos acontecimentos.

A escola histórica da economia queria aplicar à economia as mesmas regras gerais que Comte visou em sociologia. Haviam pessoas que recomendaram substituir algo mais pela história —a ciência das leis derivadas da experiência nas mesmas vias que a física adquire conhecimento em laboratório. Também se defendeu que o método histórico era o único método para lidar com problemas no campo da ação humana.

No final do século XVIII, alguns reformadores queriam rever o atual sistema de leis. Eles apontaram para a falta de sucesso e falhas do sistema existente. Eles queriam que o governo substituísse novos códigos para leis antigas. Eles recomendaram reformas em conformidade com a "lei natural". A ideia desenvolveu que as leis não podem ser escritas, pois se originam na natureza dos indivíduos. Esta teoria foi personificada pelo britânico Edmund Burke [1729-1797], que tomou o lado das colônias e que, mais tarde, se tornou um oponente radical da Revolução Francesa. Na Alemanha, o jurista prussiano Friedrich Karl von Savigny [1779-1797], era defensor deste modo de pensar. Com referência à alma do povo, este grupo de reacionários concordou com a escola de Burke. Este programa foi executado em certa medida, e às vezes muito bem, em muitos países europeus —Prússia, França, Áustria e, finalmente, em 1900, no Reich alemão. Com o tempo, a oposição desenvolveu para esse desejo de escrever novas leis. No entanto, esses grupos foram os precursores do mundo dos dias de hoje.

A escola do método histórico diz que, se você quiser estudar um problema, você deve estudar sua história. Não existem leis gerais. Investigação histórica é o estudo do problema, uma vez que existe. É preciso primeiro conhecer os fatos. Para estudar o livre comércio ou de proteção, você só pode estudar a história do seu desenvolvimento. Esta é a abordagem oposta da defendida por Comte.

Tudo isso não é para menosprezar a história. Para dizer que a história não é teoria, nem a história teoria, menosprezar nem história nem teoria. Só é necessário salientar a diferença. Se um historiador estuda um problema, ele descobre que há certas tendências da história que prevaleceram no passado. Mas nada pode ser dito quanto ao futuro.

Os homens são indivíduos e, portanto, imprevisíveis. Leis matemáticas de probabilidade nos dizem nada sobre qualquer caso específico. Nem psicologia de massa nos diz qualquer coisa, mas que as multidões são compostas de indivíduos. Eles não não massas homogêneas. Como resultado do estudo das massas de pessoas e multidões que foi aprendido, que uma

pequena mudança pode trazer resultados importantes e de longo alcance. Por exemplo, se alguém grita "Fogo!" em um salão lotado, os resultados são diferentes do que teria sido em um pequeno grupo. Também em uma multidão, o prestígio da polícia e da ameaça do código penal e dos tribunais penais são menos poderosos. Mas se não podemos lidar com indivíduos, não podemos lidar com massas.

Se um historiador estabelece que existia uma tendência, isso não significa que a tendência é boa ou ruim. O estabelecimento de uma tendência e sua avaliação são duas coisas diferentes. Alguns historiadores dizem que o que está de acordo com as tendências de evolução é "bom", mesmo moral. Mas o fato de que há uma tendência evolutiva hoje nos Estados Unidos em direção a mais divórcios do que anteriormente, ou o fato de que há uma tendência para o aumento da alfabetização, por exemplo, não torna qualquer tendência "boa", só porque ela é evolutiva.

3

Ação Humana e Economia

AS PESSOAS GERALMENTE ACREDITAM que a economia é de interesse apenas para homens de negócios, banqueiros, e similares e que há uma economia separada para cada grupo, segmento da sociedade, ou país. Como a economia é a ciência mais recente a ter sido desenvolvida, não é de admirar que existem muitas ideias erradas sobre o significado e o conteúdo desse ramo do conhecimento. Levaria horas para apontar como os mal-entendidos comuns se desenvolvem, quais escritores eram responsáveis, e como as condições políticas contribuíram. É mais importante enumerar os mal-entendidos e discutir as consequências da sua aceitação por parte do público.

Este primeiro equívoco é a crença de que a economia não lida com a forma como os homens realmente vivem e agem, mas com um espectro criado pela economia, um fantasma que não tem correspondência na vida real. A crítica é feita de que o homem real é diferente do espectro do "homem econômico".

Uma vez que este primeiro equívoco é removido, um segundo mal-entendido surge —a crença de que a economia supõe que as pessoas são movidas por uma ambição e intenção apenas —para melhorar as suas condições materiais e seu próprio bem-estar. Os críticos dessa crença dizem que nem todos os homens são egoístas.

Um terceiro equívoco é que a economia assume todos os homens para ser razoáveis, racionais, e guiados pela razão somente, quando na verdade, os críticos afirmam, as pessoas podem ser guiadas por forças "irracionais".

Estes três equívocos são baseados inteiramente em falsas premissas. A economia não supõe que o homem econômico é diferente do que o homem é na vida cotidiana. A única suposição da economia é que existem condições do mundo em relação à qual o homem não é neutro, e que ele quer mudar a situação por ação propositada. Na medida em que o homem é neutro, indiferente, contente, ele não toma nenhuma providência, ele não age. Mas quando um homem faz uma distinção entre estados de vários assuntos e vê uma oportunidade para melhorar as condições de seu ponto de vista, ele age.

A ação é a busca de melhoria das condições do ponto de vista dos juízos de valor pessoais do indivíduo em causa. Isso não significa melhoria de uma visão metafísica, nem do ponto de vista de Deus. O objetivo do homem é substituir o que ele considera um melhor estado de coisas por um menos satisfatório. Ele esforça-se para a substituição de um estado mais satisfatório dos assuntos no lugar de um estado menos satisfatório dos assuntos. E na satisfação deste desejo, ele se torna mais feliz do que era antes. Isto implica nada com referência ao conteúdo da ação, nem se ele age por motivos egoístas ou altruístas.

Para eliminar o mal-entendido que surge quando uma distinção é tentada entre "racionalismo" e "irracionalismo", deve-se perceber que o que o homem faz conscientemente é feito sob a influência de alguma força ou poder que chamamos de razão. Qualquer ação destinada a uma meta definida é nesse sentido "racional". A distinção popular entre "racional" e "irracional" é totalmente sem sentido. Exemplos de "irracionalismo" citados são patriotismo ou a compra de um novo casaco ou um bilhete para uma sinfonia quando algo mais poderia ter aparecido uma ação mais sensata. A ciência teórica da ação humana pressupõe apenas uma coisa —que há ação, isto é, a luta consciente dos indivíduos para remover o mal-estar e para substituir um estado mais satisfatório de assuntos para aquele que é menos satisfatório. Nenhum juízo de valor é feito quanto à razão ou o conteúdo da ação. Economia é neutra. A economia lida com os resultados de juízos de valor, mas a economia em si é neutra.

Nem há qualquer sentido em tentar distinguir entre ações "econômicas" e "não econômicas". Algumas ações lidam com a preservação dos próprios sentidos vitais e necessidades alimentares, abrigo, do homem, e assim por diante. Outras são consideradas para ser impulsionadas por motivações "superiores". Mas o valor colocado sobre estes diferentes objetivos variam de homem para homem, e diferem para o mesmo homem de vez em quando. A economia lida apenas com a ação; é a tarefa da história para descrever as diferenças de objetivos.

O nosso conhecimento das leis econômicas é derivada da razão e não pode ser aprendida com a experiência histórica, porque a experiência histórica é sempre complexa e não pode ser estudada como um experimento de laboratório. A fonte dos fatos econômicos é a própria razão do homem, isto é, que nós chamamos na epistemologia conhecimento *a priori*, que já se sabe; um conhecimento *a priori* é distinguido a partir de um conhecimento *a posteriori*, o conhecimento que é derivado a partir da experiência.

Em relação ao conhecimento a priori, o filósofo inglês John Locke [1632-1704] desenvolveu a teoria de que a mente humana nasce uma lousa em branco na qual a experiência escreve. Ele disse que não há tal coisa como o conhecimento inerente. Gottfried Wilhelm Leibniz [1646-1716], um filósofo e matemático alemão, abriu uma exceção no caso do próprio intelecto. De acordo com Leibniz, a experiência não escreve em páginas brancas vazias

na mente humana; há um aparelho mental presente na mente humana, um aparelho mental que não existe nas mentes dos animais, o que torna possível para os homens converter a experiência em conhecimento humano.

Não vou entrar na discussão entre o "racionalismo" e "empirismo", a distinção entre experiência e conhecimento, o que o filósofo britânico e economista John Stuart Mill [1806-1873] chamou de conhecimento apriorístico. No entanto, mesmo Mill e os pragmáticos americanos acreditavam que o conhecimento apriorístico vem de alguma forma com a experiência.

A maneira em que o conhecimento econômico, teoria econômica, e assim por diante se relacionam com a história econômica e a vida cotidiana é o mesmo que a relação da lógica e da matemática para a nossa compreensão das ciências naturais. Portanto, podemos eliminar este anti-egoísmo e aceitar o fato de que os ensinamentos da teoria econômica são derivados da razão. A lógica e a matemática são derivados de uma maneira similar a partir da razão; não existe tal coisa como experimentação e pesquisa de laboratório no campo da matemática. De acordo com um matemático, o único equipamento que um matemático precisa é de um lápis, um pedaço de papel, e um cesto de lixo —suas ferramentas são mentais.

Mas, podemos perguntar, como é possível para a matemática, que é algo desenvolvido exclusivamente a partir da mente humana, sem referência ao mundo externo e realidade, a ser utilizada para uma compreensão do universo físico que existe e opera fora da nossa mente? Respostas a esta pergunta foram oferecidas pelo matemático francês Henri Poincaré [1854-1912] e o físico Albert Einstein [1879-1955]. Os economistas podem fazer a mesma pergunta sobre economia. Como é possível que algo desenvolvido exclusivamente a partir de nossa própria razão, de nossa própria mente, ao sentar-se em uma poltrona, pode ser usado para uma compreensão do que está ocorrendo no mercado e no mundo?

As atividades de cada indivíduo —todas ações —surgem a partir da razão, a mesma fonte de onde vêm nossas teorias. As ações do homem no mercado, no governo, no trabalho, no lazer, na compra e venda, são todos guiados pela razão, guiada pela escolha entre o que uma pessoa prefere contra o que ela não prefere. A razão é o método pelo qual uma solução (seja boa ou ruim) é atingida. Cada ação pode ser chamada de uma troca na medida em que significa a substituição de um estado de coisas para outro. Esperamos que o ator esteja substituindo uma situação que ele prefere para uma que ele goste menos.

Os pontos de partida para as ciências naturais são os vários fatos estabelecidos pela experiência. A partir desses fatos, as teorias são construídas para mais e mais abstrações, para mais e mais generalidades. Teorias finais são tão abstratas que elas são praticamente inacessíveis para a multidão geral. Isso não as torna menos valiosas; basta que sejam acessíveis a poucos cientistas.

Em uma ciência apriorística, começamos com uma suposição geral —ação

é levada para substituir um estado de coisas por outro. Esta teoria —sem sentido para muitos —leva a outras ideias que se tornam mais e mais compreensíveis e menos abstratas.

As ciências naturais progridem a partir do menos geral para o mais geral; a economia prossegue na direção oposta.

Ciências naturais estão em condições de estabelecer relações constantes de magnitude. No campo da ação humana, não existem tais relações constantes prevalecentes, então não há nenhuma oportunidade para a medição. Os juízos de valor que estimula os homens para agir, que levam a preços e atividade do mercado, não se medem; eles estabelecem distinções de grau; eles graduam. Eles não dizem “A” é igual a, ou mais ou menos do que “B”. Eles dizem: “Eu prefiro A do que B”. Eles não estabelecem julgamentos. Isso tem sido mal interpretado por 2000 anos. Ainda hoje existem muitas pessoas, até mesmo filósofos eminentes, que não compreendem isso completamente. É a partir do sistema de valores e preferências que o sistema de preços do mercado surge.

Aristóteles escreveu, entre outras coisas, sobre os diversos atributos de homens e mulheres. Ele se confundiu muitas vezes. Teria ele perguntado a Sra. Aristóteles sobre as mulheres, ele teria descoberto que estava errado em alguns aspectos; ele teria aprendido de forma diferente. Ele também estava encanado em afirmar que, se duas coisas eram para ser trocadas no mercado, elas deveriam ter algo em comum, que elas estariam sendo trocadas porque eram iguais. Agora, se fossem iguais, por que foi necessário trocá-las? Se você tem uma moeda de dez centavos e eu tenho um centavo, nós não as trocamos porque elas são as mesmas. Segue-se, portanto, que, se houver uma troca, deve haver alguma desigualdade nos itens que estão sendo negociados, não a igualdade.

Karl Marx [1818-1883] baseou sua teoria do valor nesta falácia. Em *“Capital e Juros”*, por Eugen von Böhm-Bawerk [1851-1914], consulte o Capítulo XII tratando de Marx (*“A Teoria da Exploração”* no Volume I, *História e Crítica das Teorias de Juros*). Muito tempo depois de Marx, Henri Bergson, em um livro muito admirado sobre as duas fontes de moral na religião, aceitou a mesma falácia —se duas coisas são trocadas no mercado elas devem ser iguais de alguma forma. Mas as coisas que são “iguais” não são trocadas; trocas acontecem apenas porque as coisas são desiguais. Você se dá ao trabalho de ir ao mercado, porque você valoriza o pão mais altamente do que o dinheiro que você dá por ele. As pessoas trocam coisas porque naquele tempo elas preferem outras coisas do que o dinheiro. Uma troca nunca ocorre com a intenção de uma perda. O agente homem nunca está pessimista porque sua ação é inspirada na ideia de que as condições podem ser melhoradas.

O objetivo da ação é substituir um estado de coisas melhor adequando os homens que tomam a ação do que a situação anterior. O valor de qualquer alteração da sua situação é chamado de “ganho” se for positivo, uma “perda”

se for negativo. Este valor é puramente psíquico, não pode ser medido. Você pode dizer apenas que é maior ou menor. Torna-se mensurável somente na medida em que as coisas são trocadas no mercado contra o dinheiro. No que diz respeito à própria ação em causa, não tem nenhum valor matemático.

Mas, você diz, isso contradiz nossa experiência diária. Sim, porque o nosso ambiente social faz cálculos possíveis na medida em que as coisas são trocadas por um meio comum de troca, o dinheiro. Quando as coisas são trocadas por dinheiro, é possível usar termos monetários para cálculos econômicos, mas apenas quando três condições são preenchidas:

1. Deve haver propriedade privada, não só dos produtos, mas também dos meios de produção;

2. Deve haver divisão do trabalho e, por conseguinte, produção para as necessidades dos outros;

3. Deve haver troca indireta nos termos de um denominador comum.

De um modo geral, tendo em conta estas três condições podem ser estabelecidos alguns valores matemáticos, embora não precisamente. Estas medidas não são exatas porque elas lidam com o que aconteceu ontem, historicamente. Demonstrações financeiras de negócios podem parecer precisas, mas até mesmo o valor em dinheiro de um inventário entrou em "tantos dólares" é um valor especulativo das antecipações futuras; o valor creditado em equipamentos e outros ativos também é especulativo. O verdadeiro problema da inflação é que falsifica esses cálculos e traz problemas trágicos.

Cálculos monetários não necessariamente existem em todos os tipos de organizações ou sociedades. Eles não existiam quando começou a economia. Os primeiros seres humanos agiram; os seres humanos têm sempre agido; mas foi milhares de anos antes da evolução da divisão do trabalho e de um aparelho financeiro tornar o cálculo monetário possível. Cálculos monetários desenvolveram-se passo a passo durante a Idade Média. Em seu desenvolvimento precoce, faltava muitas características que pensamos hoje como necessárias. (Em um sistema socialista, estas condições voltariam a desaparecer e tornar tais cálculos e medições impossíveis).

A natureza quantitativa das ciências naturais permite mecânicos a fazerem planos e construírem pontes. Se você sabe o que deve ser construído, a tecnologia baseada no conhecimento das ciências naturais é suficiente. As perguntas são, no entanto: O que deve ser construído? O que deveria ser feito? Tecnólogos não podem responder a estas perguntas.

Na vida, os materiais de produção são escassos. Não importa o que fazemos, sempre haverá outros projetos para os quais os fatores de produção necessários não podem ser poupados. Sempre haverá outras demandas urgentes. Este é o fator que os empresários têm em conta no cálculo de perda e sucesso. Quando um empresário decide contra um determinado projeto, pois o custo é muito alto, isso significa que o público não está preparado para pagar o preço de usar matérias-primas dessa forma. Utiliza-se dos fatores de produção disponíveis para a realização do maior número desses projetos que

satisfazem as necessidades mais urgentes, sem perder fatores de produção, retirando-os do emprego mais urgente para o menos urgente.

Para estabelecer isto, é necessário estar em posição para comparar os gastos de vários fatores de produção. Por exemplo, vamos assumir que é necessário para construir uma estrada de ferro entre duas cidades —A e B. Vamos supor que há uma montanha entre A e B. Há três possibilidades —passar por cima, através, ou em torno da montanha. Um denominador comum é necessário para calcular o valor comparativo. Mas isso pode dar apenas um quadro da situação monetária; não é uma medição. É uma avaliação em função das necessidades e situações atuais. As condições amanhã serão diferentes. O sucesso ou fracasso de cada projeto empresarial depende de seu sucesso em antecipar as possibilidades futuras.

O problema com a tentativa de desenvolver uma ciência quantitativa da economia é que muitas pessoas imaginam que a economia teórica deve acompanhar a evolução de outros ramos da ciência. As ciências naturais desenvolveram de serem qualitativas para quantitativas, na natureza, e muitas pessoas estão inclinadas a acreditar que a mesma tendência deve ocorrer em economia também. No entanto, não existem relações constantes na economia, por isso, nenhuma medida é possível. E sem medida, o desenvolvimento quantitativo da economia não pode acontecer. Fatos quantitativos em economia pertencem a história da economia —não a teoria econômica.

Um livro chamado *"Medição da Elasticidade da Demanda"* foi revisado recentemente por um homem agora no Senado americano, Paul Douglas [1892-1976], que pode até estar esperando por maior cargo político em algum momento. Douglas disse que a economia deve tornar-se uma ciência exata com valores fixos, como pesos atômicos em química. Mas este livro em si não se refere a valores fixos; refere-se à história econômica de um período definido de tempo em um determinado país, os Estados Unidos. Os resultados teriam sido diferentes se outro período de tempo ou se outro país tivesse sido considerado. No âmbito do universo em que operamos, pesos atômicos não mudam em um período de tempo ou de um país para outro. Por outro lado, valores econômicos e quantidades econômicas mudam ao longo do tempo e de lugar para lugar.

Economia é a teoria da ação humana. É um fato histórico de grande importância, por exemplo, que a utilidade da batata foi descoberta pelos nativos do México, trazidos para a Europa por um cavalheiro britânico, e que o seu uso se espalhou por todo o mundo. Este fato histórico teve importantes efeitos sobre a Irlanda, por exemplo, mas do ponto de vista da teoria econômica foi apenas um acidente.

Quando você introduz figuras na economia, você não está mais no campo da teoria econômica, mas no campo da história econômica. A história econômica é, também, evidentemente, um campo muito importante. As estatísticas no domínio da ação humana é um método de estudo histórico. Estatísticas dão uma descrição de um fato, mas elas não podem provar mais

do que o fato. (É verdade que alguns estatísticos são "vigaristas" e, como uma questão de fato, algumas estatísticos no governo provavelmente foram nomeados apenas para esse fim).

Algumas pessoas podem interpretar mal essas declarações e concluem que a finalidade da economia, sendo uma ciência puramente apriorística, é desenvolver um programa para a ciência do futuro, e que a economia é uma teoria praticada apenas por "senhores da poltrona". Ambas as declarações estão erradas. A economia não é um programa para uma ciência que ainda não existe. E não é uma ciência meramente para os puristas. Portanto, devemos rejeitar as ideias de algumas pessoas de que é preciso aprender a história para estudar a ação humana. A história é importante. Mas você não pode lidar com as condições atuais estudando o passado. Condições mudam.

Como um exemplo do que quero dizer. O National Bureau of Economic Research publicou um relatório sobre o assunto da venda em prestações que apareceu na véspera da Segunda Guerra Mundial, na véspera da inflação, e na véspera das restrições ao crédito do governo. No momento em que o estudo foi feito, já estava "morto"; tratava-se de questões que já eram passado. Eu não quero dizer que era inútil. Com bons cérebros pode-se aprender muito com eles. Mas não se esqueça que isso não é economia —é história econômica. O que eles realmente estavam estudando era a história econômica do passado mais recente.

Darwin percebeu isso também. Ele viu que, ao estudar os animais, o animal foi morto no momento em que foi dissecado para estudo, de modo que nunca poderia realmente estudar o animal —nunca se pode estudar a própria vida.

O mesmo é verdadeiro da economia. Não se pode descrever o atual sistema econômico —só se pode descrever o passado. Não se pode prever o futuro como resultado do estudo do passado. Muitas vezes, os historiadores econômicos ensinam história sob o rótulo de "economia". Mesmo que você saiba tudo sobre o passado, você não sabe nada sobre o futuro.

4

Marxismo, Socialismo e Pseudociência

HOJE VOU LIDAR COM ALGUNS ASPECTOS das teorias de Karl Marx. Quero contribuir um pouco para a interpretação materialista da história. Em primeiro lugar, devo dizer algo sobre a filosofia geral e história de Marx.

Em geral, doutrinas filosóficas a respeito dos problemas históricos são doutrinas de um tipo muito especial. Elas tentam apontar não apenas o que a história era no passado, mas elas presumem saber o que o futuro reserva para a humanidade e oferecer uma solução para os problemas futuros. A maioria dos filósofos rejeita este modo de pensar. Por exemplo, Immanuel Kant [1724-1804] declarou que um homem que tentasse fazer isso seria alocado para si mesmo a capacidade de ver as coisas com os olhos de Deus.

No entanto, na década de 1820, Hegel deu uma interpretação tão filosófica da história. De acordo com Hegel, a força motriz da Revolução Industrial foi uma entidade chamada Geist, ou seja, o espírito ou a mente. *Geist* tem certos objetivos que quer cumprir. A evolução do Geist da história já atingiu seu objetivo final. Este objetivo final, de acordo com Hegel, foi o estabelecimento do reino da Prússia de Friedrich Wilhelm III [1770-1840] e da União das Igrejas da Prússia. Os críticos desta doutrina dizem que isso significaria que não haveria história no futuro, porque a evolução tinha alcançado seu objetivo final.

Em meados do século XIX, Karl Marx, por conta própria, desenvolveu uma filosofia diferente da de Hegel. A força motriz de Karl Marx não era *Geist*, ou espírito, mas algo chamado as "forças produtivas materiais". Essas forças empurram a história da humanidade através de várias etapas sucessivas, a próxima a última das quais é o capitalismo. Após o capitalismo vem inexoravelmente a última etapa —socialismo. Portanto, de acordo com esta teoria, a vinda do socialismo é inevitável, determinada pelas forças da história.

Os antecessores de Marx, os socialistas históricos, acreditam que, para

realizar o socialismo era necessário convencer a maioria das pessoas que o socialismo era o melhor, ou o melhor sistema; em seguida, as pessoas provocariam a substituição. Karl Marx não disse nada sobre a conveniência do socialismo; ele fingiu não estar falando em favor do socialismo. Ele afirmou ter descoberto uma lei da evolução social, indicando que o socialismo foi obrigado a vir com a inexorabilidade de uma lei da natureza.

Mas é o socialismo melhor? Esta questão já havia sido respondida por Hegel e Comte. De acordo com suas doutrinas, foi tacitamente assumido que cada estágio sucessivo da evolução deve necessariamente ser "melhor" e "mais elevado" do que as etapas anteriores. Portanto, levantar a questão de haver ou não um estágio evolutivo tardio é melhor está além do ponto. Era óbvio. Porque o socialismo seria uma fase posterior, deve necessariamente ser melhor.

Marx acreditava que o socialismo estava muito próximo. Depois disso, toda a história teria chegado ao fim. Em seguida, não poderia haver um maior desenvolvimento, porque uma vez que o conflito de classes fosse eliminado, estaríamos vivendo em um estado no qual nenhuma coisa mais importante poderia acontecer. Aqui está uma citação que ilustra esse ponto de Friedrich Engels [1820-1895], que se considerava não só um grande economista, mas também um grande especialista em problemas militares:

> "Em primeiro lugar, as armas utilizadas atingiram um tal grau de perfeição que progressos posteriores que têm alguma influência revolucionária não é mais possível ... A era da evolução é, portanto, em essência, encerrada nesse sentido".[1]

Desde então, as armas modernas têm sido desenvolvidas.

O problema mais importante para a doutrina da inevitabilidade do socialismo para explicar é como uma entidade super-humana, como *Geist* ou as "forças produtivas materiais", pode forçar as pessoas a agir de modo que um certo resultado determinado irresistível deve prevalecer. As pessoas têm seus próprios planos individuais —visam vários fins. Mas a teoria da inevitabilidade-do-socialismo sustenta que o que quer que as pessoas façam, elas devem finalmente produzir os resultados que Geist ou as "forças produtivas materiais" queriam ter produzido. Duas explicações têm sido sugeridas.

Um grupo tinha uma solução muito simples. Este grupo afirmava que as pessoas vão ser forçadas por "Führers" ou super-homens para ir a maneira que *Geist* ou as forças produtivas materiais indicam. Sempre houve reis e ditadores que foram atribuídas a si esta missão sobre-humana. Então Stalins, Hitlers, e Mussolinis são eleitos pela história; aqueles que não obedecem a seus comandos devem ser liquidados porque são contra a "evolução histórica".

[1] Herr Eugen Dühring's *Revolution in Science (Anti-Dühring)* [1878] por Friedrich Engels (New York: International Publishers, 1939), p. 188.

Esta não foi uma ideia de Marx. A doutrina marxista foi baseada no muito discutido "materialismo histórico dialético econômico". O materialismo é uma das maneiras em que as pessoas tentam resolver um dos problemas mais fundamentais e insolúveis, a relação entre as funções da alma ou da mente do indivíduo, por um lado, e as funções do corpo, sobre o outro. Precisamente o que essa relação é permanece controverso. Não há dúvida de que existe alguma conexão, e muitas tentativas foram feitas para explicá-la. No entanto, o nosso único interesse em tal explicação materialista no momento é por causa de sua relação com a teoria de Karl Marx.

O filósofo materialista diz que todas as funções mentais dos homens são simplesmente produzidas por seus órgãos corpóreos —por seus cérebros físicos. Alguns filósofos do século XVIII sugeriram esta ideia. No século XIX, foi expressa de forma mais crua por alguns contemporâneos de Marx, entre eles o filósofo alemão Ludwig Andreas Feuerbach [1804-1870], que disse sem rodeios: "O homem é o que ele come". Isto é interessante, mas um pouco difícil de aceitar. Quimicamente, a secreção dos órgãos de todos os homens normais é a mesma. Na medida em que eles não são, na medida em que existem irregularidades, estas variações indicam uma condição patológica e estas irregularidades são as mesmas para todos os homens na mesma condição patológica. Ideias e pensamentos, no entanto, são diferentes. Dois meninos podem tomar o mesmo exame, mas as suas respostas às mesmas perguntas serão diferentes. O poeta italiano Dante escreveu belas palavras, enquanto outros podem ter dificuldade em escrever alguma coisa. Portanto, há algo "suspeito" sobre esta doutrina.

Marx rejeitou este tipo de materialismo, dizendo que estes filósofos materialistas eram fracos em lidar com os problemas sociais. Apesar do fato de que o conhecimento superficial da própria marca do materialismo de Marx requer muito pouco tempo, não é muito bem conhecida. Sua marca particular do materialismo é expressa em algumas poucas páginas de sua *"Crítica da Economia Política"*, a proposta original para o primeiro capítulo de *"O Capital"*:

> "Na produção social de sua subsistência, os homens entram em relações determinadas e necessárias umas com as outras que são independentes de sua vontade —relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.[2]

As forças produtivas materiais produzem, independentemente da vontade do povo, sistemas legais e institucionais definidos chamados "relações de produção". Relações de produção são as consequências necessárias das forças produtivas materiais.

[2] *"Capital, the Communist Manifesto and other Writings"* by Karl Marx, editado com uma introdução por Max Eastman (New York: The Modern Library, 1932), p. 10.

Para além das relações de produção existe uma superestrutura que inclui tudo ideológico —arte, literatura, ciência, religião, e assim por diante. Essas superestruturas são produtos necessários das relações de produção existentes. As relações de produção são, por sua vez, as consequências necessárias das forças produtivas materiais existentes, que são a coisa real. As forças produtivas materiais por si só tem um efeito individual. Quando as forças produtivas materiais mudam, elas inevitavelmente trazem, independentemente da vontade do homem, as mudanças nas relações de produção do órgão social correspondente, da sociedade. Eles também trazem mudanças na superestrutura. Portanto, a questão importante é: Quais são as forças produtivas materiais?

Aqui nos deparamos com a peculiar técnica de Marx de não dar definições dos termos que ele usa. No entanto, seus exemplos ocasionais são úteis. O mais importante é o exemplo que aparece em *"A Miséria da Filosofia"* (1847). O moinho de mão dá-lhe "sociedade feudal"; o moinho de vapor dá-lhe "sociedade industrial". Isto significa que as forças produtivas materiais são as ferramentas e máquinas. É as ferramentas e máquinas que são as coisas reais. As ferramentas e máquinas mudam; elas têm uma história própria; elas produzem o primeiro de todas as relações de produção e a estrutura social, e acima da estrutura social, que produzem a superestrutura —a literatura, religião, e assim por diante. Outros exemplos nos levam às mesmas conclusões, que o que Marx queria dizer com as "forças produtivas materiais" eram as ferramentas e máquinas.

Mas duas questões importantes surgem. Ferramentas e máquinas não aparecem no independente universo da mente humana. Elas são produtos do pensamento e ideias humanas, elas são produtos da mente humana. Em segundo lugar, essas ferramentas e máquinas só podem ser introduzidas na prática quando as condições sociais tornam possíveis —primeiro deve haver um certo grau de divisão do trabalho, a fim de aplicar e usar as máquinas. Sem a divisão do trabalho, maquinário, o produto das ideias é inútil. Isso é realmente o materialismo? Assim, a evolução dos fatores ideológicos de Marx —a fonte das ideias, as forças materiais produtivas —remontam aos produtos que são eles próprios o resultado da mente humana. Portanto, todo o esquema é insatisfatório.

Marx queria mostrar como as novas ideias originaram-se. Ele atacou as teorias do século XVIII, especialmente as do historiador e filósofo escocês David Hume [1711-1776], que as ideias que são a coisa mais importante, que a mudança de ideias resulta em mudança nas condições. Marx disse que as ideias não são nada, mas os resultados necessários de fatores materiais, produtos das forças produtivas materiais. Mas vemos que as forças produtivas materiais são elas próprias os produtos de ideias. O pensamento de Marx se move em um círculo.

Haviam outros além de Marx que anexaram enorme importância para invenções e melhorias nas máquinas. Um pouco mais tarde na década de

1870, Leopold von Ranke [1795-1886] declarou que a história da tecnologia é o aspecto mais importante da história humana; tudo é continuado pela tecnologia. Marx foi mais longe ao dizer que tudo realmente e literalmente depende de mudanças na tecnologia. Mas ele não podia explicar tudo, a partir do ponto de vista materialista, porque as ferramentas e máquinas são todos próprios produtos da alma humana.

Quando Marx morreu, seu amigo e colaborador, Friedrich Engels, se dirigiu a seus amigos no túmulo. Neste discurso ele tentou condensar em uma breve declaração o que ele considerava as grandes ideias imortais de Marx. Esse discurso contém uma levemente nova interpretação de Karl Marx. Engels declarou que "Como Darwin, que descobriu a lei da evolução da natureza orgânica, Marx descobriu a lei da evolução da humanidade histórica, ou seja, o simples fato de, até então escondida sob os crescimentos ideológicos exagerados, que o homem deve antes de mais nada comer, beber, ter um abrigo e roupas antes que ele possa prosseguir a política, a ciência, a arte, a religião e afins..." Isto, disse Engels, era desconhecido antes de Marx descobri-lo. Mas é óbvio; ninguém jamais negou. Por uma questão de fato, há um velho ditado latino ou dizer do início da Idade Média: "Primeiro você deve viver, então você pode ser um filósofo".

Foi uma maravilhosa jogada de Engels dar essa interpretação de Marx, porque desde então, sempre que alguém tenta contradizer a teoria de Marx, ele é indagado se nega que alguém deve primeiro comer e beber antes que se possa escrever. É óbvio que se deve. Então, você é forçado a aceitar a base da teoria marxista.

Marx continua. A sociedade está dividida em classes e cada membro de uma classe é limitado pelas leis da história a pensar de acordo com seus interesses de classe. A lealdade de classe, não só no presente estado da sociedade, mas também em fases anteriores quando as classes se desenvolveram, determina o conteúdo das ideias de uma pessoa. A pessoa pensa de uma determinada maneira, porque ela é um membro de uma classe definida. E, como todos os membros da classe pensam de acordo com seu próprio interesse de classe, o resultado é que os interesses dessas classes que a história selecionou deve finalmente triunfar. A ideia de Marx é que a classe, não o indivíduo, pensa.

Marx continua. A sociedade está dividida em classes e cada membro de uma classe é limitado pelas leis da história a pensar de acordo com seus interesses de classe. A lealdade de classe, não só no presente estado da sociedade, mas também em fases anteriores quando as classes se desenvolveram, determina o conteúdo das ideias de uma pessoa. A pessoa pensa de uma determinada maneira, porque ela é um membro de uma classe definida. E, como todos os membros da classe pensam de acordo com seu próprio interesse de classe, o resultado é que os interesses dessas classes que a história selecionou deve finalmente triunfar. A ideia de Marx é que a classe, não o indivíduo, pensa.

Em um dos volumes de *"Das Kapital"*, publicado por Engels após a morte de Marx, há um capítulo intitulado "Classes". Aqui Marx começa por dizer o que as classes não são. Em seguida, o manuscrito termina. Uma nota por Engels diz que o trabalho nunca foi terminado. Podíamos nos sentir muito tristes se nós não soubéssemos que a escrita de Marx não foi interrompida por sua morte; ele parou de escrever esses volumes, muitos anos antes.

Marx dá exemplos de conflitos de classe, mas todos eles se referem às condições do status em uma sociedade de castas, quando se nasce em uma determinada casta —nobreza, burguesia, servidão, e assim por diante. Sob tais circunstâncias, há um conflito de interesses. Qualquer pessoa nascida um membro de uma casta definitiva só tem tanto direito e privilégio como seu pai. E então é correto dizer que existem conflitos de classe. Mas uma sociedade em que há igualdade perante a lei e em que todo mundo é livre para fazer o que quiser —em tal sociedade não há "classes" rígidas e nenhum interesse de classe "irreconciliável".

Segue-se, portanto, que para falar da "burguesia" implica que um grupo tem interesses especiais, para além daqueles das multidões. Esta é a filosofia implícita na política dos EUA que devemos conceder subsídios aos agricultores, ou privilégios especiais para o trabalho, prestar assistência ao "ruritano" para preservá-los de tornarem-se comunistas, e assim por diante. Se eles querem virar comunistas, isso é melhor para eles. Estamos vivendo em um mundo dominado por esta filosofia de "classes". Referir-se à burguesia assume a teoria marxista de classes.

Mesmo se assumirmos outras teses de Marx, é difícil aceitar seu argumento de classe. Marx admite no *Manifesto Comunista* que existem pessoas que estão com consciência de classe e aquelas que não estão, que os interesses de algum indivíduo se opõem aos interesses de sua "classe". Por que deveria um indivíduo pensar de acordo com os interesses de sua classe se os interesses da classe são diferentes dos seus próprios interesses? Diz-se que os trabalhadores nos Estados Unidos são extremamente atrasados no desenvolvimento da consciência de classe. Se a falta de consciência de classe pode existir, como é que é possível dizer que existe tal coisa como um interesse de classe?

Existem também diferenças de opinião entre várias pessoas, quanto ao quê os interesses de classe realmente são. A questão é, o que é certo? Os marxistas dizem, "É muito fácil saber. Se um membro da classe pensa diferente, ele é um traidor da classe, um traidor social. Se outro homem, não um membro da classe, pensa de forma diferente, não há necessidade de uma explicação". A dificuldade com isto é que existem, de fato, alguns membros da classe que não pensam ao longo das linhas prescritas por seus "interesses de classe".

Outra dificuldade é que o próprio Karl Marx, que pretendia falar para o proletariado, não foi um proletário. Ele era filho de um advogado bem sucedido; ele se casou com a filha de um Junker prussiano; e seu cunhado

era o chefe de polícia da Prússia. Então também, seu associado, Friedrich Engels, não foi um proletário; ele era o filho de um fabricante e ele próprio era um fabricante. Sua resposta a esta crítica é:

> "Finalmente, em momentos em que a luta de classes se aproxima da hora decisiva, o processo de dissolução acontecendo dentro da classe dominante —de fato, em toda a gama de uma antiga sociedade —assume um caráter tão violento e agudo, que uma pequena parte da classe dominante corta-se à deriva e se junta à classe revolucionária, a classe que tem o futuro em sua mão".[3]

Mas Marx e Engels não estavam na parte de trás do movimento —eles estavam na vanguarda do movimento. Eles e outros líderes do movimento também eram burgueses.

Na Inglaterra, quando o movimento Fabiano se desenvolveu, os socialistas continentais que visitando aquele país para encontrar seus eminentes amigos e admiradores, ficavam muitas vezes espantados ao descobrir que os fabianos eram um conjunto muito socialmente eminente. Em seus jantares eles apareceram em laços brancos e caudas e as senhoras usavam jóias e toda a parafernália da sociedade vitoriana. É no mínimo questionável que o socialismo era um resultado da mente proletária.

Como um homem como Marx poderia deixar de perceber que não é "interesses" que criam ideias, mas sim que as ideias ensinam as pessoas o que os seus "interesses" são? Como ele poderia deixar de ver isso? Creio que foi porque ele era totalmente dominado pela ideia de que a economia é apenas comida, roupas e abrigo. Foi sua ideia de que as massas famintas tinham a intenção apenas mediante obtenção de alimentos. Ele estava plenamente convencido de que a tendência do capitalismo era, inevitavelmente, causar o empobrecimento das massas e concentração da riqueza nas mãos de um pequeno grupo. Ele estava convencido de que nada poderia impedir esta tendência, e que esta tendência iria finalmente trazer o socialismo.

Todo mundo sabe que isso não é verdade. Mas, as pessoas respondem, não é verdade, porque aconteceu algo que Karl Marx não poderia ter previsto. Ele não previu o movimento sindical e a legislação social. Mas um papel curto publicado por Marx fez discutir sindicatos e ele disse que era impossível para eles tentar melhorar a condição dos trabalhadores, porque a tendência da história foi em outra direção. Os salários reais, inevitavelmente, iriam para baixo e para baixo. Os sindicatos devem abandonar seu esforço por melhores salários e substituir um alvo "conservador" —acabar para sempre com o sistema de salários. Marx se opôs à legislação social —segurança social *etc.* —pelo menos, após a década de 1850, quando afirmou sua crença de que as forças produtivas materiais trariam mudanças.

[3] Marx, op. cit., p. 331.

Se as forças produtivas materiais mudassem, toda a estrutura necessariamente tem de mudar, porque as forças produtivas materiais já não podem desenvolver-se na velha relação. Seguindo o conselho do próprio Marx e, após sua morte, de Friedrich Engels, o Reichstag alemão votou contra a medicina socializada, seguro social, e legislação do trabalho, chamando-os de fraudes para explorar as classes trabalhadoras ainda mais do que antes.

> "Nenhuma formação social nunca desaparece antes que todas as forças produtivas sejam desenvolvidas para o qual haja espaço, e novas relações de produção mais elevadas nunca aparecem antes que as condições materiais de sua existência não amadureceram no útero da velha sociedade".[4]

Por isso, foi a tese de Marx de que, a fim de acelerar o advento do socialismo, o capitalismo deve primeiro atingir a maturidade. (Isto é comparável ao "capitalismo maduro" do *New Deal*). Todos estes métodos para "melhorar" o capitalismo, como a segurança social, legislação laborar, e assim por diante, são apenas insignificantes condições burguesas; elas são prejudiciais para os interesses dos trabalhadores, porque elas só adiam a maturidade do capitalismo.

Se é verdade que a vinda do socialismo —uma bênção para os trabalhadores —é independente da vontade dos homens, se ela depende exclusivamente da maturidade do capitalismo e do desenvolvimento das forças produtivas dentro do capitalismo, o que é o uso de um Partido Socialista? Não é absurdo, de acordo com esta teoria, para o homem, que não tem nada a dizer quanto ao futuro, tentar chegar a uma meta? A resposta feita a essa pergunta é que, assim como uma parteira é necessária para ajudar uma mãe dar à luz, por isso é o Partido Socialista necessário trazer o socialismo para o mundo. Às vezes, a parteira pode interferir e a situação muda, mas ela serve a um propósito.

Assim, vemos que a tentativa de Marx para mostrar que as ideias são os produtos de algo material não foi muito conclusiva. Ele demonstrou apenas que as ideias são produzidas por forças que já estão em si, produtos de outras ideias. Todas suas teorias ensinam é que, entre ideias, algumas são mais importantes do que outras. Segundo ele, a ideia de que traz sobre a construção de uma nova máquina, por exemplo, é mais importante do que as ideias que trazem sobre um poema ou um sistema filosófico. O valor de todas essas atividades mentais é atacado por Marx. Qual é a utilidade da poesia, o valor da religião, se estes são apenas consequências do fato de que temos certas ferramentas de produção? Eu sequer chamaria esta teoria de "materialismo" de Marx.

Em 1840 e 1850, reconhecidos sociólogos e economistas devastaram os ensinamentos dos autores socialistas com suas críticas. Mas suas críticas

[4] Marx, op. cit., p. 11.

não tocaram nos problemas mais importantes. Não havia nenhuma razão para eles o fazerem, porque aboliram as afirmações de seus contemporâneos socialistas. Karl Marx percebeu que não poderia responder a essas críticas, e suas doutrinas socialistas tomaram outro rumo. Primeiro de tudo, ele elaborou a teoria de que todo mundo é obrigado pelas leis da natureza a pensar de tal forma conforme os interesses de sua classe o force a pensar. Ele acreditava que a teoria de um homem, não importa o assunto que lide —se religião, filosofia, ou lei —pode nunca nos dar a verdade, uma vez que hajam classes. Ideologias de classe, ele sentiu, são obviamente falsas por causa de suas deficiências e tendências para servir os interesses do autor. Marxistas, ainda hoje, acreditam que eles provaram sua tese simplesmente afirmando que não existe tal coisa como uma busca imparcial da verdade, que o homem não procura a verdade, mas apenas para resultados práticos.

Para o bem do argumento, se aceitarmos a tese de que todas as atividades mentais são motivadas pelo desejo de resultados práticos, temos de admitir que, se um homem queria resultados, ele visaria uma teoria que era correta. Pragmáticos dizem "verdade" é algo que funciona quando aplicado. Ludwig Boltzmann [1844-1906], um filósofo positivista, disse que a prova de que nossas teorias físicas são exatas incumbe ao fato de que as máquinas construídas de acordo com essas teorias funcionam como esperado. Porque as pessoas queriam matar umas as outras por armas de fogo que desenvolveu-se a teoria da balística. De acordo com Marx, a teoria da balística não foi desenvolvida porque as pessoas queriam matar outras pessoas, mas as teorias estão corretas porque elas queriam matar. Marx desenvolveu sua teoria, porque ele queria dizer que o proletariado não precisa se preocupar com o ponto de vista burguês; o que os economistas burgueses disseram sobre o socialismo era de nenhum interesse para os trabalhadores.

O segundo ponto que ele desenvolveu foi a teoria da inevitabilidade da vinda do socialismo por causa do progressivo empobrecimento dos trabalhadores pelos capitalistas. Como o socialismo é uma fase posterior, Marx disse, é também, necessariamente, um estágio superior. Está, portanto, ao lado do ponto de desenvolver planos para o futuro Estado socialista. Os críticos têm demolido estas ideias dizendo que elas não podem funcionar. Mas Marx disse que não temos de fazê-lo; as forças produtivas farão os planos quando tudo estiver maduro.

O sucesso de Marx era enorme. Hoje, muitas pessoas que acreditam que o socialismo é inevitável se consideram jovens marxistas e jovens comunistas. Houve resistência ao seu materialismo histórico, mas tem havido pouca resistência à teoria da inevitabilidade do socialismo.

A principal deficiência da atual mentalidade é precisamente o fato de que as pessoas são bastante fracas em criticar a tese fundamental do marxismo. Um livro de Alexander Miller sobre *"O Significado Cristão de Karl Marx"* (New York: Macmillan, 1947) recomenda o uso da religião cristã a apoiar não só o próprio marxismo, mas também o materialismo marxista.

Marx foi consistente em rejeitar tentativas de legislação laboral. Sua teoria era de que o mundo deve seguir uma certa sequência de eventos:

(1) feudalismo; (2) capitalismo; e (3) socialismo. Porque era incompatível com a sua teoria, ele rejeitou a teoria de que uma etapa pode ser pulada. No entanto, quando da morte de Marx, Engels encontrou entre seus pertences uma nota por Marx em um pedaço de papel sugerindo que isso pode ser possível. Evidentemente, Marx tinha rabiscado esta nota uma noite —na manhã havia pensado melhor, percebendo que se ele concordou com isso destruiria a sua teoria básica. Engels copiou a nota de próprio punho, e enviou-a para uma mulher na Rússia que ganhou alguma fama, porque ela tinha matado o comissário de polícia e havia sido absolvida —essas coisas aconteceram na Rússia então. Ela publicou nos anos de 1880. Os bolcheviques pensaram que esta era uma maravilhosa ideia – eles sabiam que a Rússia foi para trás e apoderaram-se deste como razões para acreditar que eles não teriam que passar pelo capitalismo antes de atingir o socialismo, mas poderiam pular essa fase.

A importância de Marx é que ele marca as doutrinas de outros humanistas como ideologias, teorias falsas, que precisamente por causa da sua incorreção são úteis para a classe de onde provêm. Como um economista, Marx foi completamente dominado pelas doutrinas dos economistas clássicos britânicos. Eles desenvolveram o importante sistema da economia política, mas eles não conseguiram resolver um problema fundamental —o paradoxo do valor. Sua teoria parece óbvia —as pessoas valorizam coisas externas e serviços por causa de sua utilidade, porque estas coisas podem trazer certos serviços úteis —quanto mais útil o serviço, maior o valor. Mas eles não podiam explicar por que uma unidade de peso de ouro, que é menos útil do que o ferro, é trocada contra uma série de tais unidades de ferro, é trocada contra uma série de tais unidades de ferro.

Em 1870, a solução para este paradoxo foi descoberto independentemente três vezes por três pessoas diferentes —William Stanley Jevons [1835-1882] na Inglaterra, Carl Menger [1840-1921] na Áustria-Hungria, e Léon Walras [1834-1910] na Suíça. Estes três homens reconheceram que apenas uma quantidade limitada definitiva de algo é comercializado em qualquer troca particular. As pessoas não trocam a oferta total disponível, por exemplo, de ferro ou ouro. Se um homem dá várias unidades de ferro para uma de ouro, ele não se comporta como se estivesse trocando todo o estoque de ferro contra todo o estoque de ouro. Quanto maior for a quantidade disponível, quanto menor for o valor por unidade, quanto menor for a satisfação por unidade. Esta foi a teoria da utilidade marginal.

A teoria dos economistas clássicos era responsável pelo fato de que os valores não foram rastreados para o consumidor final. Isso explica por que tanto valor foi anexado à teoria de comprar barato e vender caro, e isso levou ao mal-entendido sobre o espectro do "homem econômico". Esta teoria tratou apenas com o empresário, não com o consumidor. Que teria exigido

a partir do utilitário, que não foi fácil para a pessoa comum entender. O fato importante é que os dois grandes socialistas do século XIX, o radical revolucionário socialista Marx e o criado socialista, filósofo e economista John Stuart Mill [1806-1873], estavam tão convencidos da teoria clássica do valor que eles nunca tiveram quaisquer dúvidas sobre o assunto. Essa teoria do valor já havia sido criticada, entre outros, por Ferdiand Lassalle [1825-1864], que tinha mais influência no seu dia do que Marx. Mas esta teoria clássica, como aperfeiçoada por Ricardo, foi adotada por Marx. E Mill, em seu livro *"Princípios de Economia Política"*, publicado em 1848, declarou que a teoria do valor é resolvido por todo o tempo para vir —gerações vindouras poderiam fazer nenhuma melhoria sobre ela.

Marx chamou o sistema da economia clássica, uma ideologia burguesa. Contudo, o que ele desenvolveu como teoria econômica foi nada, mas o sistema clássico em forma um pouco diferente e expresso em palavras ligeiramente diferentes. As adições de Marx para a economia são de muito pouca importância. Como economista ele mais ou menos repetiu o que tinha ouvido falar de outros —por vezes, chamando-os de idiotas, bajuladores, e assim por diante —mas nunca se desviando muito longe de seus ensinamentos.

Marx explica a história como o resultado de interesses econômicos de classe. Cada situação contém grupos que estão lucrando ou sofrendo no curto prazo, e é a estes interesses que Marx aponta. Por exemplo, se houvesse uma praga ou epidemia, os fabricantes de medicamentos e os médicos lucrariam. Interesses de longo prazo não são tão óbvios e só podem ser determinados por ideias.

5

Capitalismo e Progresso Humano

QUERO COMEÇAR ESTA NOITE COM A RELAÇÃO entre economia e a vida prática humana, e as consequências do desenvolvimento da teoria da economia.

Kipling disse: *"Oriente é Oriente, e Ocidente é Ocidente, e nunca os dois se encontram"*. Diferenças entre o Oriente e o Ocidente têm certamente existido há milhares de anos. O Oriente nunca desenvolveu a idéia de pesquisa científica —a busca do conhecimento e da verdade para o seu próprio bem —que os gregos deram à civilização. Uma segunda realização dos gregos, que sempre foi externa para o Oriente, é a ideia de liberdade política do governo —da responsabilidade política do cidadão individual. Estas ideias, amplamente aceitas no Ocidente, nunca encontrou homólogos no Oriente. Até hoje, apenas um pequeno grupo de intelectuais orientais segue estas ideias. No entanto, o mundo era mais ou menos um mundo, apesar destas ideias, até cerca de 250 anos atrás.

As relações sociais e as condições de vida eram mais ou menos as mesmas em todo o mundo até 250 anos atrás. O nível de vida médio variou pouco entre Oriente e Ocidente. Os métodos modernos de produção e padrões de consumo, conhecimento tecnológico, e a igualdade perante a lei eram desconhecidos. Hoje poderíamos considerar mais insatisfatórias as condições que prevaleceram então. Além de seu significado político, a palavra de Wendell Willkie, *"One World"*, foi mais aplicável do que agora.

A melhoria geral na tranquilidade política, que tinha alcançado um certo grau cerca de 250 anos atrás, contribuiu para um aumento na população. Esta população adicional foi demais para o sistema social dessas idades. Os países onde as condições políticas eram mais favoráveis se tornaram infestados de bandidos, ladrões, e assassinos —pessoas para as quais não havia lugar sob a situação econômica existente.

Então algo ocorreu na Europa —primeiro na Europa Ocidental, Grã-

Bretanha e Holanda —que se espalhou sobre o resto do mundo ocidental. Foi este movimento que levou a diferenças consideráveis entre o Oriente e o Ocidente. Esse movimento é chamado pelos historiadores de Revolução Industrial. Mudanças radicais foram trazidas pelas mudanças intelctuais radicais anteriores, ou seja, pelo movimento intelectual que produziu a economia como um ramo autônomo do conhecimento humano. Estas mudanças radicais multiplicaram os números da população e alteraram a face do mundo.

Algumas destas ideias têm sido desenvolvidas durante as gerações anteriores. Por exemplo, a lei de Gresham, a "lei" de Sir Thomas Gresham [1519?-1579] que salienta que um dinheiro legalmente supervalorizado (mau) acaba dirigindo um (bom) dinheiro legalmente subvalorizado fora de circulação. Essa regularidade no campo do dinheiro tinha sido observada anteriormente pelo dramaturgo cômico grego Aristófanes [448?-?380 a.C.] em *As Rãs*, e pelo bispo francês Nicolas Oresme [1320?-1382]. No entanto, não houve constatação de que a regularidade semelhante existia também em relação à concatenação e sequência de fenômenos no mercado. O reconhecimento da regularidade no campo mais amplo das atividades do mercado foi uma conquista da mente humana, uma realização mental. Como resultado deste novo conhecimento de regularidade no mercado, as pessoas começaram a olhar para todas as atividades produtivas a partir de um ponto de vista diferente.

A questão tem sido levantada a respeito de porque os antigos gregos, por exemplo, cujo conhecimento da ciência era tão avançada, não fazia uso prático de suas descobertas. Tem sido dito que eles tinham o conhecimento científico para desenvolver estradas de ferro, mas não o fizeram. Por que não? Seu progresso foi prejudicado por certas ideias. Uma ideia que eles reteram, uma ideia que ainda prevalece hoje em dia, é a de "desemprego tecnológico", a ideia de que a melhoria dos métodos de entrega de produção levam ao desemprego. Devido a isso, considerou-se um crime a desviar-se métodos tradicionais de produção, não importa quão satisfatório os métodos antigos eram. A ideia não lhes ocorreu que a redução da quantidade de trabalho necessário para a produção de uma certa quantidade de bens ou artigos tornaria possível a liberação de materiais e mão de obra para a produção de outros itens.

A segunda ideia que limitou o desenvolvimento dos gregos era que eles olhavam para um negócio como unilateral —o vendedor lucra, o comprador perde. Esta atitude foi especialmente importante em seu efeito sobre o comércio internacional. Esta superstição antiga que o comércio exterior criará desemprego ainda prevalece hoje. Muitas pessoas ainda acreditam que a vantagem a ser derivada do comércio exterior vem da exportação, não da importação. Se este fosse o caso, isso significaria que a vantagem a ser derivada de comprar um pedaço de pão viria de "exportar" o dinheiro, de gastar o dinheiro para obter o pão, e não de obter o próprio pão.

Pelo motivo de ter sido considerado um crime afastar-se dos métodos

tradicionais de produção e comércio —e qualquer alterações são necessariamente sempre inovações —estamos aptos a ignorar outro desenvolvimento, uma nova ideia até então desconhecida. Estamos cegos para as grandes mudanças que ocorreram, não só na produção, mas também no consumo. Vemos a produção em massa, mas não conseguimos ver que esta produção em massa foi produzida para a satisfação das necessidades das massas. As guildas e artesãos da Idade Média haviam produzido para o bem-estar. Antes da Revolução Industrial, e nos primeiros dias da Revolução Industrial, houve um grande comércio de roupas de segunda mão. Roupas que foram feitas por encomenda pelos prósperos foram compradas pelos pobres. Este comércio de roupas de segunda mão, uma parte muito importante da economia, desapareceu como resultado do desenvolvimento de métodos modernos de produção.

A Revolução Industrial começou produzindo para as necessidades dos pobres, das massas. A produção em massa começou produzindo o mais barato e as piores coisas. A indústria de algodão foi um dos primeiros desenvolvimentos da Revolução Industrial. O algodão era o material do homem pobre —nenhum membro das classes superiores ou médias queriam algodão. A qualidade da produção em massa melhorou apenas quando as condições das massas melhoraram, na medida em que tornaram-se também tendenciosas contra produtos baratos. Não há muito tempo, nenhuma mulher ou cavalheiro teria comprado sapatos feitos na fábrica, ou roupas prontas. Não até 100 ou 200 anos atrás, alguém poderia sequer comprar uma camisa pronta na Alemanha. Todas estas indústrias têm desenvolvido-se durante os últimos 100 a 150 anos.

Como uma consequência da Revolução Industrial no Ocidente, um enorme abismo desenvolveu-se, um abismo que hoje separa o Ocidente do Oriente. O Oriente ainda se agarra à ideia que, uma vez, prejudicou o desenvolvimento do capital no mundo Ocidental, a ideia de que a riqueza de um homem é a causa da pobreza dos outros. O conceito dos "países subdesenvolvidos" surgiu e a ideia de que é necessário dar-lhes conselhos tecnológicos, isto é, *"know-how"*. Isso é realmente ridículo! Há multidões de indianos, chineses e estudantes de outros países em nossas universidades que são pessoas muito capazes e que estão adquirindo *know-how*. E mesmo que não fosse, muitos norte-americanos estariam dispostos a ir a esses países para trabalhar e para dar conselhos. O que eles realmente precisam é o capital. O que falta é capitalismo.

Qual é o uso da economia, das discussões econômicas teóricas? Todas as conquistas das ciências físicas e químicas teriam permanecido uma "letra morta", sem qualquer significado para a vida real, se as ideias espalhadas pelos economistas do século XVIII sobre a divisão do trabalho, a liberdade de troca, e assim por diante, não tivesse aberto o caminho para a aplicação prática dessas descobertas científicas. E ainda assim algumas pessoas ainda hoje olham de soslaio para inovações. Por exemplo, um professor alemão,

que era considerado um historiador econômico eminente e era um membro honorário de muitas sociedades, disse em um de seus últimos livros que era uma desvantagem muito grave que nossas instituições sociais permitiam a todos a oportunidade de produzir uma invenção para colocá-la em prática. Ele acreditava que nenhum dano poderia vir de colocar invenções em museus, mas a menos que elas fossem invenções militares, que é onde elas devem permanecer. (Esta foi a base do *Führerprinzip* —a ideia de que o Führer onisciente deve dar as ordens e que o Führer recebe suas ordens diretamente de Deus, que é o Führer do Universo.) O avanço científico pode ser impedido, até certo ponto mas, em geral, é impossível pará-lo completamente.

Algumas pessoas consideram o progresso científico "material". Para visar nada, mas a melhoria do material ou condições externas de vida —melhores alimentos, roupas, casas, e assim por diante —eles chamaram de "materialismo". Eles disseram que as pessoas que têm esses objetivos se preocupam apenas com as necessidades "médias" da vida cotidiana. Por outro lado, eles pensam que são éticos e que eles exibem o idealismo por depreciar tais melhorias materiais. Mas vamos ver.

Uma das consequências da Revolução Industrial foi a de que o mundo está agora preenchido por muito mais pessoas do que poderia ter sido suportado antes. Cada indivíduo nos países capitalistas também vive em um padrão de vida muito mais elevado do que antes. Isto significa que a duração média de vida é muito mais longa. O crescimento na população não foi alcançado por um aumento na taxa de natalidade, mas por uma diminuição da taxa e mortalidade, especialmente de crianças. Rainha Anne da Inglaterra, o último membro reinante dos Stuarts, tinha dezessete filhos, mas nem um único viveu até atingir a idade adulta. Esta situação teve séria significação para a Inglaterra; que criou o problema histórico e religioso da sucessão protestante. Como mais uma prova da extensão da mortalidade infantil, a maioria das crianças encantadoras nas famílias dos Habsburgos que Velásquez pintou morreram na infância. Você pode chamar a melhoria dos padrões de vida trazida pela Revolução Industrial de "materialismo". Mas, do ponto de vista dos pais, a expectativa de vida dos seus filhos ter melhorado não pode ter parecido meramente materialista.

Engels disse que as pessoas devem comer antes que elas possam desenvolver ideias filosóficas. Com isso eu posso concordar. Os europeus estão agora alegando que eles estão combatendo a "civilização Coca-Cola", mas seria um erro dizer que o capitalismo se desenvolveu nada além de Coca-Cola. O capitalismo tem certamente levado a melhorias filosóficas e teológicas também. À luz das grandes descobertas científicas dos séculox XIX e XX, dizer que a economia capitalista é a a "civilização Coca-Cola" não parece ser uma afirmação "imparcial".

Vários direitos e liberdade desenvolveram-se com a Revolução Industrial —políticas de liberdade econômica, tanto no comércio interno e externo, de dinheiro sólido e de abstenção de interferência do governo. Estas são

políticas, não verdades científicas; são políticas baseadas em juízos de valor que surgiram por causa do conhecimento que tinha sido desenvolvido. Temos de perceber a relação entre conhecimento e valores.

É mais fácil de entender esta distinção no campo da medicina ou química. Os cientistas podem estabelecer o fato de, por exemplo, que a droga A é um veneno, mas não emite um juízo de valor sobre a droga. Patologia e química não dizem como um produto químico deve ser usado. Sua tarefa é realizada quando eles determinam se ele vai, ou não, prolongar a vida humana. A decisão se deve ou não utilizar o veneno, e como, tem que vir de algum outro lugar, não do químico ou patologista; essa decisão deve vir de um juízo de valor. Se um médico não pode salvar a vida da mãe e da criança, resulta-se um dilema: qual vida deve ser salva? A resposta não vem da ciência médica; ela deve vir de um juízo de valor.

No campo das relações sociais e da conduta humana, a ciência nos proporciona proposições existenciais, declarações sobre as consequências de certas causas. Há uma diferença fundamental entre tais declarações de fatos e o juízo de valor que nos diz qual alternativa é mais desejável, mais preferível. Um juízo de valor nos diz o que deve ser a partir do ponto de vista daqueles que compartilham os mesmos valores.

Parece que a importância da economia para a vida diária é pequena. Mas isso não é verdade. Na verdade, a teoria econômica é muito importante. A fim de tomar as medidas adequadas para atingir um objetivo específico, é preciso primeiro estar failiarizado com o real estado das coisas —a situação existencial. Mas então precisamos de conhecimento econômico, a compreensão econômica, de tomar decisões, de agir, de fazer juízos de valor. Para julgar a importância do conhecimento econômico, considere o caso do Irã. Quando ele confiscou a propriedade da Anglo-Iranian Oil Company recentemente e nacionalizou a indústria do petróleo, ele queria melhorar a situação de seu povo[1]. A questão é se ou não a política que está a seguir vai ter esse efeito. Os economistas clássicos introduziram o termo “os interesses corretamente entendidos”. Existem várias “corridas” de diferentes comprimentos de tempo. Para determinar “os interesses corretamente entendidos”, deve-se considerar todas as possibilidades, porque o fim de curto prazo é muitas vezes diferente a partir do fim de longo prazo. Um dos ataques mais populares na economia é que os economistas tomam somente a longo prazo, não a curto prazo, em consideração. Mas isso não é verdade. Os economistas simplesmente apontam que há uma distinção entre os dois.

Um tende a preferir interesses de curto prazo aos interesses a longo prazo, mas isso não significa que se deve considerar apenas a longo prazo. Governos que buscam remediar males econômicos por várias intervenção não

[1]Em 30 de abril de 1951, o Prlamento Iraniano sob o Premier Mohammed Mossadegh promulgou legislação, com efeito retroativo a 20 de Março de 1951, expropriando a propriedade da Cnglo-Iranian Oil Company e nacionalizando a indústria “[f]or a felicidade e prosperidade da nação irãniana e com a finalidade de assegurar a paz mundial”. -Ed.

podem destruir os países capitalistas no curto prazo. Alguns venenos agem rapidamente, outros mais lentamente. Como um veneno lento, intervenções governamentais podem trazer consequências a longo prazo que são desastrosas, mesmo do ponto de vista de precisamente essas pessoas que queriam recorrer a essas medidas.

John Maynard Keynes [1883-1946] disse: "No longo prazo, estaremos todos mortos". Este é o meu único ponto de acordo com Keynes. Mesmo que essa ideia esteja correta, isso significa não mais do que faz a observação de Madame de Pompadour, amante do rei Luís XV, cujo papel era consolar o rei quando seus exércitos eram ameaçados —"Não há nenhuma razão para se preocupar".

"Après nous le déluge", felizmente para ela, Madame de Pompadour morreu cedo. Mas sua sucessora como amante de Luís XV, Madame du Barry, não teve tanta sorte —ela sobreviveu a curto prazo, mas viveu para ser executada no longo prazo.

Mas as ideias de Keynes são insatisfatórias mesmo a partir de seu ponto de vista. Suas teorias de expansão de crédito fazem um boom artificial que eventualmente deve se transformar em uma depressão e crise. As consequências indesejáveis podem aparecer várias vezes durante a vida, não só após a morte. Um homem vivendo hoje pode ter visto as depressões de 1907, 1921, 1929, 1937, e ele pode viver para ver ainda uma outra.

Economia se limita a afirar que existem tanto consequências de curto e longo prazo. Deve-se considerar ambos. Decisões devem ser tomadas à luz de todo o conhecimento disponível. Economia não diz, por exemplo, que o livre comércio é melhor do que proteção. Economia meramente aponta as diferenças entre as consequências dos dois. Economia se limita a afirmar que a proteção não é uma forma de melhorar o padrão de vida geral. Mas isto não se aplica aos casos em que a tarifa protecionista é defendida por outros motivos. Por exemplo, quando os Estados Unidos perceberam a ameaça às suas linhas de abastecimento ás vésperas da Segunda Guerra Mundial, ela poderia ter introduzido um imposto alfandegário na borracha natural e subsidiado fabricantes de borracha sintética. Mas isso teria, então, sido considerado uma despesa "defensiva", e não uma escolha com base em economia, e que teria sido julgado a partir do ponto de vista da defesa.

O que o economista fornece não é juízos de valor, que nenhuma ciência pode emitir, mas a informação que se precisa para fazer juízos de valor e decisões. A avaliação, o julgamento, cabe ao indivíduo, com as pessoas e com os eleitores.

A ideia da neutralidade da ciência tem sido criticada, especialmente por aqueles que desejam elevar certos juízos de valor a um grau mais elevado, à dignidade de uma regra que todos devem obedecer. Na Alemanha, especialmente após a guerra de 1870, os professores alemães que ensinaram os aspectos econômicos da ciência política consideraram lamentável que devem haver tolerância, compreensão, paz e boa vontade entre as nações.

A ideia da neutralidade da ciência (*Wartfreiheit* —liberdade do valor) é o desenvolvimento mais característico da ciência. Posto que a ciência econômica é neutra, isto não significa que ela não lida com problemas pragmáticos; isso só significa que ela não explica o significado da ação humana. Mas é precisamente por causa de sua neutralidade que as pessoas com diferentes avaliações são capazes de viver pacificamente juntas. Esta é uma das ideias mais importantes que saíram da Revolução Industrial e do desenvolvimento da ciência moderna. Era uma ideia que foi absolutamente estranha para as mentes mais eminentes do século XVI. Muito poucas pessoas, em seguida, poderiam ter entendido que as pessoas com diferentes religiões, valores e ideias, podiam viver juntas na mesma cidade, no mesmo país, ou mesmo mundo.

A troca pacífica de ideias e a coexistência pacífica de pessoas com várias ideias estavam em andamento triunfal no início do século XIX. Houve então um desenvolvimento em direção à liberdade e paz, especialmente em direção à liberdade intelectual de ideias, para a eliminação da crueldade do governo na punição e da tortura do governo no processo penal, e também para uma melhoria no padrão de vida. As pessoas passaram a acreditar que este desenvolvimento em direção à liberdade e paz era inevitável. No século XIX estavam plenamente convencidas de que nada poderia parar esta tendência em direção a mais liberdade. A Câmara de Comércio de Manchester na Grã-Bretanha chegou a declarar, em 1820, que a era da guerra tinha ido embora para sempre. Essa era a teoria econômica sem derramamento de sangue. Não é necessário haver guerra se houvesse livre comércio e governo representativo. Mas essas mesmas pessoas não conseguiram perceber que uma reação já tinha começado. Um movimento estava a desenvolver na direção oposta.

Entre os adversários da ideia de liberdade estava Auguste Comte. É essa reação contra a liberdade que divide o mundo em dois campos hoje. Paradoxalmente, aqueles que apoiam os grupos que favorecem a prisão, perseguição por desvios, e assim por diante, são chamados de "progressistas".

Os "economistas éticos" que se opunham ao "materialismo" da teoria econômica sem derramamento de sangue dos britânicos, tornaram-se os antecessores do que mais tarde foi chamado nazismo. Os nazistas, imitando os marxistas, tolerariam nenhuma oposição. Um bom alemão poderia ter apenas ideias alemãs; todos devem ser forçados pelas leis da natureza para pensar de acordo com os interesses "naturais" de sua raça ou nação. Os nazistas tinham dificuldade em explicar tais pessoas como Beethoven, Goethe, Kant, e assim por diante, todos os alemães, menos os alemães que tinham ideias não-alemãs. Agora, em vista dos acontecimentos posteriores, podemos perguntar ou não se essas ideias nazistas, impostas ao povo alemão ostensivamente para seu próprio bem, eram realmente tão úteis para eles, a longo prazo.

Alguns comunistas modernos alegam que eles anteciparam o sucesso do

nazismo. Mas eles não o fizeram! Pelo contrário, nem um único o previu. Na Alemanha, no final da década de 1920 e o início da década de 1930, o partido nazista fez sua primeira aparição. Observadores neutros disseram: "É verdade; eles estão recebendo alguns votos, mas é impossível para a Alemanha virar nazista. Olhe para as estatísticas. A maioria dos alemães são trabalhadores e marxistas. Eles nunca vão dar seus votos para os nazistas". Isso mostra que não se pode antecipar a história. Pode-se fazer prognósticos, mas se ou não estes prognósticos estarão corretos é questionável.

Um grupo com interesses especiais é provável que seja a minoria. Pecuaristas, produtores de leite, produtores de algodão, produtores de trigo, e assim por diante, são todos minorias com interesses especiais. Mas se o governo intervém, alianças podem ser formadas entre esses grupos, embora os seus interesses não sejam idênticos, ainda que possam estar em oposição entre si. A mesma situação existe no que diz respeito aos trabalhadores —do vestuário, homens ferroviários, mineiros de carvão, e assim por diante. Na vida política, a coisa que temos de enfrentar não é grupos de pressão formados por causa de interesses comuns naturais, mas grupos de pressão constituídos de alianças promovidas pelo governo de diversas minorias.

Privilégios são de benefício apenas quando eles são concedidos a uma minoria. Em certas circunstâncias, as minorias podem garantir certos privilégios por um tempo, mas eventualmente as vantagens irão se deteriorar, especialmente para os agricultores quando as pessoas começam a perceber as diversas consequências. Não é difícil convencer os diversos grupos minoritários que estão a perder mais de um lado do que eles estão recebendo, por outro, de modo que tais alianças podem ser apenas temporárias. Em um governo representativo, uma minoria nunca pode garantir para si um privilégio, exceto em aliança com outros grupos. Só quando as pessoas têm o verdadeiro conhecimento, elas vão colher os benefícios.

Antes dos nazistas, a Alemanha foi chamada a nação dos poetas e pensadores. Os nazistas desenvolveram uma teoria de proteção completa, proteção para cada tipo de organização nacional e de toda a produção nacional. Eles não perceberam que, se você proteger todos no mesmo grau, todos ganham exatamente tanto quanto um consumidor quando ele perde na outra extremidade como um produtor. Se isso aconteceu na Alemanha, terra de poetas e pensadores, o que você pode esperar de outros países? As consequências levam ao desejo de outro sistema, para que as pessoas votem em um governo que irá protegê-los de sua própria ignorância.

No longo prazo, todos os países devem ser governados de acordo com as ideias da maioria. Se o governo do país é contra as ideias das pessoas, então mais cedo ou mais tarde a maioria irá causar um levante revolucionário e eliminar os líderes. Em *"Primeiros Princípios de Governo"*, um ensaio por David Hume, ele afirma que, a longo prazo é a opinião que faz um governo poderoso. Por esta razão, o governo representativo é bom; que reflete a opinião. E a próxima eleição remove o desacordo.

Se a maioria é dominada por más ideias, nada pode ser feito sobre isso, exceto tentar mudar as más ideias. Este é o negócio dos escritores, autores, economistas, e assim por diante. Infelizmente, existem muitos escritores ruins, maus autores e maus economistas. Ainda assim, não há nenhum substituto para tentar substituir as boas ideias por ideias ruins. No campo de Estado, governo, e organizações econômicas, as consequências de uma política só aparecem depois de um tempo muito longo e, quando aparecem são apenas fatos históricos. Uma vez que é difícil atribuir-lhes a uma causa definida, mudar ideias pode ser muito difícil. Mesmo assim, a única maneira de lidar com más ideias é tentar substituí-las por boas.

Os filósofos sociais e os economistas do século XVIII e XIX, especialmente estavam imbuídos com a ideia de que o progresso em direção a melhores condições e em direção a mais liberdade iriam durar para sempre. Eles não anteciparam os eventos da nossa época.

Tudo o que podemos saber sobre o futuro é através dos métodos de compreensão histórica e isso não nos dá certeza. No entanto, o fato de que o futuro é incerto e que somos indivíduos agindo livremente como um e o mesmo fato. Se o futuro fosse conhecido, então não seríamos homens, nós não seríamos livres e não seríamos capazes de tomar decisões e agir. Nós seríamos apenas formigas em um formigueiro. Há pressões no mundo atual que estão tentando converter homens em formigas, mas eu acho que estas tendências não vão conseguir!

6

Dinheiro e Inflação

UM DOS PROBLEMAS COM OS QUAIS UM ECONOMISTA DEVE LUTAR é o fato de que a terminologia dos negócios foi desenvolvida antes do desenvolvimento da teoria econômica, de modo que a língua não é particularmente apropriada para lidar com problemas econômicos. Um desses casos, o que resultou em verdadeira dificuldade, é a do mercado monetário.

No final do século XVIII, os economistas britânciso descobriram o "mercado monetário", que estava preocupado com o empréstimo de dinheiro para as empresas. Os termos "demanda por dinheiro" e "oferta de dinheiro" já estavam em uso para significar a procura e a oferta, de empréstimos. Esses termos foram estabelecidos com tanta firmeza que não poderiam ser usados para lidar com os problemas monetários, isto é, lidar com a demanda e oferta, do dinheiro como tal. Sobre o contrário, os economistas tiveram de salientar que a taxa de juros e a demanda por empréstimos no mercado não depende da quantidade, ou qualidade, de dinheiro em existência. Eles tinham que apontar que havia uma demanda por dinheiro, por dinheiro em espécie, independente da demanda por empréstimos. Como o mercado de ações e o mercado monetário tornaram-se mais e mais familiares para as pessoas através de reportagens de jornais, isto foi difícil para eles entenderem. Quase todos os jornais usaram essa terminologia de negócios para informar sobre a situação do mercado de dinheiro, isto é, o mercado de empréstimo.

Como as condições futuras são necessariamente incertas, as pessoas devem manter uma determinada quantidade de dinheiro em mãos. Se as coisas estão certas, elas poderiam investir cada bocado de dinheiro por um tempo definido. Sabendo exatamente quando elas precisam de dinheiro, elas poderiam planejar para ter seus investimentos amadurecendo nesse momento. Mas porque não se pode estimar exatamente quando o dinheiro será necessário, deve-se manter uma certa quantidade de dinheiro em caixa ou em uma conta corrente; não se pode emprestar ou investir a totalidade de um dinheiro em espécie.

Dinheiro em circulação é a soma de todos os efetivos em caixa. No que

diz respeito a história de um pedaço de dinheiro individual, não há nenhum pedaço de dinheiro que não é detido por alguém, isto é, nenhum dinheiro que não ocorre no efetivo em caixa de alguém. Ele vai do caixa de alguém para o caixa de outra pessoa. No caso de qualquer pedaço de dinheiro particular, não há nenhum instante entre estas duas situações. Não existe tal coisa como dinheiro que não é propriedade de alguém e o desaparecimento de que, de alguma forma, por exemplo, por incêndio, não faria mal a pessoa cujo dinheiro partiu.

Falsas definições, explicações e interpretações incorretas, de dinheiro caem em duas classes, a saber, que o dinheiro é ou (1) algo mais do que uma mercadoria, ou (2) algo menos do que uma mercadoria. Mas, na realidade, o dinheiro não pe nem mais do que, nem menos do que, uma mercadoria; é tudo o que uma mercadoria é. Como qualquer outra mercadoria, a oferta disponível influencia o seu valor de mercado e como qualquer outra mercadoria, está na demanda porque as pessoas o consideram útil.

Porque há uma demanda por dinheiro para investimentos em dinheiro, e porque as pessoas estão prontas para participar com bens para conseguir dinheiro, o valor do objeto usado para o dinheiro é reforçado por essa demanda. O valor do ouro aumentou quando ele entrou em demanda para fins monetários. Da mesma forma, o valor da prata subiu quando foi exigida como dinheiro. Quando as condições do dinheiro mudaram no decorrer do século XIX e a prata tornou-se menos importante para o uso como o dinheiro, o seu valor por unidade, o seu poder de compra, tendeu a ir para baixo.

Inflação é um aumento na quantidade de dinheiro sem um correspondente aumento na demanda por dinheiro, isto é, pelos efetivos em caixa. Eu não quero dizer que a inflação em si não influencia a demanda por dinheiro. A quantidade de dinheiro e a demanda por moeda não são magnitudes absolutamente independentes. A demanda por dinheiro para investimentos em dinheiro depende da compreensão específica do indivíduo de condições futuras —sua especulação e suas ideias sobre o futuro.

No início de uma inflação, isto é, no início de um aumento na quantidade de dinheiro, sem um correspondente aumento na procura de dinheiro, que provoca um aumento nos preços. Então, se as pessoas aprenderam algo de teoria ou da história, elas podem antecipar ainda mais aumentos de preço. Nesse caso, elas esperam que os preços subam e o poder de compra de cada peça de dinheiro para diminuir e elas tendem a restringir as suas reservas de caixa, em comparação com o que elas teriam na ausência de tais especulações quanto ao futuro poder de compra do dinheiro. Isto depende da reação especulativa do público. Por outro lado, se as pessoas pensam que os preços vão cair, haverá uma tendência para que aumentem suas participações em dinheiro na expectativa de que o poder de compra da moeda vá subir.

Em geral, uma mudança de inflação no poder de compra da moeda é causada pelo fato de que algumas pessoas são rápidas o suficiente para perceber

o que está acontecendo e para ajustar suas atividades para a política inflacionária do governo. Eles nem sempre têm grandes mentes. Também não são necessariamente mais inteligentes do que outros. Eles simplesmente reagem mais rapidamente do que os outros. Na Alemanha e na Áustria, quando houve inflação após a Primeira Guerra Mundial, alguns "especuladores tolos" foram empurrados por acidente em comprar ações na margem. Não era que eles eram inteligentes, mas os banqueiros eram menos inteligentes. Os bancos detinham as ações ordinárias, financiaram as vendas, e venderam as ações para algumas especulações sobre a margem. Em um tempo muito curto, os especuladores se tornaram extremamente ricos. E, em seguida, muito em breve eles perderam o que tinham ganhado, porque eles não sabiam o que estava acontecendo.

Nem toda a gente desconfia de seu governo a este respeito, uma vez que estes ligeiros devem haver. Enquanto aqueles que são rápidos em antecipar a inflação estão em minoria e os mais lentos são a maioria, desde que a dona de casa adia compras na crença de que os preços vão cair, dizendo a si mesma que todo mundo, o governo, especialmente, diz que os preços vão ir para baixo, a inflação pode continuar. Esta mentalidade é a base para a inflação, a rocha sobre a qual está construída. À medida que mais e mais pessoas descobrem que há algo "suspeito" sobre as declarações do governo e, em seguida, quando um dia toda a gente descobre isso, a coisa toda começa a quebrar. Esta mudança vem durante a noite. Ela vem quando a dona de casa decide que é melhor comprar imediatamente ao invés de esperar até amanhã, ou até o próximo ano, porque então os preços serão ainda mais altos. Na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial, este foi chamado *Flucht in die Sachwerte* —fuga para os verdadeiros valores.

Esta é uma característica de cada inflação que não é parada no tempo. O primeiro período pode durar muitos anos; o governo é o triunfante. O segundo período dura apenas um tempo muito curto. Na Alemanha, o primeiro período durou de 1 de Agosto de 1914, até o final de Setembro de 1923; o segundo período durou apenas três ou quatro semanas. O segundo período na Alemanha foi caracterizado pelo fato de que os trabalhadores foram pagos a cada manhã com antecedência. Suas esposas iriam com eles para o trabalho; cada um recebeu seu dinheiro, entregou-o imediatamente para a Sra., em seguida, ela foi até a loja mais próxima para comprar alguma coisa —qualquer coisa —apenas para se livrar do dinheiro. Comprar alguma coisa era melhor do que manter o dinheiro que iria perder valor até amanhã.

Tais aventuras inflacionárias aconteceram várias vezes no curso da história. A maioria foi parada pelos governos antes do segundo período. As três vezes mais importantes quando a inflação teve o seu curso são: (1) os Estados Unidos com a moeda Continental em 1781, (2) França em 1796, e (3) Alemanha em 1923. Houve inflações em outros países menores também, como a Hungria, mas eles não eram tão importantes.

A situação dos estados do sul com a sua moeda desvalorizada em 1865,

era outra questão. Pode-se dizer que era diferente porque o próprio governo Confederado quebrou com a derrota de suas forças.

No século XX, Karl Helfferich [1872-1924], um excelente escritor e economista talentoso, mas que não tinha as qualidades que fazem um homem levantar-se pelas suas opiniões em público, inventou um slogan: o dinheiro da nação vitoriosa poderá ser o melhor e irá manter o seu valor depois da guerra. Mas este não foi o caso na história. Nos Estados Unidos, em 1781, as colônias foram vitoriosas; eles tinham acabado de derrotar um grande país, Grã-Bretanha, e ainda assim a moeda Continetal degenerou-se. Também em 1796, a França tinha sido bem sucedida em campanhas militares, e ainda assim ela sofreu inflação. Helfferich foi duplamente errado quando ele veio para a Alemanha —primeiramente, em pensar que a Alemanha seria vitoriosa na Primeira Guerra Mundial, e em segundo lugar, na crença de que seu dinheiro, como o dinheiro de uma nação vitoriosa, seria necessariamente bom. Helfferich não conseguiu perceber que se um país é rico ou pobre, não importa, quando se trata de inflação, o que é importante é a sua base para colocar dinheiro adicional em circulação.

Cada inflação que não é parada no tempo consiste em dois períodos —a catastrófica explosão de falências, que é muito indesejável, e a inflação galopante. É uma lei econômica que as coisas acontecem dessa maneira. A duração do primeiro período depende das condições que podemos chamar psicológicas; depende das mentes das pessoas, em seu julgamento, em sua confiança em seu governo. E isso depende de suas ideias, sobre a pseudo-economia com a qual eles foram doutrinados. Por isso, é impossível estimar quanto tempo o primeiro período irá durar.

Os alemães foram definitivamente doutrinados. Eles tinham confiança em seu governo. Mesmo tão tarde quanto 19 de outubro de 1918, eles acreditavam que seriam vitoriosos na guerra e eles pensaram que seu dinheiro estava a salvo. Eles culparam os especuladores por elevar o custo do dólar americano. Os agricultores sem sofisticação do século XVIII nos Estados Unidos e na França tiveram melhor juízo nessas questões do que os banqueiros sofisticados na Alemanha. Não nos esqueçamos de que os bancos alemães quebraram neste período, porque eles eram ignorantes dos problemas envolvidos na inflação.

Isso nos leva a uma explicação de por que os controles de preços não pode funcionar. O governo aumenta a quantidade de dinheiro. Esta é a inflação. Todo mundo tem mais dinheiro e suas reservas de caixa do que antes. O resultado é que o indivíduo tem um excedente de dinheiro que ele não passou para o consumo diário. Em seus olhos esta é um excedente dos efetivos em caixa. Se ele não prefere comprar alguns bens de luxo, ele quer investir uma parte. O pequeno homem investe em bancos de poupança ou de apólices de seguro. A empresa de grandes negócios aparecem com este montante diretamente ou indiretamente, sobre o mercado de crédito. Durante algum tempo o governo consegue manter os preços para baixo. O

controle dos preços não remove o perigo. Mas, tornando mais fácil para as pessoas comprar a preços baixos o que teria comprado de qualquer maneira, aumenta a quantidade de dinheiro em seus bolsos, nas suas participações em dinheiro, que está dispinível para outras compras.

As inflações das duas Guerras Mundiais neste país eram relativamente leves, porque uma grande parte dos trabalhadores ganhavam dinheiro adicional tenderam a aumentar seus caixas durante a guerra. O pequeno trabalhador realmente fez aumentar as suas reservas de caixa em antecipação de um movimento pós-guerra e porque alguns produtos não foram obtidos durante a guerra —rádios, geladeiras, automóveis, e assim por diante. Esta é uma característica do primeiro período de inflação. Lembre-se da dona de casa que diz: "vamos ficar com o dinheiro; próximos preços do ano serão menores". Mas assim que as pessoas descobrem que as coisas podem ser de outra forma, pode ocorrer a catástrofe. Estas explicações do homem simples tornam a situação crítica e perigosa.

Hoje [1951] ainda é poderosa a resistência a inflação. Há ainda uma grande quantidade de falar sobre a necessidade de limitar a inflação. É verdade que 90 por cento desta palestra é apenas um disparate que consiste, por exemplo, dos planos para esconder os efeitos inevitáveis da inflação pelo controle de preços. Mas, no entanto, desde que há uma tal resistência e enquanto o governo e o Congresso são forçados a admitir que há o perigo da inflação, o perigo não é ainda grande. O colapso ocorre quando funcionários do governo não se importam com o que acontecem e temem que eles podem não estar no controle posterior.

Durante a última Guerra Mundial na maioria dos países, os economistas foram impedidos de dizer o que estava acontecendo em seu próprio país por causa da censura. Ou eles foram impedidos de falar, porque eles estavam no exército. Mas na Primeira Guerra Mundial, nem todos os países estavam envolvidos. Na Suécia, que era neutro, houve um economista, professor Gustav Cassel [1866-1945]. Como neutro, ele teve o privilégio de visitar a Alemanha uma semana, Inglaterra na próxima, e no meio de parar na Holanda e na Bélgica. Ele escreveu sobre o que viu. Cassel disse aos alemães, "Vocês estão inflando sua moeda e os seus lucros não são lucros reais, mas os lucros ilusórios". Ele disse que eles deveriam tomar o dinheiro adicional para fora do sistema (1) por impostos e (2) por empréstimos. Mas os alemães não tiveram a coragem de taxar aqueles que tinham recebido a parte extra do dinheiro. Eles tentaram um imposto sobre os lucros em excesso, que removeu apenas uma pequena parte. Eles tentaram empréstimos, desta forma, a fim de comprar 100 marcar de um empréstimo desse tipo, o cidadão tinha de pagar apenas 17 marcas e os restantes 83 marcas para pagar o empréstimo foram fornecidos pela impressão de novas notas do governo. Assim, cada nova emissão de obrigações significou um aumento na quantidade de dinheiro. Isso mostra como até mesmo o melhor conselho é inútil nas mãos de pessoas que têm tais ideias.

Agora eu quero lidar com o segundo problema. Na segunda parte do século XVIII, a Grã-Bretanha estava no padrão-ouro. Isso ficou evidente para todo mundo porque não havia moedas de ouro em uso todos os dias em transações comerciais diárias. Também em uso eram notas do Banco da Inglaterra e, naquele tempo já, o início de dinheiro talão de cheques. As notas foram usadas como substitutos do dinheiro e foram resgatadas imediatamente, sem qualquer atraso ou desculpa. Este foi o padrão-ouro, tal como existia na Inglaterra no século XVIII, e como ele foi aprovado no curso do século XIX pelos países continentais mais importantes da Europa —França, Alemanha, Holanda, Bélgica e dos países escandinavos.

Adam Smith sugeriu que, se todas as viagens pudessem ser feitas por via aérea, a terra, em seguida, usada para estradas poderiam ser utilizadas para fins mais produtivos como a agricultura. Nesta mesma linha, os economistas começaram a perguntar se é ou não era realmente necessário que a humanidade dedicar uma parte do seu trabalho e problemas para a produção de metais preciosos, a fim de ter uma boa moeda. Se fosse possível construir uma moeda com menos despesa, seria vantajoso. Em 1819, Ricardo fundamentou que se poderia acabar com moedas de ouro e têm apenas as notas que devem ser resgatáveis, não em moedas, mas em lingotes, barras de ouro. Estas barras de ouro poderiam ser usadas para transações internacionais. Isso pouparia o dinheiro envolvido na tomada de moedas de ouro em denominações menores. Por mais de 60 anos a sugestão de Ricardo permaneceu uma "letra morta".

Na década de 1870, países, que estavam tendo um momento difícil financeiramente e ainda queriam ficar no padrão-ouro na forma mais barata, descobriram esta solução de Ricardo. Foi chamada o "padrão de câmbio-ouro". Perto do final do século XIX e início do XX, muitos países adotaram este tipo de padrão de câmbio-ouro. Ele difere apenas em grau do padrão-ouro clássico. Em nome do povo americano, Professor Jeremias Jenks [1856-1929] da Universidade de Nova York estudou este padrão de câmbio-ouro no Extremo Oriente —o Himalaia, as Índias Ocidentais Britânicas, e assim por diante. Ele estava entusiasmado, como era seu assistente, o professor Edwin Walter Kemmerer [1875-1945]. As pessoas não viram nada questionável nesta teoria. Eu não posso dizer que eu estava entusiasmado, mas eu não podia ver nenhuma razão pela qual não deve ser adotada. Um economista alemão disse que, concentrando todo o ouro nas mãos do governo, tornaria as coisas mais fáceis em tempo de guerra. O que isso faz é tornar mais fácil para o governo de manipular a moeda, o que significa sempre manipulá-la para baixo, preparando assim o caminho para a inflação. Quando um país tem um padrão de câmbio-ouro e nenhum ouro em circulação diária, ninguém percebe o que significa quando o governo declara que as notas não são resgatáveis.

Quando a Primeira Guerra Mundial estourou todos os países foram para o padrão de câmbio-ouro. Havia ainda um pouco de ouro em circulação,

mas não muito. Mesmo os países em padrão-ouro foram gradualmente se aproximando do padrão de câmbio-ouro mais e mais. Logo no lugar das normas *fiat money* padrão de câmbio ouro vieram em todos os países. Depois da guerra, todos os países estavam ansiosos para voltar o mais rápido possível ao padrão-ouro. Mas a maioria só retornou ao padrão de câmbio-ouro, fazendo a moeda nacional resgatável no mercado de câmbio, e dando-as para as pessoas em vez de ouro. Mas em 1929, com a crise, as pessoas começaram a defender outra coisa.

O padrão de câmbio-ouro com uma paridade flexível era conhecido como o padrão flexível. Quando os bancos tinham emitido notas eles realmente resgataram o dinheiro; uma diferença de um décimo da paridade na qual as notas foram resgatadas foi considerado vergonhoso. (Aliás, na década de 1870, os bancos franceses foram centrados em Paris e o ouro estava em Paris, que estava nas mãos dos comunistas. Contudo, mesmo assim um desvio de paridade de 5 por cento na moeda era considerado terrível. Hoje [1951] uma moeda é considerada estável se não se desvia mais de 20 por cento.) O resgate das suas notas pelos bancos centrais foi controlada pelo público, porque os bancos centrais foram obrigados a publicar uma declaração a cada semana dizendo ao público toda a situação.

Passo a passo, os governos adquiriram a oportunidade para substituir o padrão de câmbio-ouro com a norma flexível, o que significava que a paridade não foi determinada por lei, mas talvez por um burocrata. Transações bancárias foram transferidas do banco para uma nova agência. Na Grã-Bretanha, esta foi a *Exchange Equalization Account.* Primeiro de tudo, a paridade já não era fixa do mesmo modo como antes; foi cercada pelo segredo. De vez em quando os jornais imprimiam uma declaração de que a moeda era mais fraca, o que significava que a burocracia mudou a paridade um pouco. De tempos a tempos, foi alterada para uma maior extensão, dependendo do país e assim por diante. A desvalorização pode ocorrer mesmo em um país ostensivamente regido por métodos democráticos. Na Suíça, em 1936, apesar de garantias terem sido dadas de que o franco suíço não seria desvalorizado, isso foi realizado em meia hora de uma reunião do Parlamento. Eles realmente não tinham escolha —as políticas anteriores, tais como subsídios à agricultura, a indústria de relojoaria, os hotéis, e assim por diante —as colocaram no local. E mesmo em tal democracia, a mudança foi realizada por via administrativa.

O padrão flexível foi defendido por Keynes e seus seguidores como uma grande coisa, mas desapareceu quando algo ainda "maior" foi substituído. O retorno da Grã-Bretanha ao padrão-ouro em US $ 4,86 em abril de 1925, levou a preços de importação mais elevados, as exportações em declínio e o desemprego. Em 1931 [21 de setembro], a Grã-Bretanha abandonou o padrão-ouro e o valor da libra esterlina foi deixado a flutuar. Foi recusado. O dinheiro é como qualquer outra mercadoria. Como não existe uma linha personalizada entre Manhattan e Brooklyn, os preços aumentam entre os

dois bairros apenas pela quantidade de encargos de transporte. Se houvesse uma barreira costume, condições seriam diferentes. Assim é com o dinheiro. Se Brooklyn tinha um sistema de moeda separado de Manhattan, a relação de troca entre estes dois dinheiros seria estabelecida a uma altra tal que não faria qualquer diferença se a mercadoria foi comprada em um lugar ou outro, com um dinheiro ou outro. Caso a diferença apareça, imediatamente surgiria uma oportunidade de fazer um negócio vantajoso. Esta vantagem continuaria até que a diferença desaparecesse.

Falamos da mesma forma de desvalorização da Grã-Bretanha em 1931, quando ela saiu do ouro, e sua desvalorização, há dois anos [18 de setembro de 1949], quando a taxa foi alterada de $ 4,03 para $ 2,80. Mas estas são duas coisas absolutamente diferentes —elas não têm nada em comum. Em 1931, quando os britânicos abandonaram o padrão ouro, a quantidade de dinheiro estrangeiro ou ouro que o proprietário de uma nota britânica tinha sido capaz de obter foi reduzida. Pretende-se, desta forma, manter a a establidade da moeda britânica, com referência à moeda estrangeira. O governo britânico assumiu um monopólio no comércio de ouro e moeda estrangeira e o direito também de expropriar câmbio. Em reavaliar, o que eles tinham em mente estava mudando a taxa na qual os detentores britânicos de dinheiro estrangeiro seria indenizado por um lado, e por outro lado, a taxa na qual o importador iria receber o seu cambial do governo britânico.

Há dois anos na Grã-Bretanha, a paridade $ 4,03 foi um fato histórico como qualquer outro fato histórico. Foi uma paridade de fato —era a norma legal para a desapropriação de ingleses que possuíam dinheiro estrangeiro, e o preço que teve de pagar por dinheiro estrangeiro. Mas, na verdade a libra no mercado mundial valia apenas $ 3,00, mais ou menos. Em um tratado com os Estados Unidos, o governo britânico prometeu que em uma determinada data iria novamente começar a resgatar sua moeda em relação ao ouro, dólares, e assim por diante. Mas o governo britânico já não tinha conselheiros banco-economistas inteligentes. Eles não tinham considerado o que significaria se deveria ser possível resgatar o dinheiro em Londres na relação de três para quatro; qualquer pessoa no mundo seria capaz de comprar uma libra por $ 3,00 fora do Reino Unido e, em seguida, vender a mesma libra à Grã-Bretanha em $ 4,00. Depois de quatro ou seis semanas, eles descobriram que isso era completamente irreal.

7

O Padrão-Ouro: Sua Importância e Restauração

A QUESTÃO QUE EU QUERO TRATAR HOJE À NOITE apresenta uma excelente oportunidade para ilustrar um dos pontos apresentados nas palestras epistemológicas —explicar a diferença entre ideias econômicas e julgamentos de valores. Como um indivíduo, eu tenho uma ideia muito clara do problema político envolvido. O ponto importante é que todo mundo que quer chegar a tal juízo de valor deve saber por que ele está fazendo isso e deve-se entender as consequências de sua ação.

A questão é como retornar ao padrão ouro. E em que paridade o retorno dos Estados Unidos a um padrão-ouro deve ser efetuada. Assumimos que devemos voltar a um padrão-ouro. Um sistema de moeda fiduciária não pode continuar para sempre e deve, um dia vir a um fim. O padrão ouro nas condições atuais é o único padrão que torna a determinação do poder de compra da moeda independente das ideias que mudaram de partidos políticos, governos e grupos de pressão. A questão é como esse retorno deve ser efetivo —ao aceitar um preço de ouro de US $ 35 a onça? Ou por determinação do preço da onça de ouro de acordo com as condições de mercado à época da transição?

Primeiro de tudo, devemos saber por que tais problemas são importantes. Eles são importantes porque a evolução do poder de compra da unidade monetária deve necessariamente trazer consequências sociais com respeito ao rendimento e da riqueza de vários membros da sociedade. Se as mudanças provocadas por uma alteração na relação de dinheiro, que é por um aumento ou diminuição na quantidade de dinheiro em relação a bens e serviços, iria afetar as várias mercadorias e serviços ao mesmo ponto e ao mesmo tempo, então as únicas consequências seriam as suas repercussões sobre o conteúdo dos contratos antigos relativos a pagamentos diferidos, empréstimos, e assim por diante.

Vamos lidar com as consequências sociais, devido à desigualdade e falta

de sincronização na mudança de poder de compra provocada pela inflação ou deflação. Caso essas mudanças ocorram em todos os lugares ao mesmo tempo e na mesma medida, as pessoas iriam descobrir uma manhã que o poder de compra da unidade monetária tinha mudado durante a noite. Mas, caso contrário não haveria nenhuma diferença; os preços dos serviços que eles tinham sido vendidos também teria mudado pelo mesmo montante e na mesma direção.

Na inflação, a quantidade adicional de dinheiro entra no sistema econômico através da riqueza ou do rendimento das pessoas definidas. Se o governo imprime o dinheiro, o governo é o primeiro a receber o novo dinheiro. Demandas e ofertas adicionais elevam os preços dos produtos em que o governo quer adquirir. As pessoas vendendo os bens e serviços que o governo quer vendem a preços mais elevados. Então operários de munições, empresários de munições, e os soldados, todos recebem mais do que eles fizeram ontem. Essas pessoas, em cujo nos efetivos em caixa esse dinheiro adicional aparece, estão na posição de serem capazes de oferecer mais dinheiro para as suas compras. Eles têm mais dinheiro e rendimentos maiores. Consequentemente eles podem gastar mais e eles oferecem preços mais elevados para os produtos que compram. Mas essas pessoas não compram tudo. Talvez eles comprem bebidas, mas não livros.

Existe agora um segundo grupo favorecido pelo aumento na quantidade de dinheiro, digamos os produtores de bebidas que estão recebendo mais pelos serviços e produtos que vendem. Os membros deste segundo grupo estão agora em uma posição favorável, porque os serviços e produtos que pretendem adquirir ainda não foram afetados. Mas outros indivíduos —professores e ministros, por exemplo —são ainda pagos a primeira taxa; apesar do fato de que o dinheiro adicional não afetou os serviços que estão vendendo, eles devem pagar mais por produtos que os outros têm lançado-se no preço.

Em um período tão inflacionário há perdedores e vencedores. Os vencedores são os trabalhadores de munições, estes produtos de venda que subem de preço em uma data mais cedo do que os produtos que estão a comprar. Enquanto isso continua existem problemas todos os dias. Os vencedores estão satisfeitos e mantêm silêncio; eles não escrevem cartas ao editor para dizer que isso é uma coisa maravilhosa. Os artistas, vendedores de bebidas, e outros fazem um bom negócio no momento —eles são os vencedores —eles não falam, mas eles gostam de prosperidade e gastam. Os perdedores são o contrário. Aqueles em desvantagem sentem. A dona de casa cujo marido ainda está ganhando o mesmo salário e tem um número de crianças para alimentar está em desvantagem. Até a inflação termina e por um longo tempo depois há perdedores e vencedores, porque existem tais desajustes. Ouve-se em público apenas as vozes dos perdedores.

Em deflação, acontece a mesma coisa, mas o contrário. Existe uma diminuição na quantidade de dinheiro. Aqueles cujos preços de venda caem antes de tudo são os perdedores; os vencedores são aqueles cujos preços de

venda caem no final.

Essas mudanças de preços são os efeitos mais espetaculares da inflacionária e as mudanças deflacionárias na quantidade de dinheiro.

Outra característica da inflação é que todos os pagamentos diferidos são alteradas em sua importância. Se na véspera da inflação você tinha emprestado US $ 100, o que poderia, nesse momento comprar dez As e se depois de seis meses como resultado da inflação, US $ 100 pode comprar apenas cinco As, o que você paga de volta para o credor vale menos do que antes. Você poderia, portanto, emprestar dinheiro, comprar dez unidades de A, esperar seis meses e vender cinco unidades de A por US $ 100 para pagar o seu empréstimo; seu lucro inflação líquido seria de cinco unidades de um valor de US $ 100; você, como devedor, lucra. O homem que poupou, o credor, é prejudicado pela inflação. A fim de lidar com os problemas de hoje, estas coisas devem ser mantidas em mente.

Antes da guerra da Grã-Bretanha contra Napoleão desde o início do século XIX até 1815, não existia na Inglaterra o padrão-ouro clássico —eram moedas de ouro, e haviam notas do Banco da Inglaterra em uso conforme o dinheiro substitui. As notas do Banco da Inglaterra foram resgatadas em ouro sob demanda; o papel foi um substituto do ouro. Dado que as pessoas poderiam obter ouro, sem demora, os ingleses tomaram as notas, sem qualquer hesitação. Isso deu ao governo a ideia de empréstimos do Banco da Inglaterra e o Governo britânico descobriu que era a maneira mais fácil de conseguir dinheiro. Como consequência de seu empréstimo a quantidade de moeda nacional aumentou e os preços subiram. Com o aumento dos preços na Grã-Bretanha e não em países estrangeiros, os comerciantes encontraram vantajoso importar. A fim de pagar por estas importações foi necessário exportar ouro. Assim, mais pessoas pediram resgate das notas. Os gestores do Banco da Inglaterra tornaram-se alarmados e temiam falência. O governo sugeriu um remédio muito fácil; eles aprovaram uma lei aliviando o Banco da Inglaterra da obrigação de resgatar as suas notas; eles suspenderam o pagamento da espécie. A lei tornou sem sentido a declaração sobre as notas que elas poderiam ser resgatadas.

O governo pediu emprestado mais e mais. Um preço mais elevado para o ouro resultou. As moedas de ouro foram tratadas como um prêmio adicional. A taxa oficial antes das guerras de Napoleão era uma onça e ouro a £3 17s 101/2 d. Em 1814, pouco antes do fim da guerra, o preço real em termos das notas do Banco da Inglaterra era de £5 4s. O preço do ouro tinha subido quase 50 por cento em termos de libras esterlinas; em outras palavras, o valor da libra britânica tinha declinado.

Após a guerra da Grã-Bretanha contra a França terminou, a Grã-Bretanha decidiu retornar ao padrão ouro. O único método considerado foi deflacionar e voltar para a paridade pré-guerra —£3 17s 101/2d por onça de ouro. Então, eles reduziram a quantidade de dinheiro; eles contraíram. Para deflacionar o governo deve tomar emprestado do público —não dos bancos. E

não deve gastar o dinheiro que entra; ele deve destruí-lo. Isto é difícil como você pode imaginar. Você raramente vai encontrar Ministros das Finanças que estão prontos para fazer isso. Mas, nessa altura, isso ocorreu —porque acreditavam que era a única maneira "honesta" e "justa".

Agora, vamos ver quão "justo" e "leal" um tal método é. Se um homem tinha contraído um empréstimo antes de 1797, e ainda não tinha pago de volta, teria sido correto dizer que ele deve pagar o valor de pré-guerra. Mas não se esqueça que muitas pessoas tinham emprestado dinheiro durante o período da suspensão do pagamento em espécie por parte do Banco da Inglaterra. Muitos agricultores britânicos, especialmente, que queriam melhorar a sua propriedade para ajudar a Inglaterra a sobreviver à guerra, quando as importações não foram fáceis, tinha hipotecado suas fazendas e recebem as libras desvalorizadas ou "leves". E agora veio uma lei que lhes obrigou a pagar de volta libras "pesadas". É este o "justo"? É isto "leal"?

Para esses agricultores ainda havia outra complicação. Quando a paz voltou, as importações aumentaram e eles tiveram que competir contra mais importações do que antes da guerra. Enquanto as suas dívidas e seus pagamentos de juros e principal aumentaram, o preço de seus produtos caíram. Esses dois fatores contribuíram para uma crise agrícola tremenda na Grã-Bretanha na década de 1820. Entre as importantes consequências desta crise foi uma intensificação das leis do milho, que mais tarde foram abolidas na década de 1840.

O governo também foi um devedor e havia emprestado libras "leves". Ainda de acordo com a nova lei do governo —o que era os contribuintes —tinha de pagar de volta libras "pesadas". Assim, um privilégio foi concedido às pessoas que haviam comprado títulos do governo com libras "leves" e que foram pagos em libras "pesadas".

Houve também o resultado de todas as consequências das variações de preõs. Haviam vencedores e perdedores. Isto provocou uma grande unidade poderosa para inflação na Grã-Bretanha, liderada pelo grupo chamado de "Birmingham Little Shilling Men". Depois de alguns anos, quando todas as alterações foram afetadas, a crise despareceu. Parte da nação tinha sido enriquecida à custa de outras que foram empobrecidas. Finalmente a Grã-Bretanha apreciou o dinheiro estável novamente.

Durante a primeira Guerra Mundial, o governo britânico novamente embarcou em uma inflação. A libra foi desvalorizada contra seu ouro equivalente. Em seguida, após a guerra o governo queria voltar ao padrão-ouro. Mas, novamente, eles não perceberam que para retornar ao padrão ouro na paridade pré-guerra da libra traria uma sequência de eventos semelhantes à que ocorreu após as guerras napoleônicas. Foi imperdoável que o grande império britânico não sabia como fazê-lo. Eles não entenderam a teoria, nem eles sabem a história. Eles tinham tido a experiência, mas não a reconheceram. A situação já foi bem descrita por um homem Sueco [Conde Oxenstierna] que disse: "Tu não sabes, meu filho, com quão pouca sabedoria

o mundo é governado".

Em 1922, Lord Keynes já tinha escrito um livro no qual ele apontou que a estabilidade interna é mais importante que a estabilidade das taxas de câmbio. Lembro-me de quando eu tive uma conversa vários antes disso ocorrer com um banqueiro britânico, e não um agitador socialista, que me disse "Nunca mais o povo britânico tem que pagar uma taxa mais elevada de juros para os usurários do mercado mundial por ouro a fim de manter a moeda britânica em paridade". Estas foram as ideias que prevaleceram, você sabe. E foi o mesmo neste país.

Quando a Grã-Bretanha voltou ao padrão-ouro após a I Guerra Mundial, o Chanceler do Tesouro na época [1925], o Sr. Winston Churchill, voltou para a paridade pré-guerra da libra. Ele não sabia que as condições eram diferentes na Grã-Bretanha do que em outros países. Londres era o centro bancário do mundo antes da primeira Guerra Mundial, e por esta razão as nações estrangeiras mantiveram uma quantidade considerável de depósitos com os bancos britânicos. Quando a guerra vem, esses depósitos estrangeiros são chamados de "dinheiro quente", porque os depositantes temem a inflação e desvalorização da libra. Eles estão ansiosos para retirar seu dinheiro, mas vão esperar se eles acreditam que a Grã-Bretanha voltará à paridade pré-guerra.

Os britânicos não sabiam o que estavam fazendo em 1925 no retorno ao padrão-ouro. Mesmo o homem mais estúpido na Inglaterra deveria ter sabido que os sindicatos britânicos foram inflexíveis em suas demandas por maiores salários e que os salários tinham sido elevados a tal ponto que havia desemprego permanente, com milhões de pessoas fora do trabalho. No entanto, em face de tal situação, o governo britânico aumentou o valor da libra. Eles fizeram a libra "leve" e a libra "pesada", aumentando assim os salários reais dos trabalhadores, sem qualquer alteração no número de vagas de trabalho. O resultado foi que os custos de produção britânica, que já eram elevados sob as taxas salariais existentes, demasiado elevado para o mercado mundial, foram reforçadas ainda mais.

Grã-Bretanha cometeu um grande erro, retornando para a paridade da libra pré-guerra em 1925. Isso, somado ao rendimento das pessoas que haviam comprado títulos ou de outra forma emprestaram dinheiro em libras "leves". O governo teve que recolher mais impostos para pagar esses títulos em libras "pesadas". Uma catástrofe resultou. O Reino Unido não pode alimentar e vestir sua população sem recursos internos; teve de importar alimentos e matérias-primas e pagar por estes com produtos manufaturados, a maioria deles produzidos a partir de matérias-primas importadas. Eles encontraram-se em uma situação onde eles não foram capazes de exportar o suficiente para preservar seu padrão de vida. Os sindicatos não iriam considerar uma redução dos salários. Para evitar ferir os interesses daqueles que emprestaram libras "pesadas", não teria sido necessário retornar à paridade de pré-guerra. Poderia ter sido arranjado para que um empréstimo contraído em 1910 seria

pago de volta em um maior número de libras do que quando contratado. Embora este poderia ter ajudado, não teria necessariamente sido "justo" ou "leal", porque a obrigação pode ter mudado de mãos várias vezes.

Por causa dos problemas que se desenvolveram, o governo capitulou em 1931, através da desvalorização da libra quatro vezes mais do que tinha sido desvalorizada antes de 1925. Isto significa que a Grã-Bretanha, ainda uma grande nação credora, fez uma doação de centenas de libras para devedores estrangeiros que, depois de 1931, pode pagar suas dívidas à Grã-Bretanha em libras "leves". Que tipo de estadistas eram esses? Winston Churchill, como ministro da Fazenda, foi mal aconselhado.

Agora, nos Estados Unidos, temos a questão de como voltar ao padrão de ouro. Na minha opinião, não pode haver dúvida quanto à necessidade de fazer isso. Mas a questão é em qual paridade devemos voltar. No caso de ser determinado por meio de estabilização, por supressão das leis contra a realização de ouro, e parar o aumento da quantidade de dinheiro? Dentro de um curto espaço de tempo após algumas discussões, não haveria mais ou menos um preço para o ouro que não iria afetar o poder de compra. Pode-se em seguida, retornar ao padrão ouro. Deixando de lado o problema das dívidas antigas, isto não mudaria nada, isso não iria destruir todo o sistema econômico.

Mas existem entre a minoria favorecendo um retorno ao padrão-ouro homens muito eminentes que favorecem a retomada do pagamento em espécie à taxa de US $ 35 a onça. Eles dizem que esta é a única solução "honesta". Eu não sei por que estes senhores são precisamente em favor de US $ 35. Devem estabilizar-se no valor do ouro atual do dinheiro sem deflação. Para retornar ao padrão ouro em US $ 35 por onça de ouro iria causar uma deflação, porque hoje [1951] $ 35 não é mais considerado o equivalente de uma onça de ouro. O preço do ouro é muito maior, como pode ser visto a partir da cotação do dólar norte-americano na Suíça e outros países neutros. Se o governo americano redime o dólar a US $ 35, haveria uma tremenda retirada de ouro do país, o que tornaria a coisa toda impopular.

Se alguém quiser deflacionar depois de considerar todas as enormes desvantagens da deflação, se alguém quiser voltar para um valor antigo que tem apenas um valor teórico, por que voltar para o valor do New Deal, que nunca foi nada, mas um espectro nos livros de direito e nunca teve qualquer significado real para os americanos? Por que não voltar ao velho dólar original dos Estados Unidos —$ 20.67? Por que apenas o dólar New Deal? Eles dizem que é um dólar estatutário. Claro, US $ 35 é a taxa para estrangeiros, não é para americanos —é uma ofensa criminal para americanos possuírem ouro —no qual relações internacionais governamentais são feitas. [A proibição da posse de ouro foi entretanto revogada neste país. Em janeiro de 1975, os cidadãos dos EUA recuperaram a liberdade de comprar e possuir ouro.] Muitos produtores de ouro têm sido forçados a vender ouro. Mas US $ 35 não é a paridade real de mercado para o ouro. Eu não vejo por que al-

guém deveria querer tomar sobre o desastre de um movimento deflacionário. A deflação é muito impopular. Sua impopularidade é exagerada, mas que não iria funcionar porque as pessoas estão tão opostas a ela.

Vejo apenas uma maneira de retornar ao padrão-ouro —abolir as leis contra a posse do ouro, reestabelecer o mercado de ouro e ver o que a taxa se estabelece. Isso causaria a menor divisão possível. A maior parte do ouro está fora deste país. O governo dos EUA podia ficar quieto por um tempo, e não entrar no mercado de ouro. Haveria uma queda no preço do ouro no mercado negro. Ninguém pode saber com antecedência o quanto o preço do ouro livre seria, mas eu diria algo entre US $ 38 e US $ 40. Então nós poderíamos ter um padrão-ouro.

Como cidadão tenho minha opinião. Eu não digo que é errado ou desonesto defender um retorno ao ouro a US $ 35 por onça. mas eu digo que você está vivendo em um mundo ilusório, se você acredita que é possível apresentar o povo americano com um programa de deflação, como retornando para a taxa de $ 35 significaria. $ 35 é nada mais que a taxa de Morgenthau [secretário do Tesouro sob o New Deal de Roosevelt]. Por que aceitar o dólar New Deal? Se eu sei que esses defensores, eles não são *New Dealers* muito entusiasmados. A proporção de ouro $ 35 a onça começou em 1934, mas dezoito anos se passaram desde então.

Algumas pessoas acreditam que você cura a inflação trazendo a deflação. Isto é um pouco como sugerir que para curar um homem que foi atropelado por um automóvel indo do norte para o sul, você deve executar o carro de volta em cima dele novamente do sul para o norte.

Concordo que será difícil voltar ao padrão-ouro. Mas o primeiro passo é reestabelecer o mercado de ouro. Eventualmente haverá um preço de ouro. A princípio, o governo poderia dizer que não iria vender mais ouro a este preço do que tinha vendido, em média, por exemplo, ao longo dos últimos dez anos.

Os Estados Unidos abandonaram o padrão-ouro porque acreditava-se que a inflação foi benéfica. Queríamos ajustar o padrão de acordo com os preços. Nós imitamos a Grã-Bretanha, que saiu da velha paridade em 1931. Havia a depressão e desemprego nos Estados Unidos, e, consequentemente, foi necessário ajustar os salários para baixo. Isso não foi feito. As desvalorizações de 1931 na Grã-Bretanha, de 1934 nos Estados Unidos, e de 1935 na União Monetária Latina ocorreu porque os governos e as pessoas eram muito fracos para resistir aos sindicatos. Os sindicatos acreditavam que quanto maior os salários são, melhor para o trabalho. Mas se os salários são elevados acima da taxa de mercado, o resultado é o desemprego permanente. Não acreditem que sou a favor de salários baixos. No entanto, os salários baixos foram a consequência necessária e inevitável do fato de que havia mais e mais barreiras comerciais em todo o mundo e cada vez mais o consumo de capital. Tarigas reduzem a produção em todo o mundo e os salários devem abaixar. Os preços são ajustados de acordo com o padrão.

As barreiras comerciais mudam. A produção vai desde aqueles lugares em que uma entrada menor produz uma maior produção para lugares onde é o contrário.

Digamos que isto, por exemplo: Se o governo português eleva a tarifa para algo que os britânicos costumavam exportar para Portugal, e, consequentemente, desenvolve-se em Portugal uma indústria deste tipo para a qual as condições em Portugal são muito desfavoráveis e onde, portanto, os custos de produção são mais elevados, e os britânicos são forçados a restringir suas exportações e devem desenvolver outras indústriais para as quais as condições na Grã-Bretanha são muito desfavoráveis, o resultado é uma queda geral na produtividade em todo mundo. Junto com isso, há a necessidade de consumir menos, o que significa, para o trabalhador, os salários mais baixos. E você não pode mudar os salários mais baixos por piquetes. Piquetes não mantém os salários para cima.

Portanto, se você disser que foi pela primeira vez que um país saiu do padrão-ouro quando não havia nenhuma razão para fazê-lo na história do mundo, eu diria que não foi precisamente, pela primeira vez.

A quantidade de reservas de ouro não importa. Se não houver uma razão especial para reduzir as reservar, você deve efetuar essa transição para um padrão-ouro a uma taxa na qual transações correntes não ateram a quantidade de ouro. A coisa principal é encontrar a paridade em que o mercado pode manter sem a transferência de ouro.

O mercado negro é um mercado. Não há nada de "negro" sobre ele. Um preço no mercado negro leva em consideração o risco. Quando a escuridão é tirada desse mercado, então os preços vão provavelmente cair. Assim será com o ouro.

Eu não acredito que o perigo de uma inflação galopante é iminente, porque há pessoas poderosas o suficiente que se opõem a ele para impedi-lo.

Sou a favor de moedas de ouro de modo que o indivíduo será envolvido, por isso vai perceber quando a menor inflação ocorre. O fato de que o cidadão pode ver quando a situação muda é um dos controles mais importantes da Constituição contra a inflação.

O mundo está em um padrão-ouro, mas os Estados Unidos está em um padrão de papel. Um retorno ao padrão-ouro é possível economicamente, mas não politicamente. O atual governo é construído sobre tais gastos domésticos enormes que, se as pessoas não se opõem ativamente, o governo sempre vai inflar. A vantagem do padrão-ouro é que o poder de compra depende de condições que não estão sujeitos a governos, partidos políticos, e códigos de mudança, credos e desejos.

Não há nada de divino sobre o padrão-ouro, mas existem algumas razões para isso. O padrão ouro é uma instituição humana. Ele tem sido usado ao longo do curso da história. O padrão ouro impede o governo de aumentar a quantidade de dinheiro através de inflação.

É impossível manter uma moeda fiduiária estável. Um economista muito

capaz, que era às vezes um pouco fantástico, o falecido Irving Fisher [1867-1947], estava convencido de que você poderia medir o poder de compra do dinheiro. Ele acreditava que o propósito de manter a estabilidade do poder de compra era fazer com que a unidade monetária de tal forma que se sempre compra a mesma variedade de vários commodities. Isso é maravilhoso se você escolher como a senhora padrão do mundo, uma certa senhora em um determinado momento. Mas apenas por um curto período de tempo, pois a compra de cada pessoa é diferente, e as compras de cada pessoa variam de tempos em tempos durante toda a vida. Quantos litros de gasolina que a avó compra? E sobre a comida para bebê quando os filhos estão na faculdade?

Irving Fisher negligenciou a desigualdade e tratou apenas com mercados como um padrão de pagamentos diferidos. Ele começou seu movimento no campo da estabilidade monetária num momento em que a queda do poder de compra não era muito grande. Ele começou porque ele era a favor dos credores, o que é notável em si, porque muito poucas pessoas são a favor de credores. Geralmente as pessoas são a favor de um movimento descendente lento constante do poder de compra que favorece os devedores.

Moeda forte é aquele dinheiro que ordena no poder de compra que é muito lento, de modo que ela não afete os negócios a sério.

Gladstone disse, nem mesmo o amor fez tantas pessoas loucas como o dinheiro.

8

Dinheiro, Crédito e o Ciclo de Negócios

O COMEÇO DOS SUBSTITUTOS DO DINHEIRO é muito bem conhecido. As pessoas na Grã-Bretanha costumavam manter os depósitos de ouro com os ourives em Londres. Mais tarde, elas começaram a usar os recibos dos ourives como substitutos para o dinheiro em transações e tesouraria. A diferença entre um bilhete que permita a uma pessoa a uma determinada quantidade de dinheiro e um bilhete que lhe dá direito a uma certa quantidade de pão é que, se ela quer tirar o pão, ela deve descontar o bilhete de pão, embora ela possa usar o próprio bilhete-dinheiro para obter o pão desde que o padeiro considere o bilhete-dinheiro de valor e queira usá-lo como efetivo em caixa.

Ourives logo descobriram que eles poderiam emitir mais bilhetes-dinheiro, mais substitutos do dinheiro, do que tinham ouro em reserva. Isto significou um acréscimo à quantidade de dinheiro da nação sob a forma de meios fiduciários e certificados monetários, para além da quantidade de ouro em reservas. Um problema surge porque os meios fiduciários podem ser criados a partir do nada; teoricamente, não há limite —ou assim parece.

A criação de meios fiduciários representa um fator que provoca um aumento dos preços. Se os meios fiduciários aparecem no mercado de empréstimo, como uma oferta adicional de dinheiro para empréstimo, há um outro efeito também; o aumento da oferta causa, imediatamente e temporariamente, uma redução na taxa de juros. Não pode haver qualquer argumento de que a taxa de juros é um fenômeno real de mercado que surge fora do tempo preferencial dos indivíduos; não é apenas um fenômeno monetário. No entanto, a taxa de juros é afetada por um aumento na quantidade de dinheiro que aparece no mercado de empréstimo. Um aumento na quantidade de dinheiro que aparece no mercado de empréstimo traz uma queda na taxa monetária de juros. Como é que este reajuste ocorre? Este é o problema do ciclo comercial.

Ao lidar com substitutos do dinheiro e meios fiduciários, ou seja, aquela quantidade de substitutos do dinheiro em excesso sobre as reservas do banco, nunca devemos esquecer que a posição do banqueiro ou do banco emissor, tais meios fiduciários são delicados. Só se o banqueiro tem a boa vontade das pessoas, pode-se supor que ele estará disposto a manter esses substitutos do dinheiro em excesso e não apresentá-los para o resgate, o que empurraria o banco à falência. É ainda mais importante perceber em primeiro lugar que não é muito fácil de fazer as pessoas aceitarem o dinheiro substituto como dinheiro. Originalmente os substitutos do dinheiro foram vistos com desconfiança; as pessoas não estavam muito entusiasmadas em aceitá-los no lugar de ouro. É difícil para os nossos contemporâneos a perceber isso, porque os substitutos do dinheiro protegidos pelo governo têm aparecido nos últimos anos e as pessoas foram forçadas a isso por parte do governo. Além disso, hoje esses substitutos de dinheiro foram declarados para ter curso legal, de modo que se um devedor quer pagar uma dívida, o credor é obrigado por lei a aceitar os substitutos do dinheiro como se fossem dinheiro real.

Propagandistas que queriam fazer o governo preeminente na emissão de substitutos de dinheiro divulgaram muitas histórias sobre os substitutos de dinheiro privados. Estes contos foram condensados por um americano anônimo que é creditado com o ditato "O livre comércio no setor bancário é o livre comércio da enganação". Economistas, no entanto pensam de forma diferente; eles consideram o livre comércio nos serviços bancários como a única proteção contra a emissão de notas ruins do governo.

O principal problema é que, infelizmente, todas as pessoas, mesmo na era do liberalismo e economistas clássicos, consideram a taxa de juros como um fenômeno monetário, não um de mercado. Os economistas clássicos explicaram que os preços e os salários eram fenômenos de mercado, mas não estavam tão ansiosos para dizer que a taxa de juros também era um fenômeno de mercado. Este é um dos pontos fracos de A Riqueza das Nações, de Adam Smith. Ele refutou a ideia de que a escassez de dinheiro pode tornar os negócios ruins. Mas ele não estava preparado para atacar as leis seculares contra altas taxas de juros, as leis contra a "usura". Jeremy Bentham, em sua Defesa da Usura [1787], que ainda está em uso hoje, foi o primeiro a refutar estas velhas ideias de juros.

Pessoas consideraram altas taxas de juros um obstáculo ao comércio econômico e ao progresso, e sentiram que qualquer coisa que possa reduzir a taxa de juros seria uma bênção. Conseguinte, um aumento nos substitutos do dinheiro foi considerado uma bênção, porque com ele veio uma redução na taxa de juros. Todas as outras coisas permanecendo iguais, se uma oferta adicional de empréstimos por parte da pessoa que faz o dinheiro, pelo banco de emissão, é feito, o pretenso credor deve baixar a taxa de juros para atrair mutuários adicionais. Isto foi considerado vantajoso e havia entusiasmo por ela por parte da opinião pública.

É trágico e fatídico que nem todos os liberais perceberam que a taxa de juros era um fenômeno econômico, não um monetário. Esses liberais não só falharam em lugar, mas eles ainda ajudaram na fundação de bancos centrais do governo adicionais com privilégios especiais, porque eles achavam que esses bancos reduziriam a taxa e juros. A consequência foi uma redução da taxa de juros no curto prazo, um boom a curto prazo —mas depois, inevitavelmente, depois de algum tempo, o aparecimento de uma crise econômica, uma depressão. As pessoas começaram a considerar depressões periódicas e o ciclo comercial como características inerentes do capitalismo. Este tem sido um dos principais argumentos para o socialismo e uma das principais causas de tornar as pessoas anti-capitalistas. O efeito da depressão de 1929 nesta região é ainda evidente na interpretação errônea desta experiência pelo povo.

Como consequência da crença nas vantagens das baixas taxas de juros, a expansão do crédito se tornou muito popular —em primeiro lugar nos países onde houve o capitalismo e um sistema bancário. No final do século XVIII, a Grã-Bretanha já estava sofrendo as consequências de recorrentes crises econômicas. Mais tarde, estas crises começaram a afetar outros países —em primeiro lugar os países europeus que estavam mais avançados no capitalismo —Países Baixos, França, e as mais avançadas cidades-estados da Alemanha, Hamburgo e Bremen. Estas crises periódicas vieram para outros países apenas com a expansão do capitalismo. Por exemplo, na depressão de 1857, a Áustria ainda era bastante atrasada no desenvolvimento capitalista, assim ela foi afetada apenas ligeiramente. O governo austríaco fez algo que foi muito espetacular para aqueles dias. Por razões políticas, a Áustria queria ajudar Hamburgo. Ela eviou um combio cheio de prata sob guarda armada pesada para Hamburgo a fim de apoiar o sistema bancário de Hamburgo. Naquele tempo, a Áustria ainda estava fora do mundo. Mas em 1873, em que a próxima depressão veio, Áustria estava tão envolvida que Viena era o centro da crise.

Os economistas começaram a levantar a questão de saber o que causou essas crises. Lei de Say demonstrou apenas que não podia ser considerada a causa —superprodução. Um pouco mais tarde, um grupo de economistas e banqueiros ingleses começaram a perceber que o problema era o ciclo de comércio de expansão e recesão e que a causa do empobrecimento, da depressão, era o boom anterior. Para eliminar a depressão, o boom anterior e a expansão de crédito pelos bancos devem ser eliminados.

Mas esta não era uma explicação completa. Era uma explicação sobre as condições na Grã-Bretanha e os poucos países já equipados naquele momento com tal sistema bancário. Esta foi uma explicação sob a suposição de que o resto do mundo não teve uma expansão de tal crédito. Por exemplo, a Escola Monetária argumentou que, se houver expansão do crédito na Inglaterra, o que resulta em um crescimento e preços mais elevados na Grã-Bretanha, enquanto as condições mantinha os preços em outras partes

do mundo estável, as exportações diminuem e a balança de pagamentos torna-se de tal forma que a barra de ouro é enviada para fora da Inglaterra para outras partes do mundo. Os detentores das notas buscam resgatar suas notas. A reserva dos bancos britânicos cai de modo que os bancos devem restringir a sua emissão de notas, a fim de proteger a sua própria solvência. Isto provoca a depressão. Isso é correto, na medida em que vai, mas não leva em conta o fato de que todos os países podem aumentar a sua moeda, de modo que, em seguida, não haveria explicação para uma saída de dinheiro.

A teoria da Escola Monetária cometeu um grande erro —não conseguiu perceber que não fazia diferença se a inflação era causada pelas notas do banco ou pelo dinheiro em talões de cheque. A legislação em 1844, a Lei de Peel, tornou impossível expandir o dinheiro por meio de notas de banco na Inglaterra e outros países que adotaram legislação semelhante. Mas a legislação que limita as notas não disse nada sobre o dinheiro em talão de cheques. Consequentemente, esta lei de 1833 não impediu os booms. Outro boom, baseado no dinheiro em talão de cheques, já apareceu no ano seguinte, levando as pessoas a sentir que toda a teoria era inútil.

Esta teoria da Escola Monetária foi a base da teoria quantitativa do dinheiro da Escola Bancária. A Escola Bancária Britânica desenvolveu a teoria de que existe uma certa demanda por parte das empresas para o dinheiro. Se o banco restringe a sua criação de dinheiro do banco, o dinheiro em talão de cheques e notas bancárias, com as "necessidades de negócios", eles dizem que nunca pode levar a uma inflação. Vamos supor que o banco de emissão desconta somente letras de câmbio, que são o resultado de uma transação comercial real. O comerciante de algodão vende uma quantidade de algodão para algum tecelão, e o tecelão precisa de dinheiro para pagar por isso. Ele recolhe a nota, que é descontada pelo banco, o que cria o dinheiro adicional. Depois de três meses, quando o algodão bruto foi convertido em fios de algodão e é vendido, o empréstimo é pago de volta e aquele dinheiro desaparece. Sob este sistema, acreditava-se que as "necessidades de negócios" produzem automaticamente a quantidade necessária de dinheiro de negócios.

Esta teoria foi tão popular na segunda parte do século XIX quanto era falsa. A ideia de que as "necessidades de negócios" seria limitar automaticamente a criação de dinheiro adicional está errada. Quando foi aplicada na prática, resultou periodicamente em booms de inflação. Ninguém se importava com os booms. Mas os booms foram sucedidos por depressões, que as pessoas não gostam.

Durante 50 anos, houve nenhum progresso neste estudo. Então, no final do século XIX foi publicado um livro pelo economista sueco Knut Wicksell [1851-1926], Gildzins und Güterpreise [1898, tradução em inglês, *Interest and Prices* (Juros e Preços), de 1936]. Wicksell apontou que o montante de tais transações comerciais não é independente do comportamento do banco. Se o banqueiro reduz sua taxa de desconto, o montante que o comprador

deve pagar pela sua matéria-prima é menor, e a transação parece ser mais rentável do que seria de outra forma. Assim, os bancos podem aumentar as "necessidades de negócios", diminuindo a taxa de juros. E quando a taxa de juros é menor, os bancos se expandem, que é inflacionário. Assim, a demolição desta teoria foi devida a Wicksell. E então, em 1912, meu livro, *The Theory of Money and Credit* (A Teoria da Moeda e do Crédito), saiu. A fundação desta teoria pode ser rastreada para os criadores da teoria dos juros —W. Stanley Jevons e Böhm-Bawerk. Esta é a teoria monetária, a teoria da circulação, ou a teoria austríaca, do ciclo de negócios.

Lei de Peel foi em 1844. O próximo boom foi em 1845 e 1846. A depressão seguida em 1847. Em 1848 veio o Manifesto Comunista, que disse que o sistema capitalista leva a crises periódicas. Cada crise, o Manifesto disse, seria progressivamente pior até que levaria eventualmente à queda do sistema capitalista. Em 1857, 1866, 1873, e novamente em 1929, os marxistas estavam aguardando o dia, "der Tag". E hoje em Moscou, Stalin aguarda a crise final do sistema capitalista na crença de que está ao virar da esquina. O que é pior é que muitos economistas pensam desta maneira também. Esta é a filosofia da Liga das Nações e dos muitos povos "desunidos" nas Nações Unidas. Eles não acreditam que a ocorrência de depressões tem nada a ver com a expansão do crédito; eles acreditam que os ciclos comerciais são inerentes ao sistema capitalista, e que uma comissão especial deve ser formada para combater o ciclo comercial.

No início, a popularidade da expansão do crédito deveu-se à ideia de que é uma bênção para todos os países e para todo o mundo ter uma taxa de juros baixa. A expansão do crédito foi considerada um veículo para reduzir a taxa de juros. O político queria prosperidade para o seu país, e para o povo. Os governos queriam manter os juros baixos; mesmo Coolidge em 1924 queria baixas taxas de juros. Parece-me surpreendente que foram feitas tentativas para aumentar e diminuir salários, aumentar e diminuir os preços, mas você nunca vai encontrar uma ocasião em que um governo ou um político era a favor do aumento das taxas de juros. Eu não quero dizer que sou a favor de uma taxa elevada de juros —eu sou pela taxa de mercado.

Quando os governos inventaram os primeiros bancos centrais, o objetivo era criar prosperidade através da redução da taxa de juros. Mas os governos posteriores favoreceram os bancos centrais com privilégios especiais porque eles queriam emprestar dinheiro a si mesmos e eles consideravam os bancos centrais uma fonte de dinheiro barato. Esta foi uma descoberta maravilhosa pelos governos. Em primeiro lugar, os governos concederam o estatuto legal macio para as suas notas e os libertou da obrigação de manter seus contratos de resgatar suas notas em ouro ou prata, notas que as pessoas tinham aceitado voluntariamente. (Quão diferente teria sido o destino de Charles I —ele foi decapitado em 1649 —se ele tivesse sido capaz de financiar seus empreendimentos militares sem se preocupar com o Parlamento e os contribuintes.)

Agora eu quero discutir as consequências das taxas de juros artificialmente baratas. Concorda-se que o problema é o ciclo comercial, a expansão do crédito, que devemos temer o boom que resulta em uma depressão. A Liga das Nações fez um relatório, preparado pelo professor Gottfried Haberler [1901-1995], sobre o ciclo comercial. Em suas primeiras páginas afirma-se claramente que o boom que causa a depressão seguinte não poderia ocorrer se os bancos não expandissem o crédito. Portanto, pensaria-se que a solução seria fácil —temos apenas que evitar que os bancos expandam o crédito ou, pelo menos, de adotar as instituições e políticas governamentais que convidam o banco a expandir o crédito. Mas não —eles começaram a procurar outra explicação para o ciclo. Marxistas reconhecem que não se pode acabar com os juros exclusivamente pela expansão do crédito, mas eles negam que baixá-lo artificialmente terá más consequências. Eles ignoram o fato de que a taxa de juros é a expressão da diferença entre a valorização mercantil dos bens presentes contra a dos bens futuros.

O que realmente acontece em uma expansão de crédito? Por que dizemos que certas coisas não podem ser feitas porque o capital está faltando? Determinados projetos que não são viáveis hoje poderiam ser efetuados reduzindo o consumo atual o suficiente para permitir que mais produtores construam produtos de investimento mais duráveis. Todo mundo contribui com uma parte para a determinação de quanto é para ser consumido e quanto deve ser investido. O empresário individual está ciente deste fato por causa da taxa de juros. Se as pessoas estão mais dispostas a poupar, a taxa de juros vai cair. Pelo contrário, se elas estão dispostas a gastar, a taxa sobe. O empresário ao planejar antecipa custos e preços, leva em conta os custos de mão de obra, material, e a taxa de juros. Se ele decidir que um determinado projeto não pode ser feito de forma rentável, então ele não é feito. Há sempre projetos que não são realizados porque o dinheiro é usado para o consumo.

A taxa de juros é reduzida artificialmente pela expansão do crédito, de modo que um projeto que apareceu inviável ontem pode hoje aparecer rentável. Portanto, o efeito da expansão do crédito e da redução da taxa de juros é que determinados projetos que não teriam sido levados a cabo estão agora começando. Se pensarmos sobre isso, percebemos isso não é bom. Não houve aumento de bens materiais. A única diferença é que o banco criou a partir do nada notas adicionais ou dinheiro em cheque especial.

A consequência é que o cálculo do empresário é falsificado. Enquanto antes refletia precisamente as condições dos fatores de produção disponíveis e demonstrava o que poderia ser feito e o que não poderia ser feito, agora está falsificado, pois não existe uma quantidade adicional de substitutos de dinheiro e meios fiduciários. O empresário é conduzido, por taxas de juro artificialmente baixas, a embarcar em projetos para os quais a oferta disponível de bens de capital é insuficiente. (Suponha que um homem possui uma quantidade limitada de materiais de construção. O contratante faz um erro na estimativa de modo que a base é muito grande para o material

realmente na mão. Ele deveria ter percebido antes que a quantidade de material não seria suficiente. Uma crise resulta para o mestre de obras.)

É mais difícil na vida. A demanda adicional para os projetos que não teriam sido realizados anteriormente eleva os preços pedidos para os materiais. É verdade que a taxa de juros é menor. Mas os preços são mais elevados. A coisa toda tem de parar se a expansão do crédito do banco chega ao fim. Mas o crédito bancário é elástico, e os bancos dão mais crédito.

Como os salários sobem, a demanda por bens de consumo sobe também. Mas por causa do boom parecer geral, o empresário decide ir em frente com o projeto. Preços mais elevados para os fatores de produção, incluindo o trabalho, resultam. E há um aumento adicional no consumo.

Também de importância é o fato de que os bancos, quando confrontados com este aumento da demanda, começam a elevar suas taxas de juros. Em toda crise as pessoas cautelosas dizem aos banqueiros, "é uma sobre-expansão. A expansão deve ser cortada e você não deve dar crédito a tais termos fáceis". Mas o banco diz, "veja, nós temos as taxas de juro mais elevadas e ainda há uma demanda adicional, apesar de esta taxa mais elevada. Portanto, você não pode dizer que a nossa política de dinheiro barato é responsável pelo boom".

A relação entre a evolução dos preços e a taxa de juros foi contribuída por Irving Fisher. Em um período de aumento dos preços o emprestador de dinheiro pode fazer um lucro por não emprestar, abstendo-se de empréstimos, e através da compra de bens e vendê-los a si mesmo. Por outro lado, o mutuário faz um lucro adiciona porque quando ele paga o empréstimo, os preços dos bens que ele fez com o dinheiro emprestado são mais elevados. Portanto, quando há uma tendência para que os preços subam, a taxa de juros é aumentada em mais do que a verdadeira taxa de juros. Este aumento adicional na taxa de juros é o "preço comum". Portanto, uma taxa que é considerada matematicamente maior em comparação com a taxa anterior ainda é muito baixa para o que se deve levar em consideração tanto a taxa de juros mais o preço prêmio. (Em 1923, na Alemanha, o Reichsbank aumentou a taxa de desconto para a inédita taxa de 90 por cento, mas a diferença de preço na época era tal que a taxa de desconto deve ter sido algo como 10.000 por cento.)

Durante um período de especulação, os preços do mercado de ações sobem. Todo mundo fica entusiasmado e as pessoas que não sabem nada sobre ele entrar no mercado de ações. O crédito é dado a ninguém. Todos estes sintomas são bem conhecidos. Também conhecido é como esse crescimento pausa e as consequências e as características de tal crescimento. O problema é o que está acontecendo e o que faz toda a situação doentia.

Em 1929, houve expansão de crédito neste país e o dinheiro estava barato. Assim, os empréstimos foram feitos para outros países fazendo com que a balança comercial a ser ativa. Havia mais exportações dos Estados Unidos do que importações porque os outros países não tinham que pagar por eles

—eles poderiam pagar com títulos. O "mau" Mr. Schacht[1] estava mais consciente do que estava acontecendo do que o grande Bank of New York. Qualquer um que queria emprestar dinheiro poderia obtê-lo. (O dinheiro era tão fácil de obter dos Estados Unidos que uma pequena cidadena Silésia, por exemplo, construiu um lago exterior aquecida para as plantas tropicais.)

Diz-se que a característida de um boom é sobreinvestimento geral. Esta é uma impossibilidade. Os montantes disponíveis para investimento são: (1) as economias de anos passados, e (2) que parte da produção do ano anterior igual ao equipamento usado nos últimos anos e disponíveis para substituição de ferramentas desgastadas. (A substituição de máquinas antigas pode ser feita substituindo por máquinas melhores ou diferentes. Desta forma, muitos produtores mudaram completamente sua produção.) Nada mais está disponível para investimento, por isso não pode haver excesso de investimento em geral.

Quando as economias passadas disponíveis (1) e de capital disponível para substituições (2) são investidos de acordo com um plano que superestima a quantidade de bens de investimento disponíveis, o resultado para toda a economia nacional é mau investimento. A construção é iniciada pedindo por mais materiais do que está disponível. Tem sido dito que a crise de 1857 na Grã-Bretanha foi dedivo ao fato de que eles tinham construído muitas ferrovias. Naquele tempo essas ferrovias erma inúteis e faltava capital para outros requisitos. Capital demais circulante havia sido convertido em capital fixo. Na crise, os bens de consumo estão disponíveis a preços muito baixos porque não há um excedente de bens de consumo.

Um indivíduo pode expandir exageradamente. Pode-se dizer: "Minha situação financeira pessoal é muito ruim. Eu gastei muito dinheiro na expansão do meu negócio, na construção de minha nova fábrica". A ideia de sobreinvestimento apareceu quando esta situação, aplicável a um indivíduo, foi transferido para uma nação. Mas não pode ser verdade para todo o sistema econômico, porque apenas os bens que estão disponíveis para investimento podem ser usados para essa finalidade. O dinheiro pode ser investido nos planos errados, e muitos projetos podem ser iniciados assim que alguns deles não podem ser concluídos, ou se terminados eles podem ser usados apenas em uma perda.

É óbvio o que acontece. A pergunta é porque a situação é subitamente descoberta em apenas alguns dias, de modo que a crise vem durante a noite. Onde havia confiança e otimismo, há depressão e desespero. É claro, que é apenas o discernimento de que vem durante a noite, não a crise real, que tem vindo a construir ao longo do tempo.

Porque não havia uniformidade na expansão do crédito em diversos

[1]Hjalmar Horace Greeley Schacht (1877-1970), financeiro alemão que realizou uma série de posições no governo alemão, 1923-1943, incluindo presidente do Reichsbank e ministro da economia.

países no passado, a extensão do crédito varia nos diferentes países. Com a demanda por câmbio e créditos, houve uma fuga de dinheiro de alguns países. Banqueiros ficaram assustados. Um funcionário do governo anunciou: "Talvez nos seremos forçados a restringir o crédito". Os empresários se assustaram: "Precisamos de crédito. Vamos, portanto, obter crédito, enquanto houver qualquer possibilidade". A demanda por crédito aumentou durante a noite e os bancos, em seguida, tiveram que restringi-la. Se um banco começou, todos os outros tiveram que restringi-la também. Uma vez que começou em um país, todos os outros países tiveram que fazer o mesmo, de modo que as restrições espalharaiam-se por todo o mundo.

Se os bancos não restringem o crédito, poderia tal prosperidade ser feita para durar para sempre? O fato é que, em cada período de prosperidade os empresários declararam: "Este não é um boom temporário —esta é a grande prosperidade final da humanidade. Nunca será seguida por uma crise". Mas não é possível fazer o boom durar para sempre, porque o boom é construído sobre papel, em notas de banco e dinheiro em talão de cheques. Baseia-se no pressuposto de que existem mais bens disponíveis do que realmente existem. Se os bancos não pararem no último minuto, então a expansão do crédito teria procedido mais e mais rapidamente até o colapso total da moeda, como ocorreu na Alemanha em 1923. O movimento inflacionário deve chegar a um fim, quer por um desarranjo completo ou por restrições voluntárias por parte dos bancos envolvidos.

Se as pessoas não fossem tão otimistas, a crise não seria tão ruim, pois as pessoas se preparariam para isso. As razões que tornam o colapso do boom são fatos históricos individuais. O problema, quando o boom chega ao fim, é decidido por fatores acidentais. Mas não pode ser evitado. E quanto mais tarde a crise vem, mais capital foi disperdiçado, e o pior das consequências.

Eu quero dizer algo sobre a relação entre inflação e expansão do crédito. Ambos são muito semelhantes, na verdade praticamente o mesmo. A diferença é essa. No caso da expansão do crédito, a quantia adicional total de dinheiro recém-criado vai em primeiro lugar ao mercado de empréstimo. Não é gasto para o consumo, mas emprestado aos negócios. Portanto, a primeira consequência da expansão do crédito é que uma expansão dos negócios ser provocada. E todos os outros efeitos vêm desta estimulação dos negócios. No caso da inflação, o dinheiro adicional vai em primeiro lugar para as mãos de um gastador —por exemplo, o governo e seus gastos em armas ou outras razões. Assim, o curso da inflação é diferente. Em essência, os dois são os mesmos, mas as suas sequências são diferentes, e os caracteres dos dois booms são diferentes. Mas, mais cedo ou mais tarde, o dinheiro gasto da inflação atinge o mercado de investimento também, assim como o dinheiro da expansão do crédito também, finalmente, chega ao mercado de gastos.

A ideia de controle qualitativo de crédito tem sido muito popular. Queremos dar crédito adicional para coisa boas, para instalações inustriais adicionais e para a agricultura, mas não para pessoas com más intenções e

maus propósitos, não para coisas frívolas. Em última análise, não importa onde ele começa. Se o dinheiro adicional vai em primeiro lugar para os agricultores, a demanda por crédito entre os agricultores cai e a quantidade que teria absorvido sem a expansão do crédito está disponível para criar um boom em outro lugar. O boom não pode ser dirigido. Nenhum segmento da economia é separado.

9

O Ciclo de Negócios e Além

SOBRE O FIM DO SÉCULO XIX, quando as pessoas começaram a perceber que havia algo questionável sobre a expansão do crédito, os defensores desta política encontraram uma nova desculpa. Eles declararam que a expansão do crédito poderia funcionar em um país isolado que não se conecta com o resto do mundo por meio do padrão-ouro. Ao abolir o padrão-ouro e estabelecendo uma moeda livre de ouro ou sistema monetário fiduciário, seria possível expandir o crédito, reduzir a taxa de juros, e tornar o país próspero para sempre. Esta atitude era evidente entre os Junkers alemães que sofreram na década de 1880 e 1890 a partir da importação de cereais americanos. No entanto, eles atribuíram seu infortúnio ao padrão-ouro, não ao seu solo pobre e o baixo rendimento por acre. Eles disseram que se não fosse pelo padrão-ouro, eles poderiam desfrutar de uma baixa taxa de juros e da prosperidade.

A influência destas ideias era evidente quando o ministro italiano das finanças declarou que era necessária uma conferência dos bancos. Perto do fim da Segunda Guerra Mundial, essas ideias levaram ao estabelecimento do Fundo Monetário Internacional (FMI). O governo britânico sugeriu um banco internacional e, a fim de criar uma opinião pública favorável para uma "União Internacional de Compensação" publicou um panfleto escrito por Lord Keynes. Este panfleto, distribuído no país pelo escritório de propaganda britânica, declarou que a expansão do crédito era mais desejável. Nas próprias palavras de Keynes, a expansão do crédito tinha provocado o milagre de "converter as pedras em pão" no seio das nações e agora era necessário fazer isso em escala internacional. Eles queriam uma unidade monetária internacional. A Conferência de Bretton Woods produziu um documento e também um instituto com os membros, um conselho, e assim por diante. Mas é muito bem conhecido que, de outra forma, eles produziram nada. Desde o início, a Conferência foi abortiva e inútil.

Por que não pode ser o crédito expandido em uma base internacional? O fracasso da expansão do crédito não é devido ao fato de que tem sido

feito numa base nacional apenas, mas ao fato de que é impossível substituir o papel por bens de capital não-existentes. Não percebeu-se que o que é necessário para uma expansão econômica é mais bens de capital, mais economias anteriores. É verdade que na expansão do crédito passada de cada país chegou ao fim porque o ritmo da expansão não era o mesmo em outros países. Mas teria chegado ao fim de qualquer maneira.

A verdadeira razão pela qual um banco como internacional não pode ser bem sucedido é a impossibilidade de responder a essa pergunta: "Quem deve lucrar com esta expansão do crédito no curto prazo?" Suponha que havia um banco central — vamos supor que todas as rivalidades políticas são esquecidas. Tal banco internacional poderia aumentar a quantidade de crédito disponível, quer através da impressão de notas adicionais ou dando créditos bancários adicionais pelo dinheiro em talões de cheques. Mas, então, o problema aparece para os quais nenhuma solução possível, a quem será o novo crédito, o "dinheiro fácil", sendo oferecido?

Vamos supor que todo o montante adicional é emprestado a um país. Este país vai apreciar o primeiro boom. Suas pessoas terão mais dinheiro e vão aumentar o preço das coisas que elas querem comprar. Tendo mais dinheiro à sua disposição, elas vão estar na posição favorável de serem capazes de comprar de outros países ainda não ajustados à expansão do crédito. Este primeiro será o vencedor, e os outros serão os perdedores. Os outros países ainda vão vender a preços antigos, mas eles terão de comprar os a preços novos, mais altos.

As perguntas a serem feitas são: "Quem vai obter os empréstimos? Como vai o dinheiro adicional ser distribuído?" Cada grupo de países irá propor um sistema de distribuição. O Extremo Oriente vai favorecer a distribuição de acordo com a população. Os países avançados, por exemplo, irá sugerir a distribuição de acordo com o valor total da produção anual ou de acordo com a renda nacional. Portanto, esses planos são mais ou menos inúteis. O único valor do FMI, que tem sido uma das falhas mais visíveis das políticas mundiais dos últimos vinte anos, é que ele ocupa espaço de escritório em Washington.

Como todas essas coisas provaram-se inúveis, os defensores da expansão do crédito, isto é, aquelas pessoas que com Marx e os teóricos da Escola Bancária não acreditam que a origem de uma depressão é a expansão do crédito que o precede, propuseram elaborados métodos anticíclicos para minimizar depressões. Considerando depressões inevitáveis, eles querem torná-las tão suaves e tão brandas quanto possível por meio de interferência do governo. Sua ideia é que o ciclo vem de negócios ou de *laissez faire*, e o governo deve interferir com programas anticíclicos para torná-los mais suaves. Mas isso é exatamente o oposto do caso.

A ideia de medidas contracíclicas é que quando há uma crise, o negócio é ruim e há desempregados. O governo, então, deve intervir com obras públicas. Os membros da Liga das Nações e comissões das Nações Unidas

acreditam ter descoberto algo novo, mas isso não é novidade.

O boom chega ao fim porque os fatores de produção têm sido mal investidos. A existência de capacidade não utilizada em tempos de depressão é uma indicação de maus investimentos, porque erros de julgamento foram feitos no passado. A solução seria deixar os salários e os preços caírem até que as coisas comecem a subir novamente. Mas, em seguida, alguém sugere que o governo intervenha com obras públicas. Mas por que deveria o governo tomar os fatores longe das obras particulares onde eles são necessários? A resposta feita é que o governo deve restringir os gastos do governo, desde que há um boom e, em seguida, quando a depressão vem, embarcar em grandes projetos. De uma forma um pouco infantil esses relatórios sempre dizem que deve haver um número de projetos "na prateleira", já elaborados pelos tecnólogos. Assim que a crise parece, o governo deve tomá-los da prateleira e começar a trabalhar.

Esta ideia é errada, porque se baseia na comparação entre a situação do indivíduo por aquela de toda a nação. Um indivíduo é cauteloso; ele economiza para um dia chuvoso; ele pode perceber que ele está próspero agora, mas ele lembra que seu negócio pode não ser sempre bem sucedido. Quando o dia chuvoso vem e ele quer consumir, ele deve vender suas economias para outros que fazem uso delas.

O que o governo deveria fazer com os impostos que recolhe, se tal esquema de obras públicas está previsto? Deve acumular o dinheiro antecipadamente? Deve retirar o dinheiro do sistema de tributação, neutralizando assim a expansão do crédito? Os defensores de obras públicas sentem que o governo deve abser-se de gastos durante a expansão, acumular o dinheiro, e quando a depressão vem gastar o dinheiro, fazendo assim uma nova inflação. Talvez, eles pensam, será possível neste modo prolongar o crescimento de algumas semanas. Mas também é possível que o sistema econômico nao vai cooperar e a frente de trabalho vai deixar de trabalhar como ela falhou no início do *New Deal*.

A outra sugestão é que o tesouro do governo, e não o dinheiro, mas os meios de produção — as máquinas, ferramentas e matérias primas. Isto significaria que durante o boom do governo faria o boom ainda mais "boomy", aparecendo no mercado como um comprador de máquinas, ferramentas e matérias-primas.

Suécia se gabou de que ela tinha resolvido o problema da depressão, seguindo políticas anticíclicas. Na década de 1930 a sua posição era bastante peculiar. Suécia exporta precisamente essas coisas que a Alemanha estava consumindo por seu esforço de rearmamento — ferro, madeira, máquinas etc. A situação da Suécia neste boom de rearmamento era como aquele de Pittsburgh ou a seção de entretenimento da Broadway teria gostado se tivessem sido países independentes durante a guerra. Eles teriam vendido aço e fornecido diversões para os soldados e trabalhos de munições; eles teriam apreciado as vantagens e teriam nenhuma das desvantagens de um

boom. Eles teriam sido as seções mais florescentes do hemisfério ocidental. Esta era a situação na Suécia. Dizer que era sua política maravilhosa é outra coisa. Então, quando a guerra acabou, sua vantagem sobre o mundo inteiro devia-se a sua neutralidade. Você sabe, que teria sido uma história diferente se Hitler tivesse ido para a Suécia. Um dos economistas suecos foi feito chefe da reconstrução da Europa, que tem sido uma experiência bastante miserável.

Nenhum boom é possível sem a expansão do crédito, e a expansão do crédito deve resultar em catástrofe. Quando o fim do boom vem e a depressão começa, a psicologia das pessoas pode fazer a depressão durar mais tempo do que teria. (A depressão de 1929, por exemplo, durou tanto tempo como o fez porque os sindicatos não iriam aceitar qualquer redução substancial dos salários. Este importante fator de custos do boom permaneceu por muitos anos e poderia ser remediado apenas por uma nova inflação). O boom é ilusório; baseia-se no pressuposto de que somos mais ricos do que realmente somos. O boom começou projetos que não poderiam ser executados. A depressão significa o reajuste de condições para o estado real das coisas. Na depressão, a principal atividade de negócio consistem em salvar o que pode ser resgatado a partir do boom. A depressão dura o tempo necessário para acumular, por novas economias, o capital necessário para a continuação de tantos empreendimentos quanto possível, que foram iniciados durante o boom. A depressão não significa o empobrecimento do país. Na verdade, reflete uma imagem mais precisa do que o boom anterior. Mas, devido a razões psicológicas e a situação política causada pela depressão, pela queda nos preços, e o declínio na produção, que pode ir muito mais longe do que o necessário para restabelecer as condições anteriores.

Literatura sobre o ciclo comercial, especialmente o material mais recente, tomou prazer sádico em descrever em detalhes todos os fenômenos da depressão. Às vezes fenômenos paradoxais aparecem. Mas não podemos deixar de perceber que a depressão é o retorno à realidade e a tentativa de fazer bem, na medida do possível, as deficiências produzidas pelo boom anterior.

Durante o século XIX houve uma recorência quase regular de booms e depressões. Isto é o que tem sido chamado de "ciclo comercial". Assim que as condições começam a normalizar, as pessoas e o governo chamam para uma nova expansão do crédito e o boom começa novamente.

As pessoas passaram a considerar o ciclo de comércio como um fenômeno comercial inevitável, e eles começaram a estudar a duração do ciclo. Todos os esforços para estimar a duração do ciclo de comércio são mais ou menos fantásticos. Porque alguns economistas declararam que o cumprimento do ciclo é de onze anos, a ideia surgiu de que ele não é causado por eventos sociais e humanos, mas por eventos cósmicos. A teoria das manchas solares foi desenvolvida. Tais teorias são penas suposições. Em primeiro lugar, o ciclo não é onze anos. Além disso, se for verdade, por que negócios, que se ajustam à natureza, o clima, a fertilidade, e outras condições, nunca

perceberam isso e ajustam suas atividades para as manchas solares? Não há a menor prova empírica de que os ciclos e as manchas solares coincidem.

Mas uma regularidade de algum tipo foi reconhecida. Há alguma sensação de que os ciclos comerciais são um novo desenvolvimento que veio com o sistema bancário e dinheiro dos tempos modernos. Mas é o ciclo comercial inevitável? Se o capitalismo continua, vai este fenômeno prevalecer no futuro, uma vez que tem prevalecido no passado? A ciência da ação humana não deve ser confundido com as ciências naturais. Ciclos comerciais originaram como o resultado de uma expansão de ação e de crédito humana. Será que o ciclo de comércio continua se este conhecimento se torna geral? Certamente não! Se toda a gente percebe que a expansão do crédito é a causa dos seguintes depressão, governos e pessoas provavelmente vão aprender que a expansão do crédito não é a sua vantagem e será descontinuada.

Por outro lado, vamos supor que os governos e a opinião pública, apesar de essa percepção, teimosamente se agarram a uma política de expansão de crédito ao longo do tempo. Não seria provável que a reação do empresário individual a expansão do crédito seria diferente? Pode o negócio em si, apesar dos incentivos governamentais, fazer ajustes para que o negócio seja mais estável? Suponhamos que o governo embarca em expansão do crédito e os empresários sentem que é questionável. Em vez de expandir suas operações porque a expansão era possível, eles podem tornar-se bastante cautelosos e não expandir na medida do possível. Esta não é uma ideia tão impossível. Lembre-se da ação catalisadora *New Deal*. O *New Deal* queria um boom, mas nenhuma depressão. Eles queriam fazer apenas o movimento inicial e, em seguida, parar de expandir crédito. Mas os empresários perceberam que o governo estava planejando parar uma vez que os empresários tivessem começado a expansão e eles não caíram nessa armadilha.

Isso me faz pensar que os ciclos comerciais que ocorreram nos países capitalistas de 1780 em maio eventualmente desapareceram. Seria um erro, portanto, dizer que o ciclo comercial pertence à economia de mercado e não vai desaparecer, desde que haja uma economia de mercado. Em primeiro lugar, o ciclo de comércio não é um fenômeno de mercado, mas um fenômeno da expansão de crédito que é inserido na economia de mercado, porque os governos e a opinião pública acreditam que o normal funcionamento da economia de mercado não produz pontes e riqueza suficientes. Eles acreditam ter descoberto o método de "converter as pedras em pão". Eu diria que o ciclo de comércio pode ser apenas um fenômeno passageiro, uma evidência da diferença entre a ciência da ação humana e as ciências naturais.

O que está errado no boom pode ser descrito como desproporcionalidade entre os vários ramos da produção, entre os bens de produção e bens de consumo. Aqueles que tentam explicar um boom geral ou perdas em todo o país em geral como devido a essa desproporcionalidade na produção de negócios apontam que existem bens de consumo duráveis e bens de produção. Quando uma nova invenção, como a geladeira, vem ao mercado, todo mundo

quer comprar. Aquela determinada indústria sofre boom e expande. Mas, pergunta-se, quando todo mundo comprou uma geladeira nova, como a indústria pode continuar a se expandir? A mesma situação aplica-se, dizem eles, a outras empresas — as empreiteiras, e assim por diante. Depois de todos os que querem estes bens duráveis e de produção os tenham comprado, a demanda cai e há a depressão. Esta ideia é realmente fantástica, porque a expansão econômica não ocorre dessa forma.

A teoria monetária do ciclo econômico explica a desproporcionalidade dessa maneira. No começo apenas alguns compram a nova invenção e, em seguida, mais e mais. Quando os últimos compram, aqueles que compraram a produção precoce precisam de substituições. Empresários não são tão estúpidos para dizerem que um negócio que era bom ontem será necessariamente bom amanhã também. Um homem embarcando em um novo negócio se pergunta se já existem bastante instalações. As pessoas não entram no negócio como idiotas. Isso explica os tamanhos proporcionais das diversas indústrias e a razão pela qual o número de pães produzidos e vendidos no mercado é maior do que o número de caixões. Isto é porque o tamanho das indústrias é ajustado para a vida da sua produção. Não é necessário que o governo diga às pessoas o que seria excedente de produção. Os cálculos de um empresário podem estar errados e aquele homem pode ir à falência. Talvez ele tenha aumentado a produção na indústria automobilística quando ele deveria ter aumentado-a na indústria frigorífica. Ele causou um excedente de automóveis e uma deficiência de frigoríficos. Todos os dias há perda para alguns negócios e ganhos para outros. Isto significa que algumas empresas terão excesso de pessoal e algumas escassez de pessoal. Mas isso não significa um boom geral ou uma perda geral nacional. Um boom geral só pode ser provocado pela ilusão que é inerente à expansão do crédito.

Todas as tentativas para explicar a crise referindo-se aos erros e insuficiências de empresários estão em erro; elas não conseguem levar em consideração que tais erros neutralizam uns aos outros. Se um setor de negócios fez com que o erro de expansão excessiva, há necessariamente sub produção e bons negócios em outros ramos. Só pela expansão do crédito em geral um boom pode ser causado.

A ideia de que o que está errado com o negócio é que o empresário não vê todo o campo, mas apenas um pequeno segmento e, por isso, é obrigado a cometer erros é a ideia de Marx da anarquia da produção. Adam Smith e outros responderam a isto em seus livros. Marx não conseguiu explicar o fato de que, mesmo que nenhum ditador diz aos homens o que fazer, há uma tendência no sistema econômico para dar a cada ramo da indústria precisamente essa quantidade de capital, trabalho e produtos que os consumidores demandam. Aqueles que acertam fazem lucros; aqueles que estão errados incorrem em perdas. O resultado é que o controle, eventualmente, dos fatores de produção fica nas mãos de quem melhor satisfaz as necessidades dos consumidores.

Se o governo, por meio de um imposto sobre a produção, tenta eliminar os lucros, para confiscá-los e, portanto, para impedi-los de trazer sobre as consequências que resultariam sem esses impostos, o funcionamento do mercado é consideravelmente enfraquecido. O resultado é que a progressividade econômica e a tendência para melhoria que são inerentes no sistema capitalista são eliminados e a rigidez entra no sistema.

Como exemplo, vamos considerar uma loja de departamento desenvolvida anos atrás por um jovem ambicioso que começou no negócio com "dois cadarços" [com "pouco dinheiro"]. A economia de mercado impede a loja de departamentos antiga de se tornar rígida, conservadora e burocrática. Se isso acontecer, e se netos do fundador operarem a loja de forma ineficiente, outras pequenas lojas ao virar da esquina vão fazer lucros, consumir apenas uma parte dos seus lucros, e investir a diferença. Com o tempo, os negócios da antiga loja vão encolher até que ela possa ser absorvida pelo recém-chegado, ou talvez vendida a nova gestão. Em seguida, uma das pequenas lojas será a grande loja de departamentos.

Mas hoje as coisas são diferentes. Tributação moderna impede o recém-chegado de reinvestir a maior parte de seus fundos. O governo não legalmente e oficialmente discrimina o recém-chegado; se ele ganha US $ 250.000, ele é tributado o mesmo que um negócio antigo fazendo US $ 250.000. Mas o capital de negócios futuros é tributado embora antes que o recém-chegado possa construir a grande loja. Portanto, a velha loja de departamento é um pouco protegida; ela não precisa competir tão ativamentecom o recém-chegado talentoso, e pode tornar-se negligente. Estas condições tornam difícil para os recém-chegados desafiar empresas estabelecidas, os "interesses escusos". As pessoas pensam que as leis fiscais são extremamente progressivas, mas na realidade elas são extremamente conservadoras, favorecendo a estrutura existente contra os recém-chegados. Rigidez resulta. Mas isso não tem nada a ver com o nosso tema, a expansão do crédito. No entanto, se houver uma expansão do crédito, os bancos preferem emprestar para o velho, em vez de novas empresas. Isto também significa que a estrutura existente tende a ser petrificada.

Eu quero dizer algo sobre os bancos e sua ligação com a expansão do crédito. Nós nunca devemos confundir duas coisas muito diferentes que não têm nada em comum, exceto pelo fato de que o negócio é feito pela mesma pessoa, o banqueiro. Em um caso, o banqueiro pode emprestar seu próprio dinheiro, aquele que empresta seu próprio dinheiro é um emprestador de dinheiro. Neste caso, não há dúvida de expansão de crédito.

No outro caso, o banqueiro pode emprestar o dinheiro de outras pessoas. O banqueiro que recebe depósitos de clientes e empresta esse dinheiro, dinheiro de outras pessoas, é um banco de poupança, um intermediário. O banqueiro também pode criar meios fiduciários, as notas, e emprestá-las, também, geralmente, creditando contas correntes de seus clientes. Como estas duas funções bancárias — que emprestou os depósitos de clientes e

concedeu empréstimos de meios fiduciários — estão geralmente ligados nas mesmas empresas, o governo, que controla o negócio do meio fiduciário, ganhou o controle de toda a operação de crédito. Isso tem dado tremendos poderes para o governo. Se nunca houve interferência do governo com os bancos, todo o problema nunca teria aparecido.

Os defensores da interferência do governo com a emissão de notas de banco e dinheiro em talão de cheques justificam esta política declarando que "o livre comércio no setor bancário é o livre comércio de burla". Os pobres, pessoas ignorantes, devem ser protegidos, dizem, contra notas ruins. Mas ninguém seria forçado a tomar notas, se não tivessem sido declarado curso legal pelo governo. Mas ninguém seria forçado a tomar notas bancárias, se não tivessem sido declarado curso legal pelo governo. A literatura alemã de meados do século XIX, considerou realmente necessário proteger os pobres da Alemanha dos bancos. Mas o banco central alemão, o Reichsbank, desvalorizou a partir de 1914, quando um dólar americano equivalia 4.20 marcos, a 1923, quando tomou 4.200.000.000 marcos para comprar um dólar. A situação hoje neste país não é tão ruim, mas é ruim o suficiente. A interferência do governo em dinheiro e negócio bancário tem feito o governo supremo na desvalorização do dinheiro. Os resultados de hoje são fantásticos em comparação com as promessas e as razões para dar ao governo este poder. Poderia alguma coisa ser pior do que ter o dinheiro nas mãos das pessoas encolhendo no dia a dia?

Lord Keynes chamou o padrão-ouro de uma "relíquia bárbara". Muitos livros dizem que o governo teve que intervir porque o padrão ouro falhou. Mas o padrão ouro não falhou! O governo aboliu o padrão-ouro, tornando ilegal manter ouro. Mas ainda hoje, todo o comércio internacional é calculado em ouro. Não é porque o ouro é amarelo e pesado, mas porque o ouro por si só torna a determinação do poder de compra da unidade monetária independente das mudanças nas ideias de governos e partidos políticos.

A essência da economia de mercado é que as ações econômicas dos indivíduos não são executadas por ordem do governo, mas de forma espontânea pelos indivíduos. Isto requer também que o dinheiro, o meio de troca, ser independente da influência política. Se não, os próximos anos serão nada além de uma série de falhas de várias políticas monetárias e de crédito governamentais. Para evitar isso, é necessário fazer com que todos percebam que não há milagres keynesianos possíveis, e que você não pode melhorar a situação das pessoas pela expansão do crédito.

Muito obrigado.

Bibliography

[1] Anderson, Benjamin McAlester. *Economics and the Public Welfare: Financial and Economic History of the United States, 1914–1946.*, New York: D. Van Nostrand Co., 1949.

[2] Cannan, Edwin. *Money: Its Connexion with Rising and Falling Prices.* London: P. S. King & Son, Ltd., 1935. (Reprinted by Staples Press, Inc., New York, 1945)

[3] Cortney, Phillip. *The Economic Munich: The I.T.O. Charter, Inflation or Liberty, The 1929 Lesson.* New York: The Philosophical Library, 1949.

[4] Hume, David. *Essays, Moral, Political and Literary.* First published in 1741, many reprints.

[5] Weber, Max. *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* (Collected Essays on the Sociology of the Great Religions). The first study in this book has been translated into English under the title of The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism. London: George Allen Unwin Ltd., 1930. 2nd ed., 1948.

[6] icksteed, Philip H. *The Common Sense of Political Economy and Selected Papers and Reviews on Economic Theory.* London: George Routledge & Sons, Ltd., 1935.